

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS

**ESTATUTO SINTÁTICO-SEMÂNTICO DO VERBO *FAZER* NO
PORTUGUÊS ESCRITO DO BRASIL**

AMANDA PONTES RASSI

GOIÂNIA/GO
2008

AMANDA PONTES RASSI

**ESTATUTO SINTÁTICO-SEMÂNTICO DO VERBO *FAZER* NO
PORTUGUÊS ESCRITO DO BRASIL**

Dissertação apresentada à Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Oto Araújo Vale

Goiânia

2008

A todos os que, de alguma forma, ajudaram-me, inspiraram-me e me motivaram. Dedico também àqueles a quem este trabalho possa algum dia servir.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos que, direta ou indiretamente, ajudaram-me na realização deste trabalho, especialmente:

Aos meus pais, Ana Arlete e Armando, e meus irmãos, Alessandra e Herman, pela força, inspiração e confiança;

À tia Valsi e ao Tchuca, que me acolheram muito bem quando precisei me ‘refugiar’ para redigir a dissertação;

Às professoras Doutoras Joana Plaza Pinto, Vânia Cristina Casseb-Galvão, Kátia Menezes, Suelí Aguiar, Maria do Socorro Pimentel e Sílvia Bigonjal Braggio, por despertarem e estimularem em mim o gosto pela Lingüística;

À coordenação e direção do Colégio Neo Objetivo de Porangatu-GO, por compreenderem e aceitarem minha ausência nos dias em que eu precisava viajar em função deste projeto.

À diretora da Universidade Estadual de Goiás – Universidade Universitária de Porangatu, Eunice de Farias, e à coordenadora do Curso de Letras da mesma unidade, Valdilene Elisa da Silva, por confiarem e acreditarem no meu trabalho; e por me darem a oportunidade de lecionar na Unidade e crescer nessa área;

Aos amigos e colegas de trabalho: Max Lânio, Monise, Gersion, Maria José, Cristiano, Maria Luisa, Silvia Neves, Valéria, pelo incondicional apoio e incentivo;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Oto Araújo Vale, cuja competência, paciência e colaboração foram fundamentais para orientar este projeto.

“Comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível, e de repente você estará fazendo o impossível”

(São Francisco de Assis)

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	7
NOTAÇÕES, SINAIS E SÍMBOLOS	8
RESUMO	9
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
I. TEORIAS QUE NORTEIAM A PESQUISA	19
1.1 Teoria do Léxico-Gramática	19
1.1.1 Premissa 1: Cada item lexical de uma língua tem sua própria gramática	20
1.1.2 Premissa 2: A unidade mínima de análise é a frase simples	21
1.1.3 Premissa 3: Há uma correlação entre as propriedades sintáticas e semânticas do léxico, e ele só pode ser descrito mediante reconhecimento da existência dessa correlação	22
1.1.4 Premissa 4: As línguas podem ser descritas por meio de autômatos finitos	24
1.2 Teoria de valências	25
1.2.1 Percurso histórico	26
1.2.2 O conceito de valência	27
1.2.3 A relação com a gramática tradicional	27
1.2.4 A representação da Gramática de Valências em predicados e argumentos	29
II. PRINCÍPIOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	32
2.1 Método de descrição do Léxico-Gramática	33
2.1.1 Regras transformacionais	34
2.1.2 Tábuas do Léxico-Gramática	36
2.2 O corpus	37
2.3 O programa UNITEX	42
2.4 Princípio de classificação	44
III. CONSTRUÇÕES COM VERBO SUPORTE	47
3.1 Conceito de verbo suporte	48
3.2 Histórico dos <i>Vsup</i>	51
3.3 As ocorrências no <i>corpus</i>	52
3.3.1 <i>V-n</i> com seus respectivos verbos plenos	55
3.3.1.1 Aspectualidade verbal	56
3.3.1.2 Princípio da economia de esforço lingüístico	57
3.3.2 <i>V-n</i> que possuem verbos plenos não-correspondentes	58
3.3.3 <i>V-n</i> que não possuem verbos plenos correspondentes	60
3.3.4 A expressão “fazer parte de”	63
3.3.5 Funções sintáticas: AA = OD e CN = OI	65
3.3.6 Funções morfológicas: adjetivo e advérbio	66
3.4 Últimas considerações sobre o <i>fazer</i> suporte	69
IV. CONSTRUÇÕES COM O HIPERVERBO FAZER	72
4.1 <i>Vsup</i> que funciona como <i>Vhip</i>	75
4.2 <i>Vpleno</i> que funciona como <i>Vhip</i>	76
4.3 As classes de objetos e o hiperverbo <i>fazer</i> no <i>corpus</i>	78
V. CONSTRUÇÕES COM VERBO PLENO	81
5.1 Nomes predicativos e sintagmas nominais	83
5.2 O <i>fazer</i> como verbo pleno	85
5.3 As ocorrências no <i>corpus</i>	86
VI. CONSTRUÇÕES COM VERBO VICÁRIO	90
6.1 As abordagens gramatical e linguística para os <i>Vvic</i>	91
6.2 Análise das ocorrências no <i>corpus</i>	93

VII. CONSTRUÇÕES COM OPERADOR CAUSATIVO	96
7.1 Abordagem tradicional para os <i>VopC</i>	96
7.1.1 Classificação tradicional para os <i>VopC</i>	97
7.1.2 Sujeito anteposto e posposto	100
7.2 Análise das ocorrências com as estruturas “Fazer que” e “Fazer com que”	102
VIII. FAZER FORMADOR DE EXPRESSÃO CRISTALIZADA	107
8.1 Conceito de expressão cristalizada	107
8.2 Análise das ocorrências das ECs no corpus	109
8.2.1 ECs com estrutura {N0 V C1 prep C2}	110
8.2.2 ECs com estrutura {N0 V C1}	111
8.2.3 ECs com as estruturas {N0 V C1 mod} ou {N0 V mod C1}	113
8.2.4 ECs com estrutura {N0 refl V prep C1}	113
8.2.5 ECs com estrutura {N0 V prep C1 C2}	114
8.2.6 ECs com estrutura {N0 V C1 prep N2}	115
8.2.7 ECs com estrutura {N0 V prep C1 F}	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	122

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Amostra de <i>corpus</i> com <i>Vsup</i> <i>fazer</i> e <i>V-n</i> <i>pesquisa/ estudo/ análise/ trabalho/ teste</i> _____	53
Quadro 2 – Correlação entre o verbo pleno e a nominalização_____	55
Quadro 3 – Frases construídas com <i>Vsup</i> que apresentam sujeito ambíguo _____	59
Quadro 4 – Expressões construídas com { <i>Vsup</i> + <i>Npred</i> } que não possuem verbo pleno correspondente _____	63
Quadro 5 – Amostra de <i>corpus</i> com a expressão <i>fazer parte de</i> _____	63
Quadro 6 – Correlação entre Adjunto Adnominal e Objeto Direto _____	64
Quadro 7 – Amostra de <i>corpus</i> com <i>Vsup</i> { <i>fazer</i> + <i>Npred</i> + <i>Adjetivo</i> } _____	68
Quadro 8 – Definição de alguns verbos plenos _____	70
Quadro 9 – Amostra de <i>corpus</i> constituído pelo verbo pleno <i>fazer</i> _____	79
Quadro 10 – Correlação entre o hiperverbo e as classes de objetos _____	87
Quadro 11 – Fronteira entre as classes de verbo vicário e hiperverbo _____	94
Quadro 12 – Amostra de <i>corpus</i> com verbo operador-causativo e sujeito posposto _____	98
Quadro 13 – Amostra de <i>corpus</i> com verbo operador-causativo e sujeito preposto _____	101
Quadro 14 – Amostra de <i>corpus</i> constituído pela expressão <i>fazer com que</i> _____	103
Quadro 15 – Amostra de <i>corpus</i> constituído pela expressão <i>fazer que</i> _____	104
Quadro 16 – Fronteira entre as classes de verbo suporte e formador de EC _____	111
Quadro 17 – Amostra de <i>corpus</i> com Expressão Cristalizada 1_____	114
Quadro 18 – Amostra de <i>corpus</i> com Expressão Cristalizada 2_____	116

NOTAÇÕES, SINAIS E SÍMBOLOS

L-G = Léxico-Gramática

GV = Gramática de Valências

V = verbo

V^{sup} = verbo suporte

V^{hip} = hiperverbo

V^{opC} = verbo operador / operador causativo

V^{inf} = verbo no infinitivo

V^{vic} = verbo vicário

VTD = Verbo Transitivo Direto

VTI = Verbo Transitivo Indireto

VTDI = Verbo Transitivo Direto e Indireto ou Verbo Bitransitivo

N = substantivo ou grupo nominal;

V-n = substantivo morfologicamente associado a um verbo

N_{pred} = Nome Predicativo

N₀ = substantivo ou grupo nominal na posição de sujeito

N₁ = substantivo ou grupo nominal na posição de primeiro complemento

N₂ = substantivo ou grupo nominal na posição de segundo complemento

prep = preposição

F = frase; oração

C = parte cristalizada em uma expressão

C₁ = parte cristalizada em posição argumental primeiro complemento do verbo da expressão

C₂ = parte cristalizada em posição argumental segundo complemento do verbo da expressão

SN = sintagma nominal

OD = Objeto Direto

OI = Objeto Indireto

EC = Expressão Cristalizada

EI = Expressão Idiomática

<E> = Elemento vazio ou de não realização lexical

+ : sinal de concatenação; soma; adição de itens lexicais ou sintagmas

/ : alternância de itens lexicais ou sintagmas (ou um ou outro)

= : equivalência semântica entre sentenças

: junção de frases, sem as devidas concordâncias

* : indica agramaticalidade e/ou inaceitabilidade da sentença

? : indica dúvida quanto à (in)aceitabilidade e/ou (a)gramaticalidade da sentença

RASSI, Amanda Pontes. *Estatuto sintático-semântico do verbo fazer no português escrito do Brasil*. Goiânia, 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás.

RESUMO

Este trabalho propõe analisar o funcionamento e os usos do verbo *fazer* em textos escritos do português do Brasil. O modelo adotado para a análise é o do Léxico-Gramática (GROSS, 1975, 1981), segundo o qual todas as regras sintático-semânticas de uma língua podem ser descritas a partir de suas frases simples. A Teoria de valências (BORBA, 1996) reconhece o mesmo princípio, acrescentando que há uma hierarquia entre os constituintes da frase e que, em geral, o item lexical central que seleciona todos os outros elementos frasais é o item lexical verbal. As teorias do Léxico-Gramática e de valências, juntamente com as noções de signo, significado, valor, texto e gênero, constituem a fundamentação teórica desta pesquisa, ao mesmo tempo qualitativa e quantitativa, buscando não apenas os tipos de verbo *fazer*, mas, sobretudo, sua maior ou menor recorrência no *corpus*. As acepções e usos do verbo *fazer* foram retirados dos textos que compõem o Lacio-Ref, *corpus* de referência do Projeto Lacio-Web, organizado e publicado pelo NILC da USP (ALUISIO et al., 2004). Parte-se, portanto, do pressuposto de que todos os verbos do português passam por um *continuum*, que vai desde verbo pleno – que é o mais prototípico – até verbo constituinte de uma expressão cristalizada, admitindo-se como verbo suporte, vicário, operador-causativo, hiperverbo, dentre outras classificações. Para chegar a essas classes e, conseqüentemente, aos resultados, a análise do *corpus* seguiu o Modelo Transformacional (HARRIS, 1964, 1968), aplicando regras transformacionais às frases simples para verificar sua aceitabilidade ou inaceitabilidade na língua. A análise propiciou reconhecer três propriedades interessantes em relação ao funcionamento do verbo *fazer* em português escrito do Brasil: a) sua forma predominante é como verbo suporte, diferentemente de muitos outros verbos do português; b) sua classificação passa por um continuum, não podendo ser descrita em termos de limite entre uma categoria e outra, mas em termos de fronteiras, onde duas categorias se mesclam e interpõem; c) é um dos verbos mais produtivos da língua portuguesa, o que se explica pela idéia da economia do esforço lingüístico.

Palavras-chave: *fazer*, sintaxe, semântica, lexicologia

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A elaboração deste trabalho partiu da necessidade de descrever o funcionamento de um item lexical da língua portuguesa: o verbo *fazer*, dada a sua grande recorrência e produtividade, por isso a pesquisa propõe uma investigação sintático-semântica das ocorrências do verbo *fazer* no português escrito do Brasil. A correlação entre sintaxe e semântica é um dos princípios básicos da Teoria do Léxico-Gramática (GROSS, 1975, 1981), a qual dá base a todo o desenvolvimento da presente pesquisa.

Segundo essa teoria, uma descrição das unidades de significação não pode ser feita considerando-se uma palavra isolada, mas sim a palavra em contexto a partir da elaboração de frases simples, tratadas como a relação entre um operador e seus argumentos. Nesse sentido, o verbo *fazer*, objeto de estudo deste trabalho, pode ser analisado e definido por meio de outras palavras que com ele se combinam e produzem diferentes significados na língua. Assim, a partir de combinações sintáticas entre os elementos lingüísticos, depreendem-se diferentes traços semânticos da proposição; daí a necessidade de utilizarem-se os princípios teóricos do Léxico-Gramática (doravante L-G).

Toda a análise fundamenta-se nesses princípios teóricos do L-G, mas a seleção por essa abordagem em função de outra qualquer não exclui a aplicação de outras teorias e métodos nos procedimentos de análise e da descrição lingüística. Outros fundamentos teórico-metodológicos serão utilizados neste trabalho com o objetivo de complementar a proposta do L-G, portanto serão investigadas também a Gramática de Valências (BORBA, 1996), que prevê as noções de Predicados e Argumentos (BUSSE & VILELA, 1986), bem como os métodos da Gramática Transformacional (HARRIS, 1961, 1964, 1968) e os princípios metodológicos da Lingüística de Corpus (SARDINHA, 2004).

O *corpus* selecionado para a análise dos usos do *fazer* foi o Lacio-Ref, considerado o *corpus* de referência do Projeto Lacio-Web, organizado e publicado pelo Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional da Universidade de São Paulo. É um *corpus* de língua escrita, composto por cerca de 5 mil textos de diversas modalidades e gêneros textuais.

Dos exemplos que serão utilizados ao longo da dissertação, vale esclarecer que aqueles que apresentam indicação de referência, ao final da frase, foram retirados de textos do *corpus*. Já os exemplos que não apresentam nenhum tipo de indicação foram construídos pela autora ou representam o resultado da aplicação de regras de transformação a alguma sentença retirada do *corpus* referido.

A opção por estudar o item lexical *fazer* da língua portuguesa foi devido ao seu estatuto, seu funcionamento e, principalmente, à sua produtividade na língua em questão. O verbo *fazer*, juntamente com o “ser”, “estar”, “ter” e o “dar”, é um dos verbos mais produtivos das línguas latinas (LA FAUCI e MIRTO, 2003), ou seja, são os verbos mais utilizados pelos falantes, seja na fala seja na escrita.

Apesar da grande produtividade, é difícil encontrar, na literatura, alguma classificação para o verbo *fazer* que seja totalmente satisfatória, que abarque todas as suas possibilidades de ocorrência. Isso acontece porque a maioria das gramáticas só consideram o caráter sintático dos verbos, classificando-os como de ação, de processo, ação-processo, estado, impessoal, pronominal, reflexivo, modal, dentre várias outras classificações, mas raramente reconhecem suas particularidades semânticas.

Devido a isso, as noções de verbo pleno, suporte, substitutivo, vicário, operador-causativo, dentre outras, muitas vezes são ignoradas por estudos linguísticos mais superficiais, já que essas classificações levam em conta tanto os aspectos sintáticos como os semânticos do verbo.

Um verbo pleno, por exemplo, é aquele que possui o núcleo da significação verbal em si mesmo, não precisando de outros signos que o expliquem ou esclareçam, como é o caso do verbo *emoldurar*. Outra forma de dizer o verbo *emoldurar* seria, por exemplo, a nominalização *pôr uma moldura*, que é constituída de um verbo suporte *pôr* e um nome predicativo *uma moldura*; assim, pode-se considerar que o verbo suporte é o oposto do verbo pleno, pois, conforme explica Giry-Schneider (1978), o “verbo suporte é destituído de carga semântica, servindo apenas para indicar as marcas verbais de tempo, modo, número e pessoa”, relativos ao nome predicativo (doravante *Npred*), que é o nome que carrega todos os traços semânticos do verbo.

A expressão *pôr uma moldura* é tão significativa quanto o item lexical *emoldurar*, porém não se pode dizer que os dois signos verbais – *pôr* e *emoldurar* – sejam igualmente significativos, portanto a diferença entre ambos não pode ser dada apenas pelo seu aspecto sintático, mas deve-se levar em consideração a correlação entre sintaxe e semântica. Tomem-se como exemplos duas frases simples do português, a saber:

(1) Rita *emoldurou* o quadro.

(1a) Rita *pôs uma moldura* no quadro.

As gramáticas tradicionais classificam, no primeiro caso, *emoldurou* como verbo transitivo direto (doravante VTD) e *o quadro* como objeto direto (doravante OD). Em relação ao verbo *pôs* do segundo exemplo, duas classificações sintáticas são possíveis: pode ser classificado tradicionalmente como verbo transitivo direto e indireto (doravante VTDI), o que pode ser justificado pela presença dos elementos *uma moldura* (OD) e *no quadro*, que é o objeto indireto (OI); ou ainda como verbo transitivo direto que admite o adjunto adverbial de lugar, ou circunstancial *no quadro*, além do OD *uma moldura*.

Ambas as classificações para (1a) são igualmente aceitáveis, pois, por um lado, o verbo *pôr* implica colocar algo em algum lugar, o que corresponde à primeira interpretação,

e, por outro, o sintagma *no quadro* funciona como um locativo, o que faz com que o verbo *pôr*, nessa segunda interpretação, se assemelhe ao verbo *estar*, classificado tradicionalmente como intransitivo nos casos em que é seguido por um locativo, como em:

(2) Rui *está* na sala.

(3) Ana *está* no Brasil.

O problema dessa classificação estritamente sintática é que o substantivo *quadro* está muito mais ligado ao substantivo *moldura* que ao verbo *pôr* – inclusive porque se pode dizer, por exemplo, *a moldura do quadro*. Para esclarecer esta explanação, tomem-se novos exemplos com o verbo *dar*:

(4) Rui *deu* um beijo em Ana

(4a) Rui *beijou* Ana

(5) Rui *deu* um ramalhete para Ana

Nesta última sentença (5), o OI *para Ana* está tão ligado ao verbo quanto o OD *um ramalhete*, diferentemente do que ocorre em (4), em que o verbo está muito mais relacionado com o OD *um beijo* que ao OI *em Ana*¹. No mesmo sentido, o sintagma *em Ana* – da sentença (4) – se assemelha muito mais a um locativo, pois indica o lugar em que o beijo foi dado, podendo também ser classificado como um adjunto adverbial de lugar ou circunstancial. Com essa interpretação, a sentença (4) não estaria completa, pois lhe faltaria – conforme sugere a gramática tradicional (BECHARA, 2001) – o complemento na posição de objeto indireto.

Na tentativa de solucionar o problema da classificação tradicional, pode-se também considerar que *em Ana* – do exemplo (4) – seja muito mais um complemento ou adjunto do nome *beijo* do que um complemento verbal, como geralmente é classificado. Essa nova

¹ Na verdade, a classificação de *um beijo* como OD e *em Ana* como OI só é válida no sentido de que o verbo *dar* é um verbo bitransitivo e, portanto, sua classificação sintática exige um complemento verbal preposicionado e outro não-preposicionado; os únicos constituintes frasais que podem assumir esses espaços são, respectivamente, *um beijo* e *em Ana*.

perspectiva mudaria toda a classificação anterior, pois o elemento central da frase deixaria de ser apenas *dar* e passaria a ser *dar um beijo* que nada mais é que *beijar*, como está expresso em (4a).

Da sentença (4), depreendemos três informações: quem deu o beijo em Ana, o que Rui fez e em quem Rui deu o beijo. No exemplo (4a), também temos as mesmas três informações da frase (4), apesar de a primeira ser composta por um maior número de palavras² que a segunda. A sentença (5), ao contrário, dá quatro informações: quem deu o ramalhete a Ana, o que Rui fez, o que Rui deu a Ana e para quem Rui deu o ramalhete.

Dizemos, então, que o verbo *beijar* do exemplo (4a) e o verbo *dar* do (5) são plenos, ao passo que o *dar* do exemplo (4) é suporte, pois não transmite nenhuma informação que altere ou acrescente o sentido da frase. A carga semântica da segunda informação – o que Rui fez – portanto, recai sobre o verbo, nos exemplos (4a) e (5), e sobre o nome *beijo*, no exemplo (4).

Da mesma forma que os verbos *dar* e *pôr*, também o verbo *fazer* possui as propriedades de ser ora verbo pleno ora suporte. Porém, há que se levar em conta que, mesmo que seja um verbo pleno, ele pode ser “+” ou “-” pleno, ou, se for suporte, pode ser “+” ou “-” suporte, e assim por diante. Levando em consideração essas noções, propõe-se construir um *continuum* para o verbo *fazer* estabelecendo a frequência das ocorrências e a prototipicidade de cada categoria.

Em trabalho anterior (RASSI, 2005), na tentativa de estabelecer uma tipologia das expressões cristalizadas com o verbo *fazer*, constatou-se que o tipo de *fazer* com maior incidência no *corpus* utilizado – composto por dicionários de referência da língua portuguesa – foi de verbo suporte, como em:

(6) Não quis *fazer* qualquer *declaração* à imprensa (DIC3-def-dez01)

² Tome-se a noção de “palavra” considerada aqui na concepção mais estrutural e formalista possível, como a seqüência de letras entre dois espaços em branco (na língua escrita) e que possui um significado na língua.

(7) Já foram *fazer* alguma *fofoca* de mim pra você, né? (DIC3-def-dez01)

(8) Que mania de *fazer drama* à toa! (DIC3-def-dez01)

em que uma construção do tipo {Verbo suporte + Npred} assume o lugar de um verbo pleno, como *declarar*, *fofocar* e *dramatizar*, respectivamente. Esse tipo de construção sintático-semântica será analisada mais detalhadamente no capítulo 3, seção referente a verbos suporte.

A motivação lingüística ou extralingüística para que esse tipo de *fazer* seja o mais prototípico em português – ou pelo menos o mais recorrente – será verificada no decorrer da pesquisa.

No capítulo 4, será analisado um tipo especial do *fazer*, que, mesmo sendo classificado ou como suporte ou como pleno, funciona como uma espécie de categoria maior que abarca vários outros verbos; a este deu-se a designação de hiperônimo – ou “hiperverbo”, conforme será discutido na seção referente a hiperverbos. Estes verbos serão analisados e considerados fora do *continuum*, como se constituíssem uma classe anterior às categorias de suporte e pleno. Exemplos desse tipo de *fazer* são os verbos ligados à construção civil, como nas sentenças:

(9) [...] muitas toneladas de equipamentos são necessárias para *fazer* um edifício.
(RE-ci-jan03_18)

(10) Durante todo o seu mandato, só *fez* praças e ginásios. (JO-rev-mar_03)

(11) ...gambás *fazendo* ninhos nos fogões apagados. (RE-ci-eco-jan02)

O nome *ninho* não faz parte necessariamente da classe de objetos da construção civil, porém pode-se incluir como um subtipo dessa classe de objeto, pois semanticamente esse verbo *fazer* (em 9) também pode ser substituído por *construir*, como nos casos (7) e (8).

Nesses três últimos casos e em vários outros o verbo *fazer* pode ser substituído por *construir*, *obrar* ou *edificar*, ou seja, é um verbo pleno, mas pode também ser considerado

um hiperverbo que substitui vários outros verbos mais significativos do ponto de vista da semântica. É interessante notar que, mesmo sendo o tipo de *fazer* mais pleno, ele não é o tipo de verbo mais pleno, por exemplo, se o compararmos com outros verbos mais plenos, como:

(12) Maria ***faxinou*** a casa inteira em apenas um final de semana. (LIT-rev-sem03)

(13) João ***fez*** a casa inteira em apenas um mês. (LIT-rev-sem03)

Sintaticamente, *faxinar* e *fazer* são verbos semelhantes, mas semanticamente são bastante diferentes. Na comparação entre ambos, percebe-se que a carga semântica que incide sobre o *faxinar* é muito mais determinada e específica que a que incide sobre o verbo *fazer*. Por isso, os exemplos do *fazer* que se comportam como construções com verbo pleno serão discutidos em outra seção – no capítulo 5.

Até aqui duas considerações relevantes para o estatuto do verbo *fazer* podem ser feitas: 1) é bastante recorrente como verbo suporte, 2) não ocorre na forma verbal plena mais prototípica. Para comprovar essa tendência do verbo *fazer* em aproximar-se mais do verbo suporte e afastar-se do verbo pleno, há também a evidência dos verbos formadores de expressões cristalizadas (VALE, 2001).

Observe-se que a carga semântica de um verbo pleno recai sobre ele mesmo (12), ao passo que a de um verbo suporte (*Vsup*) incide principalmente sobre a nominalização, ou seja, no sintagma nominal (SN) posterior ao *Vsup* (6), (7) e (8). No caso de expressão cristalizada (doravante EC), isso fica ainda mais evidente, pois o significado de uma EC independe do significado do verbo que a constitui.

(14) de vez em quando, tinha que ***fazer das tripas coração*** para agüentar certos tipos que desembarcavam no Le Gion. (DIC2-def-mar00)

(15) Ninguém reclama, ninguém protesta, e eles ***fazendo*** dos humildes ***gato e sapato***. (DIC3-def-dez01)

um estatuto sintático-semântico específico e, portanto, possui suas próprias regras gramaticais. Em outras palavras, cada item lexical possui sua gramática própria.

O presente estudo busca essa comprovação no funcionamento do verbo *fazer*; essa hipótese já foi confirmada para a língua italiana (LA FAUCI e MIRTO, 2003), num trabalho em que os lingüistas explicam as diferenças e particularidades de quatro tipos sintáticos do “*fare*”³.

Para o português, supõe-se que haja um fenômeno semelhante ao italiano. Tal hipótese se justifica porque o verbo *fazer* parece não possuir uma carga semântica específica e significativa que justifique a sua grande produtividade na língua em questão. Mesmo a sua forma mais plena não é prototipicamente plena. Em outras palavras, mesmo que em alguns casos esse verbo seja classificado como pleno, ainda assim ele é menos pleno do que vários outros verbos mais plenos do português.

A partir daquelas categorias propostas inicialmente (RASSI, 2005), o propósito deste trabalho é chegar a um *continuum* verbal do *fazer*, esclarecendo suas particularidades em relação a outros verbos e estabelecendo as fronteiras entre uma categoria e outra. Propor limites entre uma classificação e outra do verbo *fazer* seria uma tarefa quase impossível, haja vista que as classes se imbricam e se interpõem dependendo do contexto lingüístico em que o verbo está inserido, portanto trataremos as classes em termos de fronteiras entre uma e outra, as quais estão delineadas num *continuum* verbal.

³ “*Fare*” significa “*fazer*” em italiano.

1. TEORIAS QUE NORTEIAM A PESQUISA

Este trabalho é baseado na Fundamentação Teórica do Léxico-Gramática (GROSS, 1975, 1981) e na Teoria de Valências (TESNIÈRE, 1959; BORBA, 1996), dada a complementaridade de uma pela outra, o que será verificado ao longo deste capítulo. O L-G trabalha ainda com algumas operações e conceitos que concernem também a outras teorias, tais como o princípio da criatividade da teoria gerativa (CHOMSKY, 1975) e a aplicação de regras transformacionais, proposta inicialmente por Harris (1961, 1964, 1968).

Enquanto o L-G investiga o estatuto sintático-semântico dos itens lexicais, a Gramática de Valências (doravante GV) emprega os conceitos “valência sintática” e “valência semântica” das unidades lexicais (BORBA, 1996). A semelhança o L-G e a GV, apesar de usarem termos próprios de cada teoria, é que ambas consideram *a priori* a existência de uma correlação essencial entre a sintaxe e a semântica.

As contribuições de cada uma das teorias para este trabalho serão elucidadas na medida em que se fizerem necessárias.

1.1 TEORIA DO LÉXICO-GRAMÁTICA

O modelo do Léxico-Gramática foi proposto por Maurice Gross (1975), tendo como ponto de partida a análise da língua francesa. Mas grande parte do trabalho prático dessa teoria foi executada pelos integrantes do LADL (Laboratoire d’Automatique Documentaire et Linguistique), que trabalharam na coleta, análise e classificação de verbos do francês, descrevendo-os nos moldes de tábuas do L-G.

O modelo foi um empreendimento de laboratórios e grupos de pesquisas que constituem um rede chamada RELEX. Proposto inicialmente para o francês, vem expandindo-se e ganhando espaço no quadro teórico de descrição de várias outras línguas.

1.1.1 Premissa 1: Cada item lexical de uma língua tem sua própria gramática

As primeiras investigações sistemáticas da gramática do léxico das línguas naturais permitiram determinar a complexidade da distribuição das propriedades formais no léxico; e essa complexidade cresce progressivamente, na medida em que se aumenta o número de estudos sobre os elementos do léxico (GROSS, 1975). De fato, o estudo sistemático da gramática do léxico concluiu que não existem dois elementos lexicais que tenham exatamente as mesmas propriedades formais, com o que se tem demonstrado a falta de base empírica das gramáticas gerativas, as quais tratam de determinar as regras gramaticais à margem do estudo sistemático de sua distribuição no léxico (VALE, 2001).

Em outras palavras, não se pode separar o estudo do léxico do estudo da gramática, como fora feito durante toda a tradição gramatical anterior a essa proposta. Decorrem daí as principais “falhas” de todas as tentativas de formalização do léxico dantes formuladas, pois não presumiam a estreita correlação entre a gramática e o léxico que essa gramática descreve. Isso porque as regras gramaticais eram criadas no intuito de categorizar os itens lexicais e as estruturas da língua, o que acabava colocando numa mesma categoria lexias que não se correspondem sintática e semanticamente, mas isso não vale somente para o verbo *fazer*, mas para todo e qualquer elemento da língua, em todos os níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico.

O conceito de *regra* não pode ter um valor explicativo ou regularizador em si mesmo, como o fazem as gramáticas tradicional e gerativa. Na verdade, a dissociação

arbitrária entre léxico e gramática só se mantém na lingüística na medida em que não se verifica a complexidade da distribuição das propriedades gramaticais do léxico.

A teoria do L-G defende que, dentro da gramática da língua, existe uma gramática exclusiva para cada item lexical dessa língua, e o trabalho do linguista, nesse sentido, é descrever cada uma dessas gramáticas. Isso acontece porque cada item lexical da língua age e funciona de forma exclusiva, seguindo determinados parâmetros, determinados comportamentos. A aceitabilidade ou inaceitabilidade das construções lingüísticas é o que determina o funcionamento de cada item lexical ou expressão da língua.

1.1.2 Premissa 2: A unidade mínima de análise é a frase simples

Dentre os vários trabalhos desenvolvidos a partir dos fundamentos do L-G, o estudo realizado pelo LADL merece um grande destaque: sua equipe recenseou todas as possíveis construções sintáticas elementares do francês e definiu as regularidades combinatórias da frase francesa.

A classificação desses verbos de acordo com suas propriedades sintáticas provou que a estrutura da frase simples daquela língua é

$$\{[E / N0] V [E / (prep) N1] [E / (prep) N2]\}$$

e, a partir dos exemplos, constatou-se também que a tipologia sintática das frases mais recorrentes segue a ordem: 1) verbos com 2 argumentos, ou seja, $\{N0+V+(prep)N1\}$; 2) verbos com três argumentos, cuja estrutura é $\{N0+V+(prep)N1+(prep)N2\}$; 3) verbos com apenas um argumento, ou verbos intransitivos $\{N0 + V\}$; 4) verbos sem nenhum argumento, que correspondem aos impessoais do francês: $\{V\}$.

O objetivo de todo aquele trabalho do LADL era provar que uma palavra isolada não seria passível de uma interpretação unívoca. O significado de uma palavra é determinado

pela vizinhança em que ela se encontra. Um exemplo simples é o do verbo *refletir*, cujos empregos são determinados pelo tipo de sujeito e complemento que o acompanham:

(17) O espelho *reflete* a criança

(18) O jovem *reflete* sobre seu futuro

Por este e outros motivos, Gross (1975) considerava, na Teoria do L-G, que a unidade mínima de análise gramatical deveria ser a frase simples, e não uma palavra ou um morfema. Essa opção teórica é resultante de dois fatores: primeiro, o estudo de uma palavra isolada priva o descritor da possibilidade de avaliar aceitabilidades, já que o julgamento de aceitabilidade se aplica a frases; segundo, numa frase elementar, o contexto tira muitas vezes a ambigüidade da palavra isolada.

A esse respeito, Lamiroy (1998, p. 10) explica que “Une des idées fondamentales du lexique-grammaire est en effet de lier phrase élémentaire et lexique, pour la simple raison que les entrées lexicales étalent leurs satellites de façon la plus évidente dans contours de la phrase simple.”

1.1.3 Premissa 3: Há uma correlação entre as propriedades sintáticas e semânticas do léxico, e este só pode ser descrito mediante o reconhecimento da existência dessa correlação

A Teoria do L-G não visa, numa descrição lingüística, apenas à estrutura sintática das expressões; pelo contrário, deve haver – e há – uma correlação entre os constituintes sintáticos e o significado das expressões, pois os actantes sintáticos de cada frase são definidos pelos seus predicados semânticos. Guillet & Leclère (1981) reconhecem a equivalência entre os predicados e os actantes que os predicados selecionam nos três níveis:

Morfologique: dans une certaine mesure, les deux catégories verbes et adjectifs sont les prédicats, alors que les noms seront plutôt les arguments. **Syntaxique:** on constat que le nombre des arguments varie avec les verbes (qui apparaissent donc comme des fonctions à plusieurs variables). **Sémantique:** étant donné un verbe,

chacun de ses actants a une sélection particulière dans l'ensemble des noms. Or cette sélection varie avec chaque verbe, c'est elle qui détermine le sens du verbe.⁴
(GUILLET & LECLÈRE, 1981)

Assim sendo, há elementos lexicais (geralmente verbos ou adjetivos) que selecionam os outros constituintes frasais (nas funções de sujeito, complemento, adjunto etc.), dependendo de suas necessidades sintáticas e semânticas.

Para esclarecer, tomemos como exemplo o verbo *ler*, que, geralmente, seleciona como sujeito um ser animado, racional, isto é, um ser humano, e seleciona também um complemento verbal para ser lido. No plano morfológico, esse complemento deve ser um nome ou grupo nominal; no sintático, deve ser um CN não-preposicionado, ou seja, um objeto direto; e, no plano semântico, esse elemento tem que ser algo passível de leitura, algo que possa ser lido. Tudo isso pode ser exemplificado com as sentenças (19) e (20):

(19) Rui lê poemas

(20) Zé leu um livro

O que torna inaceitável a construção:

(21) * Sara *leu* a jaca.

Há, no entanto, em contextos específicos, casos como (22) e (23)⁵, que precisam ser descritos particularmente como casos isolados:

(22) A máquina não está *lendo* o código de barras.

(23) O computador *leu* as informações.

O verbo *ler* indica a ação, praticada por um sujeito agente, de percorrer com a vista o que está escrito em uma superfície, reconhecer, decifrar, interpretar; seleciona também, na

⁴ **Morfológico:** em certa medida, as duas categorias de verbos e adjetivos são os predicados, enquanto os substantivos são considerados como argumentos. **Sintático:** constata-se que o número de argumentos varia de acordo com os verbos (os quais aparecem como funções de muitas variáveis). **Semântico:** dado um verbo, cada um de seus actantes pode fazer uma seleção particular dos nomes. Ou essa seleção varia de acordo com cada verbo, e é ela que determina o sentido do verbo.

⁵ Vale ressaltar que essas possibilidades de um ser inanimado – uma máquina ou o computador, por exemplo – ler algo são fenômenos muito recentes, dado o desenvolvimento acelerado da indústria tecnológica. A leitura feita pela máquina se aproxima mais da decifração de códigos do que da interpretação de determinada linguagem, como o que acontece na leitura feita por humanos.

posição de complemento verbal (OD), qualquer item lexical da classe de objetos que sejam passíveis de leitura, tais como *livro, caderno, papel, texto, carta, resumo, cartaz, artigo, declaração* etc., mas não pode selecionar nenhuma lexia da classe de objetos *frutas*, por exemplo. Exceções, obviamente, podem ocorrer, como em *ler uma bola de cristal*, ou *ler o código de barras*, ou ainda *ler o registro de água*, mas o que o L-G propõe é que essas exceções também sejam listadas e documentadas nas tábuas (LE PESANT & MATHIEU-COLAS, 1998).

A classificação tradicional de que o verbo *ler* é transitivo direto não é suficiente, pois esse verbo não aceita qualquer tipo de objeto direto; ele seleciona os objetos que lhe são pertinentes. E essa pertinência só pode ser reconhecida semanticamente, de acordo com o que o predicado (geralmente o verbo) seleciona como seus argumentos. A inconsistência da classificação gramatical tradicional decorre do fato de que ela, muitas vezes, reconhece somente o aspecto sintático das estruturas lexicais.

1.1.4 Premissa 4: As línguas podem ser descritas por meio de autômatos finitos

A gramática gerativa se utiliza de procedimentos algorítmicos da lógica matemática para descrever os aspectos formais das linguagens naturais. Para tanto, considera o caráter infinito das frases das línguas naturais, o que se justifica pelo princípio gerativo da *criatividade lingüística*.

A criatividade pode ser identificada pelo fato de que, em geral, os locutores nunca produzem duas vezes a mesma frase; em conseqüência, mesmo que eles nunca tenham ouvido uma frase, são capazes de interpretá-la. Ora Chomsky considera que as capacidades da memória são finitas; nessas condições, é legítimo elaborar a hipótese de que um sistema recursivo de regras gera a totalidade das frases, e que os locutores compartilham esse sistema.

(GROSS, 1981, p.7)

Chomsky (1967), baseando-se no princípio da criatividade humana, defendia que as possibilidades de construções frasais eram um número quase infinito, pois um mesmo enunciado poderia ser proferido de inúmeras maneiras, mas não chegava a ser infinito

porque há sentenças totalmente agramaticais que não são construídas pelos falantes da língua. Gross (1975) concorda com a idéia de que tais números podem ser considerados quase infinitos do ponto de vista da criatividade ou expressividade da linguagem, porém argumenta que esse número muito grande de mecanismos recursivos pode alterar a forma das frases, mas não o sentido.

Assim, Gross propõe, no Modelo do L-G, que, a partir da descrição das frases simples de qualquer língua, pode-se chegar à descrição de todas as estruturas frasais dessa língua. Aplicam-se as regras transformacionais de apassivação, relativização, alçamento, pronominalização etc. (HARRIS, 1961, 1968) para se chegar às frases complexas. Essa é também a proposta da Gramática Gerativa (CHOMSKY, 1967, 1975) e dos sistemas algébricos da Gramática Transformacional (HARRIS, 1961, 1968, 1976)

Levando em conta essa proposta, Gross (1975, p. 178) afirma que “Do ponto de vista numérico, as frases construídas por esse mecanismo de seleção é um conjunto estritamente finito”. Prova disso são os resultados obtidos pela equipe do LADL, que fez a descrição das frases simples do francês, a partir de aproximadamente 31.000 empregos verbais, distribuídos em 81 classes (LECLÈRE, 1990). A mesma descrição pode ser feita para o português ou qualquer outra língua natural.

1.2 TEORIA DE VALÊNCIAS

O princípio básico da teoria de valências é de que o verbo é o elemento central da frase. Como os constituintes frasais estão organizados por meio de relações de interdependência entre si, considera-se que haja uma hierarquia entre eles e que, nessa hierarquia, é o verbo quem determina quais serão os outros elementos frasais. Todos os outros elementos da frase, nesse sentido, estão subordinados ao verbo porque são as

propriedades semânticas do verbo que decidem quais os tipos de constituintes sintáticos de que a frase precisa.

Por isso chama-se o verbo de *predicado semântico* (ou *operador*) e os outros constituintes que ele seleciona de *actantes sintáticos* (ou *argumentos*), o que será melhor explicado nas seções subseqüentes.

1.2.1 Percorso histórico

O primeiro lingüista a utilizar o conceito de valência foi o francês Lucien Tesnière, quando elaborou a Gramática da Dependência (TESNIÈRE, 1959), segundo a qual, as unidades lexicais constituintes das frases mantêm relações de interdependência entre si. A valência seria, nesse sentido, um tipo particular de relação de dependência.

A introdução desse conceito, no Brasil, veio pouco tempo depois. O primeiro livro publicado em português europeu a tratar exclusivamente da teoria de valências foi um dicionário alemão-português, elaborado por Busse e Vilela, em 1986. O precursor desses estudos, no Brasil, foi Francisco Silva Borba. Estudos posteriores, como os dicionários publicados por Borba (1990, 2002) e a Gramática de Valências (BORBA, 1996), deram mais visibilidade e reconhecimento à teoria de valências.

O modelo é estudado tanto pela lingüística descritiva quanto pela aplicada, nas várias áreas em que se subdivide a lingüística. Segundo Leonel Figueiredo de Alencar Araripe, em sua dissertação de mestrado (ARARIPE, 1997), o modelo de dependência e a teoria de valências podem ser aplicados na lingüística computacional (nas chamadas *Gramáticas High Tech*), na tradução automática, na lexicografia, na lingüística contrastiva, e até no ensino de língua materna e língua estrangeira. Muitas gramáticas pedagógicas e livros didáticos para o ensino de línguas, atualmente, já fundamentam-se na gramática de dependência e, conseqüentemente, no conceito de valência.

1.2.2 O conceito de valência

Inicialmente há que se considerar que existe uma *valência verbal* – segundo a qual, o verbo seleciona seus argumentos, tais como sujeito, complemento verbal, adjunto, circunstancial etc. – mas também que os argumentos constituintes da frase podem ser dados a partir da valência do substantivo ou do adjetivo (ou até mesmo do advérbio).

Para explicar o conceito de “valência”, Welker (2005) faz uma comparação com a chamada valência química, segundo a qual determinado átomo precisa de certo número de outros átomos para constituir uma determinada molécula. O princípio é semelhante ao que ocorre com a valência verbal, pois um determinado verbo precisa de certo número de outros elementos para formar uma frase gramaticalmente aceitável.

O precursor da gramática de valências no Brasil a define como “o conjunto de relações estabelecidas entre o verbo e seus argumentos ou constituintes indispensáveis” (BORBA, 1990). Para Araripe (1997),

o termo *valência* designa, ao mesmo tempo, (a) uma relação entre um elemento *P* (denominado *portador de valência*) e um conjunto de *n* elementos *w*, (b) o conjunto de *n* elementos *w* que se relacionam por valência com *P*, (c) o número de elementos *w* ou, ainda, (d) cada elemento *w*.

Vale ressaltar ainda que se pode pensar na valência verbal dentro de diferentes níveis de análise lingüística: valência lógica, valência sintática, valência semântica ou ainda a valência pragmática. No presente estudo, porém, serão consideradas somente as valências sintática e semântica, ou melhor, uma única valência a que chamaremos sintático-semântica. Foram selecionados apenas os dois níveis de análise por estarem de acordo com uma das premissas do L-G, que reconhece a existência da correlação entre sintaxe e semântica.

1.2.3 A relação com a gramática tradicional

Na teoria de valências, o verbo é considerado o elemento central da frase, então é ele quem seleciona seus argumentos. Os argumentos de um verbo podem ser, por exemplo, o

sujeito, o OD e o OI, mas essa nomenclatura é própria da Gramática Tradicional e não é utilizada pela Gramática de Valências.

A diferença entre ambas não é meramente conceitual ou de nomenclatura, mas o principal ponto em que elas divergem é que a tradicional costuma analisar a frase bipartida em sujeito e predicado, enquanto a proposta de valências considera um elemento como operador e o restante como argumentos. Nessa classificação, o sujeito assume o mesmo nível hierárquico de um objeto direto ou indireto, por exemplo.

É comum fazer a comparação entre valência verbal e regência verbal. Há inclusive os que consideram que seja a mesma coisa, porém há uma diferença essencial entre valência e regência e que deve ser explicitada: a regência verbal (terminologia usada pela gramática tradicional) prevê a quantidade de complementos que determinado verbo precisa ter, bem como se esse complemento é preposicionado (objeto indireto) ou não (objeto direto). Seguindo esse raciocínio, poderíamos considerar que qualquer objeto direto poderia ser o complemento de um verbo transitivo direto, o que não é verdade. Tomemos como exemplo o verbo *encerrar*, que é um VTD na classificação tradicional. Se é VTD, significa que ele pede um complemento verbal não-preposicionado, ou seja, um Objeto Direto e, se *consciência* pode ser um OD, seríamos obrigados a aceitar como gramatical a frase:

(24) * Zeca *encera* consciência.

Se levarmos em conta apenas as propriedades sintáticas dos constituintes frasais, teremos que admitir como “gramaticais” inúmeras sentenças que são, na verdade, agramaticais. E são agramaticais não porque não correspondem à sintaxe do português, mas porque não são passíveis de significação. Por isso, considerar-se-á, no decorrer deste estudo, a valência sintático-semântica do verbo *fazer*.

1.2.4 A representação da Gramática de valências em predicados e argumentos

Já foi elucidado que o núcleo oracional é o verbo e é ele que estabelece o número de actantes por ele regidos, determinando, assim, sua valência. O operador, que é o verbo, é representado por uma variável T , por exemplo, e os argumentos são representados por outras variáveis, como x , w ou y .

Um verbo que seleciona dois argumentos, um na posição de sujeito e outro na posição de objeto direto, por exemplo, é representado por $T(x, y)$. Essa é a mesma representação para outro verbo que selecione também dois argumentos, um na posição de objeto direto e outro na de objeto indireto; essas variáveis, portanto, não indicam em que posição sintática o item lexical está, indicam apenas a quantidade de argumentos que o referido verbo pede.

O único indício de função sintática é que, em geral, as variáveis seguem a ordem sujeito, OD, OI. Mas, por exemplo, no caso de um verbo que não exige sujeito, a primeira variável representará o OD, caso o verbo necessite de OD.

Os verbos do português, como aponta Borba (1996, 2002), podem ser classificados conforme a quantidade de actantes sintáticos que eles selecionam, ou seja, que determinam sua valência, podendo ser: aivalentes T ; monovalentes $T(x)$; divalentes $T(x, y)$; trivalentes $T(x, y, w)$; ou tetravalentes $T(x, y, w, z)$.

Um exemplo de verbo aivalente é o *chover*, como na frase:

(25) *Choveu* muito.

O verbo *choveu* é o núcleo oracional e, pelas propriedades semânticas desse verbo, sabe-se que ele não precisa de sujeito nem de nenhum tipo de complemento verbal. Deve ser representado, portanto, pela notação T . O advérbio *muito* não funciona como um *actante sintático* porque ele não é previsível pela natureza do verbo; nesse caso, ele pode ser considerado como *circunstante*, pois corresponde a uma circunstância do verbo.

Já o verbo *existir*, por exemplo, prevê a existência de um sujeito porque algo precisa existir, então considera-se esse verbo monovalente, como em:

(26) Deus *existe*.

Também pode ser considerado monovalente o verbo que não carece de sujeito, mas necessita de um complemento verbal, como é o caso do *haver*:

(27) *Houve* um acidente horrível.

Em ambos os casos, a representação formal é a mesma: $T(x)$. Já os verbos que necessitam de dois argumentos, ou seja, que possuem dois espaços em branco a serem preenchidos, seja nas posições de sujeito e OD, seja nas de sujeito e OI, ou ainda nas posições de OD e OI, podem ser representados por $T(x, y)$, como:

(28) Os pássaros *comem* alpiste.

(29) Aquela moça *precisa* de ajuda.

Independentemente das funções sintáticas exercidas pelos argumentos (sujeito, OD ou OI), todos são descritos da mesma forma, em termos de variáveis “x”, “y”, “z” ou outra designação.

Os verbos que a Gramática Tradicional chama de bitransitivos são classificados pela Gramática de Valências como trivalentes, como é o clássico caso do verbo *dar*, que possui, além do sujeito, um OD e um OI:

(30) A mãe *deu* um presente ao filho.

Os exemplos de verbos tetravalentes são mais escassos no repertório vocabular do português, mas, para exemplificar, pode-se citar o caso do verbo *trazer*, representado pela função $T(x, y, w, z)$:

(31) O presidente *trouxe* novas propostas da Angola para o Brasil.

Vale ressaltar ainda que um mesmo predicado pode adotar diferentes valências, na língua, como é o caso do *trazer*, mencionado anteriormente, que pode ser tetravalente, trivalente ou ainda divalente, conforme os exemplos (31a), (31b) e (31c), respectivamente:

(31a) Eu ***trouxe*** os papéis do escritório para casa.

(31b) Eu ***trouxe*** os papéis para casa.

(31c) Eu ***trouxe*** os papéis.

A valência do verbo *fazer* será analisada a partir de cada uma das acepções encontradas no *corpus*, e será descrita durante as análises.

2 PRINCÍPIOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A realização desta pesquisa consiste em três etapas claramente distintas: a coleta, a análise e a classificação dos dados. Como não é possível analisar todas as ocorrências do verbo *fazer* nos diversos contextos em que ele pode ser manifestado linguisticamente, é necessário pegar uma amostragem da língua, a qual possa representar todas aquelas possíveis ocorrências.

Para tanto, fez-se necessário a seleção de um *corpus*, ou seja, “um corpo de linguagem natural (autêntica) que pode ser usado como base para pesquisa lingüística” (SARDINHA, 2004, p. 17). É a partir desse *corpus* que se pode selecionar um item lexical ou expressão a ser estudado, como, no caso, o verbo *fazer*. Após a seleção desses dados, dessas ocorrências que compõem o *corpus* utilizado, os dados precisam ser processados e agrupados em diferentes categorias a partir de suas propriedades sintáticas ou semânticas.

Essa etapa do trabalho foi feita utilizando-se o programa Unitex (PAUMIER, 2002), que serve para processar textos inteiros do *corpus* a fim de encontrar as ocorrências específicas do verbo em questão dentro de um texto integral em linguagem natural.

A análise propriamente dita fundamenta-se nos princípios teóricos e metodológicos do Léxico-Gramática (GROSS, 1975, 1981), que trabalha com estruturas sintáticas elementares, visando conciliar a abordagem gramatical com a lexical. Maurice Gross (1975) considerava “falhas” as tentativas de formalização das regras gramaticais anteriores justamente porque aquelas propostas não previam a relação intrínseca que existe entre o léxico e a gramática que o descreve, por isso, propôs a nova abordagem do Léxico-Gramática, que tem como aparato teórico as regras transformacionais de Zellig Harris (1961, 1964, 1968, 1970).

2.1 MÉTODO DE DESCRIÇÃO DO LÉXICO-GRAMÁTICA

Já antecipamos parte da metodologia proposta por Gross (1975, 1981) na seção referente à Teoria do L-G, mas há ainda algumas considerações a serem feitas, no que se refere ao método de descrição dessa teoria, a começar pela aplicação de regras transformacionais às frases simples, a fim de verificar sua aceitabilidade ou inaceitabilidade na língua.

O julgamento daquilo que se considera aceitável ou inaceitável na língua depende das concepções que se adotam de gramaticalidade e agramaticalidade. São consideradas gramaticais todas as construções morfológicas, sintáticas, semânticas, lexicais e textuais de uma língua desde que estejam coerentes com as regras gramaticais dessa língua. Os próprios falantes nativos de uma língua têm intuição e conseguem distinguir uma frase gramatical de uma outra agramatical.

Não se pode confundir a noção de gramaticalidade com a concepção normativa de ‘correção gramatical’ porque essa segunda lida com o que é considerado certo e errado pelas gramáticas normativas, enquanto a gramaticalidade diz respeito às leis que regem a competência do sujeito falante. Dessa forma, um falante nativo seria capaz de dizer/escrever:

(32) Eu lavei as vasilhas sujas.

Mas certamente não diria, em condições normais⁶:

(33) * Vasilhas as eu lavou suja.

Porque a competência lingüística depende do conhecimento prévio que o falante tem das regras de sua língua, por meio de um aparelho hipotético-dedutivo que concerne à gramaticalidade ou agramaticalidade (HADRIEN, 1968).

⁶ Note que, em construções agramaticais, marca-se asterisco (*) no início da sentença, o que determina que a construção é inaceitável na língua.

2.1.1 Regras transformacionais

A metodologia do L-G propõe a análise e descrição das frases de qualquer língua a partir da aplicação de regras de transformação sintática às frases simples; posteriormente, verificam-se a aceitabilidade e inaceitabilidade das frases pelos falantes nativos, que têm um conhecimento intuitivo do que é gramatical e o que é agramatical em sua língua.

A proposta da Gramática Transformacional é de representar as frases diretamente observáveis, evitando a manipulação de frases e conceitos abstratos, para não criar ambigüidades, polissemia ou dificuldade no julgamento feito pelos falantes. As regras de transformações aplicáveis às frases também seguem determinados padrões, pois não é qualquer transformação que se pode aplicar às sentenças; aplicam-se apenas aquelas estritamente necessárias para o julgamento de aceitabilidade de tal ou tal propriedade sintática.

As relações que se formam entre uma sentença e outra são relações de equivalência, ou seja, elas são modificadas sintaticamente, mas mantêm uma equivalência semântica, como se pode observar pelas frases:

(34a) Os arquitetos *fizeram* a planta.

=b) Os arquitetos a *fizeram*. (cliticização)

=c) *Fizeram* a planta. (apagamento do sujeito)

=d) *Fizeram*-na. (apagamento do sujeito e cliticização)

Na aplicação da transformação de uma frase afirmativa para uma negativa, elas podem se tornar opostas, mas essa variação no sentido da frase não implica a não-equivalência entre as frases; elas continuam sendo equivalentes: uma afirmativa e outra negativa.

Essas transformações foram classificadas por Harris (1964, 1968, *apud* SIQUEIRA, 2003) em unárias e binárias, sendo as primeiras aquelas que conservam o sentido da frase e

mostram apenas as diferenças lexicais, e as segundas são as transformações que combinam duas estruturas em uma só, como é o caso da coordenação e da subordinação.

A Gramática Transformacional, bem como o método do L-G, propõe inúmeras regras de transformações que podem ser significativas para a descrição das frases, tais como apassivação, relativização, cliticização, negatização, modalização, dentre várias outras. No presente trabalho, no entanto, serão aplicadas apenas aquelas que realmente forem efetivas para a formalização das frases construídas com o verbo *fazer*, a saber: apassivação das formas ativas, ativização das formas passivas, apagamento da partícula [não] das frases negativas, sintetização das formas analíticas de futuro e passado, e a transformação dos tempos verbais.

A primeira regra transformacional a ser aplicada em todas as sentenças, na verdade, é em função da simplificação das frases complexas, pois as sentenças a serem analisadas foram retiradas de um *corpus* de linguagem natural, e entende-se que, em um *corpus* de linguagem natural, possam aparecer diferentes tipos de construções frasais, desde as mais simples sentenças até os mais complexos períodos compostos.

Para trabalhar com a análise das frases simples, é necessário transformar as sentenças que compõem o *corpus* em sentenças simples, sem alterar o significado da forma como elas apareceram no *corpus*. Para esclarecer o tipo de transformação, citemos como exemplo uma frase retirada do *corpus*:

(35) [...] os cálculos que mediam o tempo de vida das partículas *foram feitos* a partir de fórmulas produzidas por uma indústria alemã [...] (FA-ci-ant_mai00)

A sentença sofreu algumas transformações no que se refere ao apagamento da oração relativa restritiva *que mediam o tempo de vida das partículas* e o apagamento do adjunto adverbial *a partir de fórmulas produzidas*, além da exclusão do adjetivo *alemã* que qualifica o substantivo *indústria*, pois julga-se esse tipo de informação desnecessária para a

compreensão do sentido principal da frase, que passa a ser considerada em sua forma simples:

(35a) Os cálculos *foram feitos* por uma indústria.

Posteriormente, pode-se ainda aplicar outra regra que transforma a frase da voz passiva para a ativa, o que implica também na transformação do agente da passiva em sujeito da frase na ativa, e a transformação do sujeito sintático da passiva em objeto direto do verbo na ativa, resultando em:

(35b) Uma indústria *fez* os cálculos.

A partir da frase simples (35b), aplicam-se os outros testes para verificar a gramaticalidade ou agramaticalidade da frase construída com outros tipos de sujeito, com outras classes de objetos e com o verbo conjugado nas diferentes formas verbais possíveis.

2.1.2 Tábuas do Léxico-Gramática

Para descrever formalmente a língua, o L-G utiliza a representação em tábuas, que levam em consideração dois eixos: um eixo – o horizontal – representa os verbos, ou quaisquer outras entradas lexicais, pois são eles que selecionam os argumentos das frases; o segundo eixo – vertical – representa as propriedades sintáticas desses argumentos, pois são elas que definem a gramaticalidade ou agramaticalidade das frases.

As tábuas são construídas no formato de matrizes binárias, ou seja, tabelas retangulares preenchidas por signos de “+” e “-”, de acordo com a aceitabilidade ou inaceitabilidade de tal propriedade sintático-semântica na construção da frase. Nas linhas das tabelas são colocadas as entradas lexicais – que são sempre verbos – e, nas colunas, as propriedades da língua.

Caso o verbo descrito na linha “x” admita a propriedade sintática que está representada na coluna “y”, marca-se o sinal “+” na intersecção entre a linha “x” e a coluna

“y”. Se não admite, marca-se “-”; daí chamarmos as tábuas de matrizes binárias, pois trabalham com apenas dois signos, que são opostos e excludentes entre si.

Esse é o mesmo mecanismo usado pelos computadores, que trabalham com sistemas binários de 0 e 1, que podem formar seqüências infinitas de códigos para representar qualquer tipo de operação computacional. Trabalhar com o mesmo modelo de codificação dos computadores é importante para a Teoria do Léxico-Gramática porque ela prevê um tratamento automático da linguagem, o que normalmente é feito pelo computador, o qual é capaz de ler longas seqüências de “+” e “-” e decodificá-las.

O presente trabalho reconhece a eficácia e instrumentalidade da descrição por meio de tábuas do L-G, porém essa formalização não será utilizada para todas as classes que abarcam o verbo *fazer*, pois o objetivo desta análise não é descrever os predicativos, complementos e classes de objetos com os quais o verbo se relaciona, mas basicamente descrever seu comportamento e funcionamento em frases simples⁷.

Apenas a formalização das expressões cristalizadas será feita no formato de tábuas do L-G, anexas ao final da dissertação.

2.2 O CORPUS

O *corpus* selecionado para análise foi o *Lácio-Ref* (ALUISIO et al., 2004), constituído de cerca de 35 milhões de palavras. A escolha pelo *Lácio-Ref* foi devido à própria delimitação do objeto de estudo desta pesquisa, que é o verbo *fazer* no português escrito do Brasil. Um *corpus* de referência nacional que abarcava essas restrições era o *Lácio-Ref*, o qual reúne textos de diversos tipos, escritos por falantes nativos do Brasil, tendo sido eles publicados ou não, e disponíveis gratuitamente em meio eletrônico.

⁷ Muitas vezes, para descrever o comportamento e funcionamento do verbo *fazer*, será necessário fazer referência às particularidades (principalmente semânticas) dos elementos que com ele se combinam, porém não será realizada uma descrição sintática pormenorizada desses predicativos, complementos e classes de objetos.

A preferência por um *corpus* de língua escrita decorre da própria natureza da abordagem teórica. Nos textos escritos, as fronteiras das frases são mais fixas e marcadas por convenção, assim esses textos podem ser vistos como um produto final, sem correções ou rasuras, ao passo que a língua falada admite adequações, intercalações, substituições, repetições etc. Como esta pesquisa norteia-se pela Teoria do Léxico-Gramática e essa teoria prevê a investigação dos dados em contexto a partir de frases simples e curtas, faz-se então necessário conceber o léxico em uma estrutura sintática completa, porém simples, sem retomadas, repetições ou adequações, que são muito mais evidentes em textos falados.

O *Corpus* Lácio-Ref, que é o *Corpus* de Referência do Projeto Lácio-Web (doravante CR-LW), foi construído pelo NILC – Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional, da Universidade de São Paulo (USP), e está disponível na internet⁸. Ele sofreu inúmeras alterações e melhoramentos desde seu início, em 1993 – chamado *Corpus* NILC – até ser publicado e divulgado oficialmente, em 2002.

Atualmente, esse *corpus* conta com 35.197.539 palavras. Como as palavras se repetem bastante durante todo o *corpus*, pode-se considerar que os 35.197.539 são *tokens*, ou seja, ocorrências repetidas de um mesmo signo, e apenas 340.016 dos signos são *types*, pois são diferentes⁹. Se o *corpus* é uma amostragem que representa toda a língua escrita, pode-se induzir que a língua portuguesa escrita é constituída de pouco mais do que 340 mil signos, pois 99,04% dos 35 milhões de palavras são idênticas; apenas 0,96% representa signos diferentes da língua portuguesa.

Em se tratando especificamente do verbo *fazer*, foram encontradas 3.805 ocorrências desse verbo, mas em várias formas verbais flexionadas diferentes. Assim, considerar-se-á que todas essas 3.805 ocorrências constituem apenas um único signo – o <*fazer*>. Portanto,

⁸ O site pode ser acessado através do endereço eletrônico: <http://www.nilc.icmc.usp.br/lacioweb/index.htm>

⁹ Conferir as noções de *types* e *tokens* em PIERCE, C. S. In: HARSTSHONE, C., WEISS, P. & BURKS, A.W., editors. The Collected Papers of Charles Sanders Peirce. Harvard University Press, 1931-1958

os 3.805 vocábulos (*types* ou *tokens*) são contados como apenas um signo na amostragem dos 340.016 *types* do *corpus*.

Esses vocábulos compõem textos escritos dos mais variados possíveis, incluindo textos já corrigidos – como os jornalísticos, livros literários e didáticos e os textos jurídicos, textos semi-corrigidos – como é o caso dos manuais técnicos e textos acadêmicos (dissertações, teses etc.), e aqueles cuja escrita é espontânea e não passaram por nenhuma revisão lingüística – como é o caso de redações de vestibulandos e artigos de opinião publicados na internet.

Assim, o CR-LW divide os arquivos (ou textos) em seis diretórios, a saber: o de textos jurídicos, os didáticos, os literários, os técnico-científicos, os jornalísticos e os acadêmicos. Naquele primeiro, incluem-se os decretos, as leis, as portarias, resoluções e outros documentos publicados no Diário Oficial da União (DOU), além da Constituição Federal de 1988.

No diretório dos textos didáticos, incluem-se as enciclopédias, os documentos históricos e os livros didáticos escolares. Estes últimos englobam diversos assuntos porque são representados pelos livros didáticos do Ensino Fundamental e Médio, de todas as disciplinas: português, literatura, matemática, física, química, ciências, biologia, história, geografia, artes, filosofia, dentre outras. Os documentos históricos referem-se à história do Brasil, à cultura, religião, culinária, arquitetura e à história dos povos de uma maneira geral. Já as enciclopédias correspondem à maior quantidade de arquivos do diretório de textos didáticos, pois são constituídas de dicionários e glossários de lexias vinculadas a nomes de pessoas, cidades, estradas, etc., e termos específicos de cada área do conhecimento, como a botânica, medicina, genética, arqueologia, arquitetura, geografia, etc.

O diretório de textos literários engloba antologias de vários escritores brasileiros consagrados, críticas literárias, escolas literárias, a literatura infanto-juvenil, as obras literárias clássicas e os resumos das obras.

Os manuais técnicos e os estudos científicos, publicados na internet ou por alguma editora, constituem o acervo do diretório de textos Técnicos e Científicos. Muitos dos arquivos desse diretório têm autoria desconhecida e a grande maioria não foi corrigida, nem sequer passou por alguma revisão.

O quinto diretório, que concerne aos textos jornalísticos, é o mais extenso de todos eles, composto de cerca de 3.400 textos, incluindo publicações em jornais, revistas, ou impressas ou disponíveis em meio eletrônico. Os jornais utilizados foram a Folha de São Paulo, o Jornal do Brasil e o Jornal interno da USP, e as revistas foram a Época, Istoé, a Globo Rural e a Veja, tanto na versão digital quanto impressas.

O último diretório foi composto por textos acadêmicos, tanto de universitários quanto de pré-vestibulandos, pois incluem-se as redações dos vestibulandos e os trabalhos acadêmicos de todos os cursos superiores da USP, dentre eles: ensaios, resumos, resenhas, fichamentos, artigos, aulas anotadas, monografias, dissertações, projetos, qualificações, relatórios e teses.

Tendo em vista o exposto, considera-se que essa coletânea de cerca de 5.000 arquivos é suficientemente representativa da língua portuguesa do Brasil, porém é preciso esclarecer que é bastante variada e irregular a quantidade de textos pertencentes a cada diretório. O diretório de textos jornalísticos, por exemplo, é ocupado com cerca de 3.400 arquivos, ao passo que o didático contém apenas 66 arquivos. O gráfico que mostra a quantidade de textos que compõem cada diretório, bem como as porcentagens de cada um, segue em anexo (cf. Figura 1 – Anexo).

Mas essa irregularidade em relação à quantidade de textos em cada diretório não representa um problema para a pesquisa lexicográfica, pois esse tipo de pesquisa não analisa o conteúdo, nem o tipo de texto, mas basicamente o léxico nele contido. Além disso, referimo-nos apenas à quantidade de textos, mas não à quantidade de unidades lexicais; e devemos reconhecer, por exemplo, que um arquivo didático pode ser um livro inteiro, ao passo que um arquivo jornalístico pode ser apenas uma nota de jornal.

Uma prova de que a língua está bem representada pelo *corpus* escolhido é que as ocorrências do verbo *fazer* foram verificadas em quantidades semelhantes em cada um dos diretórios em que se divide o *corpus*. Há, no entanto, algumas diferenças entre as formas sintáticas em que o *fazer* ocorre em cada gênero. Por exemplo, o verbo *fazer*, seguido da partícula *-se*, que indica indeterminação do sujeito, foi muito mais recorrente nos textos jurídicos, técnico-científicos e acadêmicos do que nos textos literários e didáticos. Isso porque aqueles três primeiros gêneros textuais exigem uma linguagem mais objetiva e mais impessoal, portanto, geralmente requerem um sujeito indeterminado.

Outro exemplo que também se pode citar é o do *fazer* no particípio – *feito, feita, feitos, feitas* – que ocorreu com muita frequência nos textos que tratam da história, ou que descrevem algum procedimento, como é o caso dos textos técnicos, científicos e históricos. A explicação para a grande incidência do particípio vem da própria natureza dos gêneros, que, em geral, são narrados ou descritos em um tempo passado acabado. Essa propriedade não é exclusiva do verbo *fazer*, mas é uma particularidade característica do gênero, que, geralmente, prevê todos os verbos no particípio ou noutra forma passada.

Já os textos relativos à culinária apresentaram maior recorrência do *fazer* na forma infinitiva, como em: “Para *fazer* a calda, bata os ovos...” ou “Bater tudo no liquidificador e *fazer* um engrossado”. Essas particularidades de cada tipo serão mais bem exploradas nas seções subseqüentes.

Para encerrar a seção que expõe os princípios metodológicos, é necessário também mencionar a ferramenta utilizada no processamento dos textos em análise, que foi o Unitex, um conjunto de programas desenvolvidos para a análise automática de textos, a partir de recursos e ferramentas lingüísticas, tais como dicionários eletrônicos, gramáticas e tábuas do Léxico-Gramática.

2.3 O PROGRAMA UNITEX

Uma das etapas do processamento do *corpus* foi feita por meio de um conjunto de programas computacionais chamado Unitex, o qual permite a busca rápida e eficaz de todas as ocorrências do verbo estudado nos textos do *corpus*. Para encontrar as ocorrências, bastava salvar os textos com um editor de texto comum (como o *WordPad*, por exemplo) no arquivo do Unitex, em formato *unicode*, e acionar um comando para escolher o tipo de busca desejada. Como o intuito era encontrar todas as ocorrências do verbo *fazer*, conjugado ou não, bastava digitar o signo “fazer” entre os sinais de maior e menor – <fazer>.

A partir do comando <fazer>, o programa busca todas as ocorrências das formas flexionadas do verbo *fazer*. Durante a busca, o programa passa por algumas operações de preparação, como a normalização das formas que não são ambíguas e a segmentação do texto inteiro em frases, demarcando os limites de início e fim de cada período, além da aplicação dos dicionários e das gramáticas em cada texto processado.

O Unitex dispõe de dicionários eletrônicos de todas línguas em que ele funciona (inglês, finlandês, francês, alemão, grego, coreano, italiano, norueguês, polonês, português do Brasil, português de Portugal, russo, espanhol, servo e tailandês). Para o francês conta também com gramáticas locais (Gross 1995) e tábuas do Léxico-Gramática. São esses recursos que colaboram no processamento dos textos, fazendo com que o programa

reconheça a classe gramatical, o gênero, o número, a função sintática e a formação de cada um dos itens lexicais que constituem o texto.

Um dos problemas inerentes a esse programa, para a busca específica que se pretendia, é que o Unitex considera idênticas as diferentes formas homógrafas. O programa reconhece, além das formas verbais do *fazer*, também algumas nominais, como é o caso da abreviação do substantivo *fazenda*.

(36) [...] procedeu a um exame de brucelose na **Faz.** Alvorada do Norte. (RE-agricam_uni98)

(37) ... na **Faz.** Calheiros, foram encontradas mais de 3 mil espécies diferentes... (RE-eco-cam_nov98)

Como a forma *faz* (que indica a abreviação do nome *fazenda*) coincide com a forma verbal *faz* (verbo *fazer* conjugado na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo), ambas são destacadas, quando se solicita a busca do item lexical <fazer>.

O Unitex pode também reconhecer as formas verbais compostas – ou locuções verbais – tais como *vem sendo feita*, *foram feitos*, *tinha feito*, *se fossem feitas*, etc., mas também classifica a forma nominal *feito* ou no plural *feitos* (substantivo) como uma forma conjugada do *fazer*, o que obriga uma revisão manual das ocorrências encontradas, como nos seguintes exemplos:

(38) O grande **feito** de Gutenberg, no entanto, foi a invenção da prensa. (LI-resqua_00)

(39) [...] foram esses os grandes **feitos** dos gregos na Antiguidade. (RE-fi-ci-jun02)

Um outro problema encontrado na busca pelas formas do verbo *fazer* também se refere à classificação e identificação de outras formas homógrafas, pois o Unitex considera alguns sobrenomes de pessoas, tais como *Feitas* e *Farias*, como formas verbais conjugadas, ao passo que elas são, na verdade, formas nominais. A justificativa para todos esses

problemas é a mesma para os três casos – e é relativamente óbvia: a grafia das formas nominais e verbais é idêntica, portanto a máquina não é capaz de distinguir seus diferentes significados e as diferentes classificações.

Após o processamento automático dos 5 mil textos, foram encontradas mais de 3.800 ocorrências do verbo. Houve textos que não apresentaram nenhuma ocorrência, mas houve também os que encontraram quase cem ocorrências de *fazer*. Não foi constatada, a priori, nenhuma motivação para que, em determinados textos, ele aparecesse mais e, em outros, menos. A única explicação que se pode afirmar é que, nos textos grandes (com um maior número de palavras), encontramos mais exemplos, enquanto os textos curtos apresentavam menor quantidade de exemplos, o que já é previsível não só para o verbo em questão, mas para qualquer outro signo comum, que não seja de uma linguagem especializada.

2.4 PRINCÍPIO DE CLASSIFICAÇÃO

Para organizar o *corpus*, optei inicialmente por uma classificação morfológica, baseada nas categorias de conjugação do verbo, portanto, separando as ocorrências de acordo com a forma como eram grafadas. Por exemplo, num quadro ficavam todas as frases constituídas pelo verbo *fazia*; em outro quadro, todas as ocorrências do *fazendo*; num terceiro, ficaram as frases que possuíam a forma *fizeram*; e assim por diante.

Essa classificação inicial não teve nenhum fundamento para a análise do verbo em questão; e nem era esse o objetivo. Na verdade, o *corpus* foi organizado a partir de critérios morfológicos com o único intuito de facilitar a visualização dos dados na tela do computador.

A segunda tentativa de classificação levava em conta categorias sintáticas, tais como a transitividade e regência do verbo *fazer* e/ou suas classificações como verbo de ação, ação-

processo, processo, impessoal etc, mas esta abordagem sintática também não apresentou resultados muito satisfatórios. O erro talvez tenha sido em considerar apenas as categorias sintáticas do verbo, em vez de as características sintáticas da oração, observando tipo de sujeito, tipo de complemento verbal, as vozes ativa e passiva, as formas verbais não-conjugadas de infinitivo, gerúndio e particípio, etc.

Essa segunda proposta classificatória era baseada em categorias sintático-semânticas previstas pelos dicionários de referência de língua portuguesa: verbo de ação, de processo, ação-processo, estado, pronominal, impessoal, transitivo direto, transitivo indireto, intransitivo e/ou bitransitivo.

O problema é que as categorias sintáticas verbais tradicionalmente estipuladas pelas gramáticas não dão conta da grande produtividade de sentenças que o verbo *fazer* é capaz de formar; daí resultou o fracasso de mais essa tentativa.

A análise que se seguirá nas seções seguintes prevê tanto um estudo semântico dos complementos verbais, posteriormente agrupados como classes de objetos, como também uma análise sintática, posterior à semântica, que considera, não somente o verbo, mas todas as estruturas que a ele se ligam.

Apesar de nosso objeto de investigação ser o verbo *fazer*, os dados que comprovarão a análise não serão referentes apenas ao verbo, mas às frases simples que ele pode construir. Dessa forma, serão analisadas as relações sintáticas e semânticas que o verbo *fazer* admite (ou não admite) com cada tipo de sujeito, com cada classe de objeto, com cada preposição, ou com outras propriedades sintáticas que possam ser identificadas a partir da análise do *corpus* e que sejam relevantes para a descrição.

A partir da terceira tentativa de classificação, foram estabelecidas seis categorias nas quais o verbo *fazer* pode estar inserido. São elas: verbo suporte, hiperverbo, verbo pleno, verbo vicário, operador-causativo e verbo constituinte de expressão cristalizada. Todas as

ocorrências analisadas do *corpus* podem se classificar em alguma dessas categorias. Já foi explicitado, mas vale ser reforçado, que as categorias, muitas vezes, se imbricam e se interpõem, fazendo com que algumas ocorrências do *fazer* possam ser admitidas tanto em uma quanto em outra classe. Isso se justifica pelo reconhecimento do *continuum* verbal em que os dados da língua ocorrem; também os casos que se apresentam nas fronteiras entre duas ou mais categorias serão descritos e analisados posteriormente.

Os conceitos, definições e análises das ocorrências no corpus, pertinentes a cada uma das classes pré-definidas, seguem-se nos capítulos subseqüentes, seguindo a ordem de verbo suporte, hiperverbo, pleno, vicário, operador-causativo e constituinte de expressão cristalizada, respectivamente nos capítulos 3, 4, 5, 6, 7 e 8.

3. CONSTRUÇÕES COM VERBO SUPORTE

Após analisar todo o *corpus*, uma das categorias identificadas pelo funcionamento do verbo *fazer* foi como verbo suporte (doravante *Vsup*). Cerca de 63% das ocorrências encontradas eram formadas por um *fazer* com características de *Vsup*, o que nos leva a considerar que o *fazer* mais prototípico é como *Vsup*.

Em sentenças como:

(40) A análise só pode ser **feita** com a retirada dos aminoácidos protéicos da bactéria.

(RE-ci-hj_02-03)

(41) [...] enquanto as fêmeas **fazem** uma procura peculiar por alimento. (RE-bio-ret_unico)

(42) Metzger (1999) **faz** uma revisão bibliográfica, onde a paisagem é definida [...]

(RE-ci-fi_out87)

o verbo *fazer* funciona como um suporte para o *Npred* que o acompanha; assim, as sentenças (40), (41) e (42) poderiam ser substituídas pelas que se seguem, sem nenhum prejuízo significativo para a sintaxe ou a semântica da frase:

(40a) [isso] só pode ser **analisado** com a retirada dos aminoácidos protéicos da bactéria.

(41a) [...] enquanto as fêmeas **procuram** peculiarmente por alimento.

(42a) Metzger (1999) **revisa** a bibliografia, onde a paisagem é definida [...]

Daí constata-se que o verbo *fazer*, como suporte, não possui significado específico para cada uso, apenas exerce uma função sintática de constituir o centro de uma oração, portanto não pode ser chamado de verbo nocional ou pleno, pois estes últimos possuem cargas semânticas específicas e definidas. O verbo é significativo para a sentença no sentido de preencher um espaço verbal que estava em branco, mas, na comparação entre o verbo

fazer em (40), (41) e (42) e os verbos *analisar*, *procurar* e *revisar*, respectivamente de (40a), (41a) e (42a), percebe-se que estes últimos são muito mais carregados semanticamente que o *fazer*.

3.1 CONCEITO DE VERBO SUPORTE

Uma das concepções de verbo suporte adotadas neste trabalho fundamenta-se nos estudos de Jacqueline Giry-Schneider (1978, 1987), nos quais a autora diz ser o verbo suporte facilmente reconhecível, pois ele permite parafrasear uma construção verbal com formação de um grupo nominal morfologicamente associado ao verbo, ou seja, uma *V-n*.

Em linhas gerais, considera-se que os *Vsup* são aqueles que contêm uma “carga semântica praticamente esvaziada de sentido” (GIRY-SCHNEIDER, 1978), deixando o significado da frase intimamente associado aos nomes predicativos que acompanham o verbo suporte. Isso não significa dizer que o *Vsup* não seja significativo para a frase; pelo contrário, é significativo porque preenche um espaço que precisa ser preenchido por um verbo, mas esse tipo de verbo não possui um significado lexical específico na língua. Dessa forma, os *Vsup* podem ser substituídos por algum outro verbo que corresponda ao nome predicativo usado posteriormente ou por algum outro verbo também suporte, como foi feito com (40a), (41a) e (42a).

Uma definição corrente para esse tipo de verbo diz que são “verbos semanticamente vazios que permitem construir um *SN* com *V-n* em relação de paráfrase com um *SV*: ‘gifler / donner une gifle’” (GROSS, 1981). Em outras palavras, esses verbos precedem sempre um *V-n*, são esvaziados de carga semântica, mas é sobre eles que incidem as marcas de pessoa, tempo e modo verbal.

O funcionamento do verbo *fazer*, como *Vsup*, no entanto, parece ser diferente dos outros verbos suporte em português. O verbo *dar*, por exemplo, pode ser classificado como verbo pleno quando ele funcionar como um dativo, ou seja, quando existe um objeto que é passado da posse de alguém para a posse de outrem. Da mesma forma, o verbo *ter* também funciona como verbo pleno quando indica posse, propriedade; o mesmo ocorre com diversos outros verbos que são, ora plenos, ora suportes.

O que diferencia o *fazer* de todos os outros verbos é que, mesmo na sua forma plena mais prototípica – no sentido de que algo não existia e passou a existir por causa da ação de um agente – ainda assim ele pode ser substituído por outros verbos, o que indica que a carga semântica inerente a ele próprio não é tão exclusiva quanto se pode pensar.

São também chamados verbos leves (SCHER, 2000), justamente por serem destituídos de valor semântico, servindo apenas para apoiar o substantivo precedente.

As construções *Vsup* + *V-n* são chamadas *nominalizações* e podem ser substituídas por algum verbo pleno, sem que o sentido da frase seja alterado.

(43) [...] da polícia, que **fez** a descrição da cena através da reconstituição dos fatos.
(JOR-SP-not_jul01)

(43a) = [...] da polícia, que **descreveu** a cena através da reconstituição dos fatos.

Os verbos plenos partilham propriedades sintáticas gerais com os verbos suporte, como a forma passiva, por exemplo:

(43b) A cena **foi descrita** pela polícia.

(43c) A descrição da cena **foi feita** pela polícia.

Mas as construções com *Vsup* distinguem-se das frases com verbos plenos na medida em que apresentam propriedades formais que lhes são próprias. A título de exemplificação, pode-se destacar a substituição do advérbio modificador por um adjetivo morfologicamente associado à posição de modificador do nome predicativo:

(43d) A polícia **descreveu** ligeiramente a cena.

(43e) A polícia **fez** uma descrição ligeira da cena.

Essa propriedade é particularmente relevante no caso de adjetivos que exprimem valores de natureza temporal-aspectual (como, por exemplo, o adjetivo *ligeira*); assim, eles são incompatíveis com os nomes não-predicativos, ou seja, aqueles que não formam nominalizações.

(43f) * A polícia fez uma casa ligeira.

Essa sentença só poderia ser aceitável se se considerasse *ligeira* como um advérbio, referindo-se ao processo de construção da casa, o qual foi ligeiro, mas em se tratando de um adjetivo modificador do SN *casa*, a construção (43f) é inaceitável.

As construções (43d) e (43e) são aceitáveis porque os signos *ligeiramente* e *ligeira* correspondem aos processos de *descrever* e de *proceder à descrição*, respectivamente; são, portanto, advérbios. Apesar de *ligeira* (em 43e) ser classificado como adjetivo por se referir ao substantivo *descrição*, há que se levar em conta que esse substantivo é abstrato e proveniente de um processo verbal – *descrever*. Já (43f) não é semanticamente aceitável porque o substantivo *casa* não deriva de nenhuma ação ao processo verbal; é um substantivo essencialmente concreto e primitivo.

Porém, o problema dos *Vsup* ultrapassa essa breve explanação, pois há também as construções *Vsup + Npred* que não possuem na língua um verbo pleno correspondente a essa nominalização, como por exemplo:

(44) A experiência é **feita** para melhorar a qualidade da carne brasileira.

(TESE_nov98)

Como não existe o verbo *experienciar*, conclui-se que não há um *V* (*experienciar*) morfológicamente associado ao *Npred* (*experiência*). Porém, mesmo assim, a frase (44)

continua sendo formada por um *Vsup*, afinal, o sentido da expressão recai sobre o substantivo *experiência*, e não sobre o verbo *fazer*.

Exemplos como (44) são comuns no *corpus* e serão descritos mais detalhadamente no item 3.3.3, referente aos *V-n* que não possuem verbos plenos correspondentes na língua, mas serão tratados também como verbos suporte.

3.2 HISTÓRICO DOS *Vsup*

Os verbos suporte constituem uma classe bastante produtiva no *corpus* analisado, porém, muitas vezes uma formação com verbo suporte é inserida como exemplo de um verbo pleno, como será demonstrado no próximo subitem.

Harris (1964) foi o primeiro a operar com a noção de verbo suporte no intuito de definir o tipo de relação que existia entre duas frases do inglês, mas sem desenvolver um estudo sistemático dos casos. Assim, ele propôs uma comparação não entre a frase e o sintagma nominal, mas entre duas frases, considerando que as frases com verbo suporte e nome predicativo (*Vsup* + *Npred*) são frases simples, isto é, devem figurar na base da gramática, com o mesmo estatuto de frases simples com verbos plenos e/ou adjetivos predicativos:

(45a) He studies eclipses.

(45b) = He makes studies of eclipses.

As duas sentenças são praticamente sinônimas: na segunda há a formação de um grupo nominal, *studies of eclipses* substituindo o nome *eclipses* da primeira; o sujeito de ambas permanece o mesmo; e o lugar do verbo (45b) é ocupado por um outro verbo (45a), que na verdade é a junção de um *Vsup* com uma parte do grupo nominal.

Na verdade, este conceito foi introduzido por Harris (1964, 1968) no intuito de tratar sintaticamente das relações de nominalização. Para ele, os *Vsup* serviam apenas para reestruturar qualquer frase sem mudar-lhe o sentido. Gross (1981) compartilha da mesma idéia de Harris, defendendo que a escolha por um verbo distribucional (ou verbo pleno) ou um verbo suporte poderia ser uma questão basicamente estilística.

Atualmente, são vários os estudos lingüísticos que tentam explicar o funcionamento dos verbos suporte, a partir de suas propriedades sintáticas e suas características semânticas.

3.3 AS OCORRÊNCIAS NO *CORPUS*

Já foi dito que, dos 35 milhões de palavras que formam o *corpus* Lacio-Ref, 3.805 delas eram ocorrências do verbo *fazer*, em diferentes formas verbais e nominais. Dessas 3.805 ocorrências, constatou-se 2.385 verbos *fazer* que podem ser classificados como suporte, haja vista que são verbos de apoio e são sempre seguidos de um sintagma nominalizado, como é o caso de:

(46) [...] a máquina com sete PCs interligados que *faziam* cálculos de matemática.

(RE-info-aut00_03)

(47) [...] saber quando, onde e quem *fez* a coleta da espécie catalogada. (RE-ci-fi_abr97)

(48) [...] reunir 200 casais inférteis para *fazer* a clonagem de seres humanos. (RE-fi-ci_abr97)

Construções sintáticas como essas totalizam um média de 70,3% das ocorrências do verbo *fazer* como *Vsup*, ou seja, a grande maioria dos falantes que usam o verbo *fazer* o fazem com a função de verbo suporte.

Nos textos do *corpus* que indicavam algum procedimento técnico e/ou administrativo, tais como os textos acadêmicos e técnico-científicos ligados às áreas de ciências agrárias, biológicas, físicas e químicas, houve grande incidência do verbo *fazer* seguido dos SNs *pesquisa*, *estudo*, *análise*, *trabalho* e *teste*, como confirmam os dados do Quadro 1:

Em Israel, <i>pesquisa é feita</i> com auxílio mais de verbas exteriores (RE-IF-F-hu-nov02_03)
de uma <i>pesquisa</i> sobre genes de reparo <i>feita</i> por um grupo holandês (RE-ci-dez02_13)
A elaboração dos mapas de distribuição <i>fiz</i> , previamente, uma cuidadosa <i>pesquisa</i> (TESE-nov00)
Com isso, será permitido <i>fazer pesquisas</i> que utilizem células humanas (IF-F-hu-nov03)
animais geneticamente modificados para <i>fazer pesquisas</i> (RE-IF-F-hu-nov02_03)
A ministrar ensino, <i>fazer pesquisas</i> e prestar serviços à comunidade (RE-ci-jul02_14)
não só para <i>fazer pesquisa</i> como para analisar a matéria passada (RE-IF-F-tec-dez02_01)
[...] auxiliar cirurgias, mas queria mesmo era <i>fazer pesquisa</i> (RE-ci-jul02_14)
um incentivo financeiro importante para <i>fazer pesquisa</i> dentro da empresa (RE-IF-F-tec-dez02_01)
E vai continuar a <i>fazer pesquisa</i> como uma espécie de subsidiária (RE-IF-F-tec-dez02_01)
No Centro de Bioterismo se <i>faz</i> toda a <i>pesquisa</i> básica da Faculdade de Medicina (RE-IF-F-tec-ago06_15)
diz Bertha, que <i>faz pesquisas</i> na região há 30 anos (RE-IF-F-est-out02_07)
Um <i>estudo feito</i> pela equipe do Laboratório de Imunofisiopatologia (RE-ci-jan03)
[...] o <i>reestudo</i> das teorias de Cole, <i>feito</i> por Charnov e Schaffer (1973). (RE-ci-jan03_15)
Um <i>estudo</i> experimental <i>feito</i> por Riechert [...] (RE-ci-jul_01)
No presente trabalho, <i>foi feito um estudo</i> taxonômico do gênero <i>Coptotermes</i> (TESE-ago00)
<i>Estudo</i> semelhante <i>feito</i> no médio Araguaia pela mesma equipe da Unicamp (RE-ci-jul02_14)
Também <i>foi feito o estudo</i> da fenologia das revoadas desta espécie (TESE-nov00)
Nenhum <i>estudo</i> taxonômico <i>havia sido feito</i> anteriormente (TESE-nov00)
em 1977, um <i>estudo feito</i> por pesquisadores norte-americanos (RE-IF-F-tec-mai03_02)
os resultados de um <i>estudo</i> genético <i>feito</i> por uma equipe de pesquisadores (FA-ci-ago02)
são semelhantes aos de um <i>estudo feito</i> anteriormente com a cocaína (TESE-jul03)
Um <i>estudo</i> comparativo <i>feito</i> em Perth, na Austrália, comprova que [...] (RE-IF-F-ci-out02_02)
O coordenador do <i>estudo</i> , <i>feito</i> em parceria com Sérgio Verjovski-Almeida (FA-ci-ago02)
Um <i>estudo feito</i> em oito estados do país com 366 pessoas (RE-IF-F-ci-nov02_01)
Num outro <i>estudo</i> , <i>feito</i> no âmbito de um projeto temático da FAPESP (RE-IF-F-ci-nov02_01)
um interessante <i>estudo</i> com ratos <i>foi feito</i> no Incor (FA-ci-ago02)
O <i>estudo foi feito</i> com pacientes do serviço de psiquiatria da Univer (RE-IF-F-ci-nov02_01)
<i>Foi feito um estudo</i> de sua variação, comparando-se a temperatura [...] (TESE-nov00)
do <i>estudo feito</i> com especialistas da Universidade Iguazu (FA-ci-ago02)
resultados mais notáveis desse <i>estudo</i> , <i>feito</i> por meio da técnica Sage (RE-ci-jun02_21)
Um <i>estudo</i> recente, <i>feito</i> por pesquisadores da Universidade Federal de Minas (RE-ci-jul02_11)
Ainda no IPT, <i>está sendo feito um estudo</i> sobre as propriedades mecânicas e acústicas (RE-ci-fev03_14)
oeste da Austrália, <i>foi feito um estudo</i> mais completo (TESE-nov00)
Para esta espécie, <i>foi feito o estudo</i> da biologia das colônias iniciais (TESE-nov00)
Em seguida, <i>fiz uma análise</i> canônica discriminante (TESE-nov00)
Por último, <i>fiz uma análise</i> canônica discriminante (TESE-nov00)
Caracteres morfométricos - <i>Fiz análises</i> morfométricas (TESE-nov00)
alunos da FURG <i>fizeram análises</i> químicas no organismo dos filhotes (RE-ci-jun02_05)
[...] e Ricardo Palma (URP), em Lima, no Peru, <i>fizeram</i> a mesma <i>análise</i> em amostras de sangue (RE-nov01)
A <i>análise terá de ser feita</i> dois a dois (RE-ci-jan03_15)
Esta <i>análise foi feita</i> apenas nas amostras com mais de 20 indivíduos (TESE-nov00)
segundo <i>análise feita</i> na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). (RE-IF-F-ci-nov02_01)
[...] <i>análises</i> em andamento <i>feitas</i> com outro grupo de pacientes (RE-ci-jan03_19)
A AC opera com álgebra matricial, <i>fazendo uma auto-análise</i> a partir de uma matriz (TESE-mai00)

em sua tese de mestrado, <i>faz uma análise</i> da ocorrência de LTA (TESE-jul99)
<i>Feito o trabalho</i> , ela desaparece (RE-ci-jul02_13)
resultado de um <i>trabalho feito</i> em parceria pelo grupo da Unifesp (RE- ci-jun02_20)
O <i>trabalho, feito</i> por equipes multidisciplinares de pesquisadores (RE-IF-F-est-out02_07)
[...] transtornos mentais num <i>trabalho feito</i> em colaboração com o médico Paulo Marchiori (RE-ci-dez02_15)
Desta vez, o <i>trabalho feito</i> com Peres associa o tamanho das sementes (RE-IF-F-ci-set02_15)
<i>Feito</i> por instituições de seis países, esse <i>trabalho</i> incluiu dados (RE-IF-F-ci-mai03_11)
[...] coordenadores do <i>trabalho, feito</i> pela Revire, a Rede de Vigilância de Resistência (RE-IF-F-est-out02)
pretende-se não só mostrar como é <i>feito o trabalho</i> , mas sobretudo desmistificar (RE-IF-F-est-out02_07)
<i>Trabalhos feitos</i> em centros do exterior mostram que [...] (RE-ci-jul02_13)
Em breve, os <i>trabalhos deverão ser feitos</i> num biotério cedido pela Faculdade de Medicina (FA-ci-ago02)
Instituto de Biociências, onde <i>são feitos os trabalhos</i> de modificação genética (FA-ci-ago02)
Os pesquisadores do laboratório <i>estão fazendo um trabalho</i> muito bonito (RE-IF-F-hu-nov02_03)
Hoje, eles <i>estão fazendo um trabalho</i> de genética de drosófila (RE-IF-F-hu-nov02_03)
A Embrapa Recursos Genéticos <i>faz o trabalho</i> de identificação de doenças (RE-IF-F-tec-mar03_09)
O Instituto de Biociências da USP <i>faz um trabalho</i> semelhante com a <i>Gracilaria tenuistipitis</i> (RE-ci-jul02_12)
Paulo Pimenta e Nágila Secundino <i>fazem um trabalho</i> complementar (RE-ci-fev03_13)
A gente <i>vai fazer um trabalho</i> de maneira completa (FA-ci-ago02)
A senhora <i>fez</i> algum outro <i>trabalho</i> com repercussão semelhante (RE-IF-F-hu-nov02_03)
Genoma Humano da USP e líder da equipe que <i>fez o trabalho</i> (RE-ci-jul02_13)
Vários grupos do exterior <i>tinham feito testes</i> (RE-IF-F-tec-out02_02)
[...] próximos <i>testes</i> , que <i>seriam feitos</i> pela equipe de análises clínicas da USP (RE-IF-F-tec-mar03_02)
conforme <i>testes feitos</i> in vitro (em células) e in vivo (em camundongos) (RE-IF-F-tec-mar03_02)
tempo maior que o habitual nos <i>testes feitos</i> por pesquisadores (RE-IF-F-tec-out02_02)
Os <i>testes feitos</i> na USP mostraram que essa substância (FA-ci-ago02)
há, por enquanto, necessidade de <i>serem feitos testes</i> sistemáticos nos doentes para descobrir (FA-ci-ago02)
No laboratório em que <i>foram feitos os testes</i> na Unifesp (FA-ci-ago02)
Agropecuária, de São Carlos, Bruno <i>faz</i> os primeiros <i>testes</i> desse filhote do TreeVis (FA-ci-ago02)
O grupo começou a <i>fazer testes</i> para potencializar sua atividade (RE-IF-F-tec-out02_02)
as empresas nacionais preferem <i>fazer testes</i> aqui para conhecer a soja (RE-IF-F-tec-out02_05)
O laboratório nacional privado capaz de <i>fazer testes</i> moleculares (RE-IF-F-tec-out02_05)
Para <i>fazer os testes</i> de quantificação (RE-IF-F-tec-out02_05)
Para <i>fazer o teste</i> de detecção de alimentos transgênicos (RE-IF-F-tec-out02_05)
E a possibilidade de <i>fazer o teste</i> rápido do HIV (RE-ana-ago2002)
Em um <i>teste feito</i> com 283 amostras de folhas de 59 espécies de árvores [...] (RE-ci-jul02_13)
Antes foi necessário <i>fazermos testes</i> com os animais (RE-ci-jul02_13)

Quadro 1 – Amostra de *corpus* com Vsup <fazer> e SN <pesquisa/ estudo/ análise/ trabalho/ teste>

Todas essas nominalizações referem-se aos verbos plenos, respectivamente, *pesquisar, estudar, analisar, trabalhar* e *testar*. Os verbos *estudar* e *trabalhar*, no entanto, não possuem significado semelhante às suas nominalizações.

Quando se usam as construções *fazer uma pesquisa, fazer uma análise* e *fazer um teste*, os significados dessas sentenças são, respectivamente, *pesquisar, analisar* e *testar*, ao passo que as expressões *fazer um estudo* e *fazer um trabalho* não possuem essa equivalência semântica com os verbos *estudar* e *trabalhar*. O que faz com que eles sejam considerados Vsup é porque podem ser substituídos por outros verbos suporte, sem causar prejuízos à

significação da frase. Além disso, em ambos os casos, a carga semântica das sentenças recai primordialmente sobre os SNs *estudo* e *trabalho* que no verbo *fazer*.

Nos mesmos textos em que essas nominalizações foram encontradas, foram pesquisadas também, com o auxílio do Unitex, as ocorrências dos verbos plenos *pesquisar*, *estudar*, *analisar*, *trabalhar* e *testar* e o resultado para todos eles foi praticamente o mesmo: existe, em média, uma proporção de 4 ocorrências do *Vsup* + *Npred* para cada 1 ocorrência do verbo pleno correspondente.

Em quase todos os casos em que o *fazer* ocorre como verbo suporte, ele pode ser substituído pelo verbo *realizar*, que, em alguns casos, também pode ser classificado como suporte. Inúmeros outros casos do verbo *fazer* suporte podem ser citados, mas não serão analisadas todas as ocorrências em função da extensão do trabalho.

3.3.1 V-n com seus respectivos Verbos Plenos

No item anterior já foram demonstrados casos em que o *Vsup*, juntamente com a nominalização, têm a mesma significação que um único verbo pleno – como é o caso de *fazer testes* = *testar* ou *fazer pesquisa* = *pesquisar* – e também foram apontados exemplos de V-n cujo verbo pleno não corresponde semanticamente à nominalização, como é o caso de **fazer um trabalho* = *trabalhar* ou **fazer um estudo* = *estudar*.

A maioria das expressões encontradas no *corpus* seguem o paradigma dos pares *fazer testes* = *testar* e *fazer pesquisa* = *pesquisar*, como é o caso dos correspondentes que se seguem:

Fazer coleções = colecionar	Fazer as contas = contar	Fazer a comercialização = comercializar
Fazer a comparação = comparar	Fazer ilustrações = ilustrar	Fazer a compatibilização = compatibilizar
Fazer descobertas = descobrir	Fazer anotações = anotar	Fazer a confirmação = confirmar
Fazer inscrições = inscrever	Fazer análises = analisar	Fazer a vacinação = vacinar
Fazer pesquisas = pesquisar	Fazer a secagem = secar	Fazer a comprovação = comprovar
Fazer simulações = simular	Fazer a leitura = ler	Fazer investigações = investigar
Fazer uma ressalva = ressalvar	Fazer listagem = listar	Fazer uma projeção = projetar
Fazer uma inspeção = inspecionar	Fazer medições = medir	Fazer o cruzamento = cruzar
Fazer estimativas = estimar	Fazer a liberação = liberar	Fazer o desmatamento = desmatar

Fazer uma aplicação = aplicar	Fazer coletas = coletar	Fazer uma exportação = exportar
Fazer observações = observar	Fazer medidas = medir	Fazer o reflorestamento = reflorestar
Fazer descrições = descrever	Fazer a venda = vender	Fazer apresentações = apresentar
Fazer impressões = imprimir	Fazer compras = comprar	Fazer um financiamento = financiar
Fazer considerações = considerar	Fazer o plantio = plantar	Fazer uma reforma = reformar
Fazer uma avaliação = avaliar	Fazer o corte = cortar	Fazer o tratamento = tratar

Quadro 2 – Correlação entre o verbo pleno e a nominalização

A análise que se seguirá tentará esclarecer algumas possíveis motivações para a utilização de uma ou outra forma verbal, ou, pelo menos, no sentido de identificar algumas diferenças significativas para os dois usos.

3.3.1.1 Aspectualidade verbal

Uma justificativa possível para o freqüente uso de *Vsup* provém de uma necessidade do falante em marcar o aspecto do verbo. Como o aspecto verbal não é uma categoria marcada por meio de morfemas ou desinências verbais, no português, o falante encontra, nessas construções com verbo suporte, uma forma de marcar os aspectos [terminativo] e [pontual] da ação, em oposição ao aspecto [durativo] dos verbos *pesquisar*, *analisar*, *comparar*, *coletar*, *medir* etc.

Além das marcas de aspecto contidas na própria natureza interna de alguns verbos, as construções *V-n* também podem apresentar traços semânticos diferentes das construções com verbos plenos dependendo do número – plural ou singular – do *Npred* que acompanha o verbo suporte *fazer*. Note a diferença entre os seguintes pares de sentenças:

(49) Hoje, a criança **faz** *coleções* de armas e homens-bomba. (JO-IF-JORUSP-esp-09set02_01)

= (49a) Hoje, a criança **colecciona** armas e homens-bomba.

(50) Desde 1951, o MZUSP **faz** *uma coleção* de Isoptera. (TESE-nov00)

= (50a) Desde 1951, o MZUSP **colecciona** Isoptera.

A marcação do aspecto verbal pode ser verificada em duas formas de análise: a primeira é na comparação entre os dêiticos temporais *hoje*, que representa o momento presente, atual, contemporâneo, e *desde 1951*, que expressa a passagem do tempo que começou em determinado momento e perdura até o momento atual, presente e contemporâneo; a segunda forma de marcar o aspecto verbal das sentenças é pela utilização da perífrase *fazer coleções / fazer uma coleção* em relação à possibilidade de utilizar o verbo *coleccionar*.

A diferença entre (49) e (50) é que a primeira marca os traços [+ permanente] e [+durativo], enquanto a segunda sentença é [+ permanente] e [- durativo] (COSTA, 1997). Essa mesma diferença não pode ser verificada em (49a) e (50a), quando se utiliza uma construção com verbo pleno, pois o número [singular] ou [plural] pode ser marcado no *Npred uma coleção / coleções*, mas não pode ser marcado no próprio verbo.

Pense-se no par *fazer uma observação = observar*. A correspondência entre ambas as estruturas parece ser muito mais óbvia do que se colocarmos as seguintes possibilidades: *fazer uma observação = fazer observações = fazer algumas observações = fazer todas as observações = não fazer nenhuma observação* etc. Ao compararmos todas essas possibilidades com um único verbo pleno *observar* ou *não-observar*, compreendemos que as correlações não são tão exatas quanto se parece à primeira vista.

Então, uma explicação possível para justificar a enorme produtividade do *fazer* como suporte seria a necessidade do falante em marcar com exatidão a quantidade de *observações*, *testes*, *investigações*, *análises*, dentre outras.

3.3.1.2 Princípio da economia de esforço lingüístico

Muitas vezes, pode-se notar uma diferença semântica relevante entre utilizar uma forma ou outra forma verbal, mas o mais importante a ser ressaltado aqui não é o caráter

semântico da diferença entre a nominalização e a construção com verbo pleno, mas a facilidade sintática em conhecer as conjugações de um só verbo e utilizá-lo para todos os complementos verbais.

Essa tendência é o que tradicionalmente se chama de fator ou princípio da economia de esforço lingüístico, segundo o qual tudo na língua tende para um menor esforço. Não se trata aqui de economia lingüística em diminuir a quantidade de lexias da frase ou diminuir o “tamanho” da frase, mas, sobretudo, em diminuir o esforço de conhecer todas as conjugações verbais de verbos regulares e irregulares.

Dessa forma, o falante não precisa saber qual verbo é regular e qual é irregular e também não precisa se preocupar com as desinências verbais de todos os tempos, modos, números e pessoas de todos os verbos das três conjugações, basta-lhe saber conjugar o verbo *fazer* em todos esses tempos e modos e aplicar-lhe o substantivo correspondente.

3.3.2 *V-n* que possuem Verbos Plenos não-correspondentes

Quando expusemos os verbos e as nominalizações mais recorrentes no *corpus*, mencionamos os pares *fazer um estudo* = *estudar* e *fazer um trabalho* = *trabalhar*, alegando que, apesar de existir um verbo pleno que possui o mesmo radical ou raiz da nominalização, esse verbo não corresponde semanticamente à construção *Vsup + V-n*.

Esses são os dois únicos exemplos encontrados para os quais se podem fazer essas observações, apesar de que há casos duvidosos, como os exemplos a seguir:

(51) elas chegam ao campus [...] *fazem a sensibilização* a partir de desenhos. (CA-FI_tip_unico)

(52) nos dois anos seguintes *fez curso* sobre microbiologia do solo. (LAT-art3_05)

(53) ressalta, porém, que a empresa *fará acordos* com a Fapesp (JOR-USP_set04)

(54) As exigências do MP *fizeram* um verdadeiro *estrago* nas áreas ocupadas. (s/ref)

Apesar de existirem dicionariamente os verbos *sensibilizar*, *cursar*, *acordar* e *estragar*, não se pode afirmar com toda certeza que esses verbos correspondem semanticamente às expressões *fazer a sensibilização*, *fazer curso*, *fazer acordo* e *fazer estrago*, respectivamente, pois o sentido de ambas as construções dependerá do contexto em que estão inseridas.

Devido à semelhança que algumas dessas expressões apresentam em relação às expressões cristalizadas, esses exemplos poderão ser retomados na abordagem sobre ECs. Nesta categoria de verbos suporte, há ainda algumas outras expressões que também merecem destaque. Essas expressões não apresentam complicação em relação à correlação sintático-semântica dos verbos plenos com suas respectivas nominalizações. O problema delas diz respeito à identificação de agente e de paciente na frase, uma ambigüidade que só é causada pelas construções com verbo suporte, mas não persiste naquelas formadas por verbos plenos, como se pode ilustrar com os seguintes pares:

<i>Vsup + V-n</i>	1ª interpretação	2ª interpretação
Fazer uma avaliação	O professor fez uma avaliação (elaborou)	O aluno fez uma avaliação (respondeu)
Fazer empréstimos	Fiz empréstimos no banco.	Fiz empréstimos ao meu cunhado.
Fazer uma aplicação	Eu sou médica e fiz aplicação de varizes em uma paciente.	Eu fiz aplicação de varizes com a Dr. Adriana.
Fazer tratamento	O Dr. Rui fez o tratamento da minha mãe	Minha mãe fez o tratamento com Dr. Rui
Fazer um exame	Eu fiz exame de sangue.	A biomédica fez meu exame de sangue.
Fazer uma cirurgia	O Dr. Rui fez a cirurgia da minha mãe.	Minha mãe fez a cirurgia com o Dr. Rui.

Quadro 3 – Frases construídas com *Vsup* que apresentam sujeito ambíguo

Nem todos os exemplos possuem um verbo pleno correspondente, mas os que possuem, como é o caso das duas primeiras linhas, podem desfazer a ambigüidade apenas utilizando o verbo pleno no lugar da nominalização:

(55) O professor avaliou o aluno.

(55a) = O aluno foi avaliado pelo professor.

(56) O banco me emprestou dinheiro.

(56a) = Eu emprestei dinheiro ao meu cunhado.

Com relação aos outros nomes – *aplicação*, *tratamento* e *exame* – existem também os verbos correspondentes, mas a ambigüidade só pode ser desfeita dependendo do contexto da frase, pois, diferentemente dos verbos *avaliar* e *emprestar*, aqueles primeiros nomes, mesmo quando transformados em verbos, também podem representar ambigüidade em frases como:

(57) Eu estou tratando de câncer.

Onde fica a pergunta: você é médico e trata seus pacientes que têm câncer? Ou você tem câncer e está recebendo tratamento? Nesses casos, a ambigüidade não pode ser desfeita somente com a substituição de uma expressão verbal por um verbo pleno correspondente.

Há ainda o problema da construção *fazer uma cirurgia*, que, além de permanecer ambígua em relação às funções de agente e paciente, também não pode ser substituída por um único verbo pleno, porque não existe em português um verbo que tenha sido derivado do nome *cirurgia*. Outras construções semelhantes serão descritas no próximo subitem.

3.3.3 V-n que não possuem Verbos Plenos correspondentes

Assim como a expressão *fazer uma cirurgia* não possui um verbo pleno correspondente que pertença à mesma raiz morfológica, há também vários outros casos em que não existe, na língua portuguesa, um verbo pleno, com o mesmo radical da nominalização. Esses exemplos também foram bastante recorrentes no *corpus*. A título de ilustração, citem-se os seguintes:

(58) Recentemente, os ecologistas *têm feito experiências* com culturas poliaxênicas
(BF-esp-mai/jun00_02)

(59) vivem se perseguindo, *fazendo cócegas* ou puxando a perna um do outro. (RE-ci-jul02_14)

(60) estamos *fazendo uma campanha* contra a fotopoluição. (RE-IF-F-tec-out02_02)

(61) [...] de São Paulo, que deveriam *fazer rodízios* para o tráfego. (RE-ci-jun00_02)

(62) Teve de *fazer partos* e auxiliar cirurgias (BF-esp-mai/jun00_20)

(63) seqüências de jeito nenhum, mas sim *fazer parcerias* com a Fapesp, [...] (JOR-USP-tec-ci03)

Para todas essas construções (e outras que serão expostas a seguir), não existe um verbo pleno que mantenha a mesma correlação semântica com o substantivo que funciona como complemento do verbo *fazer*, ou seja, não existem, em português, os verbos *experenciar*, *cocegar*, *campanhar*, *rodiziar*, *partar* ou *parceirar*, respectivamente, mas eles podem ser dedutíveis a partir do radical do substantivo, acrescido da desinência de infinitivo de verbos.

Mas, se eles não possuem um verbo pleno correspondente, o que faz deles verbos suporte? Independentemente de existir ou não na língua padrão um verbo pleno correspondente a cada nominalização possível, o que faz com que um verbo seja suporte não é necessariamente sua correlação com um só verbo; a sua principal característica, como já foi explicitado, é o fato de ele não possuir uma carga semântica exclusiva e específica; em outras palavras, ele não significa nada, não é significativo, serve apenas para marcar tempo, modo, número e pessoa verbais.

Para comprovar o estatuto desses verbos como verbos suporte, basta aplicar testes, como, por exemplo, tentando substituir o *fazer* por qualquer outro verbo também suporte, ou que seja muito menos significativo que os verbos plenos prototípicos:

(58a) Recentemente, os ecologistas *têm realizado experiências* com culturas poliaxênicas

(59a) * vivem se perseguindo, *dando cócegas* ou puxando a perna um do outro.

(60a) estamos *organizando uma campanha* contra a fotopoliuição.

(61a) [...] de São Paulo, que deveriam *realizar rodízios* para o tráfego.

(62a) Teve de **realizar partos** e auxiliar cirurgias

(63a) seqüências de jeito nenhum, mas sim **estabelecer parcerias** com a Fapesp, [...]

A frase (59a) é a única que não permite a substituição do verbo ou da nominalização por outro verbo qualquer. Isso pode ser uma prova de que a construção *fazer cócegas* não se trata de uma formação com verbo suporte, mas de uma Expressão Cristalizada, o que será discutido mais profundamente nos capítulos subseqüentes.

Outra expressão que também merece destaque é a contida na sentença (62), haja vista que existe, sim, na língua um verbo etimologicamente proveniente do substantivo *parto*; é o verbo *parir*, porém a correlação semântica também não se estabelece entre essas duas construções, pois entende-se que a ação *fazer um parto* só pode ser realizada pelo médico, ou parteira, ou outrem que esteja contribuindo para a realização da ação, mas que não seja a pessoa que está dando à luz um bebê.

Aquela expressão tem significado totalmente diferente do verbo *parir*, pois o praticante dessa ação só pode ser um ser do sexo feminino, capaz de engravidar, gerar e dar à luz o filho. A expressão, também construída por um *Vsup*, que pode ser utilizada nesses casos é *ter um parto*, como no caso de:

(62b) Aos dezessete anos, eu **tive um parto** difícil.

A construção *fazer um parto*, referindo-se à mãe como agente, só é aceitável quando o substantivo *parto* é acompanhado de um adjetivo, ou predicativo, como nos casos que se seguem:

(62c) Só na primeira gravidez é que **fiz parto normal**.

(62d) Na segunda e na terceira vezes eu **fiz parto cesária**.

Mas mesmo nesses casos, o verbo *fazer* não tem suas características próprias, podendo facilmente ser substituído pelo suporte *ter* ou *ser*, em alguns casos.

Foram encontradas, em todo o *corpus*, 105 expressões que possuem todas as características de verbo suporte, e, no entanto, não possuem nenhum verbo pleno correspondente na língua; algumas delas são:

Fazer uma experiência	Fazer um looping	Fazer cultura de bactérias
Fazer um rodízio	Fazer cocô	Fazer cultura de pele
Fazer uma campanha	Fazer xixi	Fazer um comportamento
Fazer rotação de culturas	Fazer parcerias	Fazer a periodização
Fazer o pós-doutorado	Fazer média	Fazer mestrado
Fazer marketing	Fazer gráficos	Fazer retondo
Fazer ciência	Fazer pré-natal	Fazer campanha
Fazer barulho	Fazer doutorado	Fazer postura
Fazer lobby	Fazer experiências	Fazer um artigo
Fazer infusões	Fazer as disciplinas	Fazer modelos

Quadro 4 – Expressões construídas com Vsup + Npred que não possuem verbo pleno correspondente

3.3.4 A expressão *fazer parte de*

Outra expressão também muito recorrente no *corpus*, em todos os tipos de textos e de todas as áreas do conhecimento foi a nominalização *fazer parte de*, encontrada em 257 frases diferentes. Em geral, a expressão é encontrada sempre com a mesma estrutura citada acima, podendo ser modificada, por exemplo, na conjugação verbal (em relação a tempo, modo, número e pessoa) ou na contração e/ou combinação da preposição *de* com outras palavras: artigos e pronomes.

indivíduos emergentes e <i>Machaerium nictitans</i> , fazendo parte do dossel da floresta (TESE-mai00)
incorpore o peptídeo em suas sementes e faça parte da ração alimentar das aves (RE-IF-F-tec-ago02_07)
até 30 de junho de 2002 fará parte do volume 2, número 1 e assim sucessivamente (RE-dez02_15)
Farão parte desse bloco os professores Federico Dajas, [...] (RE-dez02_15)
o mercado também faz parte da história da Genosys (RE-IF-F-tec-dez02_01)
O circadiano surpreendeu ao mostrar que faz parte da vida de grilos de cavernas (RE-ci-jul02_13)
Pigmento vermelho-acastanhado que faz parte da estrutura de proteínas como a hemoglobina (RE-dez02_15)
A preparação dos análogos faz parte de um outro trabalho (RE-IF-F-tec-out02_02)
o médico nascido em São Carlos faz parte de uma geração de pesquisadores (RE-IF-F-tec-out02_02)
O evento faz parte do 18o Encontro Internacional Imagem e Ciências (RE-IF-F-tec-out02_02)
O projeto, uma iniciativa da Reitoria, faz parte do Plano Diretor (RE-IF-F-tec-out02_02)
Rincossauros e o Prestosuchus, que não fazem parte do seletor grupo dos dinossauros (BF- esp-maijun00_02)
observação atenta das aves urbanas já faz parte do cotidiano (BF- esp-maijun00_02)
Consumo de alimentos que não fazem parte da dieta habitual do paciente (RE- ci-jun02_20)
piranhas e pacus fazem parte da mesma família, a Serrasalmidae (RE-ci-jul02_14)

Quadro 5 – Amostra de *corpus* com a expressão <fazer parte de>

As únicas ocorrências que não correspondem a essa mesma estrutura sintática decorreram de regras de transformação a partir da aplicação de pronomes relativos, como é o caso de:

(64) [...] no ecossistema do qual essa população *faz parte*. (RE-IS-F-po-fev03_02)

(65) [...] ao grupo dos terópodes, do qual *fazem parte* o Tiranossaurus rex e o Velociraptor. (RE-IF-F-hu-nov04_11)

(66) [...] aderiu oficialmente à GBIF – da qual *fazem parte* cerca de 30 nações. (RE-ci-jan03_17)

Se aplicarmos novamente as regras de transformação de “desrelativização”, as sentenças passam a seguir exatamente as mesmas estruturas sintáticas das demais expressões com *fazer parte de*.

Devido o grau de fixidez dos elementos que compõem essa expressão, ela pode também ser considerada uma Expressão Cristalizada. Muitas vezes, pode ser substituída pelo verbo e sua regência *participar de*, mas essa correspondência sintática nem sempre se aplica à semântica, pois dizer que:

(67) Os projetos *fazem parte de* um novo sistema pedagógico. (LDB-ref-met98_00)
é diferente de dizer que:

(67a) Os projetos *participam de* um novo sistema pedagógico.

Porque os projetos não participam; eles estão ali simplesmente para compor algo maior que se chama “sistema pedagógico”; os projetos não participam de nada, apenas ‘**são**’ uma parte do todo.

Tudo isso nos leva a crer que o substantivo derivado do verbo *participar* seria *participação*, e não *parte*. Na verdade ambos os substantivos possuem a mesma raiz de *participar*, mas o primeiro é abstrato enquanto o segundo substantivo é concreto. Levando-se em consideração que os substantivos abstratos, em geral, representam processos ou ações,

e os substantivos concretos estão mais ligados às coisas materializadas presentes no mundo concreto, então pode-se reconhecer e confirmar a motivação lingüística para a incompatibilidade entre as expressões *fazer parte de* e *participar de*.

Dessa forma, o verbo *participar de* continua tendo um correspondente como *Vsup*, não mais como *fazer parte de*, mas como *ter participação em*, o que torna a correlação muito mais coerente semanticamente.

3.3.5 Funções sintáticas: Adjunto Adnominal = Objeto Direto e Complemento

Nominal = Objeto Indireto

A observação sintática mais relevante a ser feita em relação aos *Vsup* diz respeito às nominalizações formadas por *Vsup* + *Npred* + *Adjunto Adnominal* (AA). A maioria dos AAs encontrados no *corpus* são locuções adjetivas formadas por uma preposição e um substantivo. Essa estrutura, quando a frase é transformada em oração com verbo pleno, passa de Adjunto Adnominal para Objeto Direto (OD), acompanhados ou não de artigos, como exemplificam os seguintes pares:

Fazer previsão da safra	= prever a safra
Fazer transformação dos dados	= transformar os dados
Fazer a cotação do produto	= cotar o produto
Fazer análise de semens	= analisar semens
Fazer a captação dos recursos	= captar recursos
Fazer exame de DNA	= examinar o DNA
Fazer o descarte de animais	= descartar animais
Fazer o isolamento do vírus	= isolar o vírus
Fazer controle de distribuição	= controlar a distribuição
Fazer um ajustamento do preço	= ajustar o preço
Fazer a ocupação do cerrado	= ocupar o cerrado
Fazer as liberações do estoque	= liberar o estoque
Fazer vendas de combustíveis	= vender combustíveis
Fazer a criação de inimigos naturais	= criar inimigos naturais
Fazer a aplicação do bioinseticida	= aplicar o bioinseticida
Fazer a detecção de alimentos transgênicos	= detectar alimentos transgênicos
Fazer uma pressuposição de retornos constantes	= pressupor retornos constantes
Fazer digestão das cinzas	= digerir as cinzas
Fazer irrigação do arroz	= irrigar o arroz
Fazer o preparo da solução nutritiva	= preparar a solução nutritiva
Fazer os testes de qualificação	= testar a qualificação

Quadro 6 – Correlação entre Adjunto Adnominal e Objeto Direto

Em todos os casos acima mencionados, as locuções adjetivas são classificadas tradicionalmente como Adjuntos Adnominais, pois não são necessárias para complementar a nominalização¹⁰, mas há um caso em que a locução adjetiva funciona como CN e, com a aplicação da mesma regra transformacional, altera-se também a estrutura sintática da nova frase.

(68) A única **referência ao álcool foi feita** com o objetivo de mostrar [...] (JOR-SP-not-ci_ago99)

Fazer referência ao álcool implica em *Referir-se ao álcool*. Assim, a estrutura {*Vsup* + *V-n* + *CN*} transforma-se em {*Vpleno* + *OI*}, em vez de transformar-se em OD, como ocorrera com todos os outros exemplos anteriores.

3.3.6 Funções morfológicas: adjetivo e advérbio

Em geral, quando se tem uma estrutura formada por {*verbo* + *OD* + *Adjunto*}, esse adjunto é classificado como Adnominal, justamente porque caracteriza o nome ou sintagma nominal que funciona como complemento verbal (OD), porque as gramáticas brasileiras consideram que adjetivo modifica ou complementa substantivo, enquanto advérbio modifica ou complementa verbo.

Partindo dessa concepção, devemos admitir que os itens lexicais subseqüentes às nominalizações são também adjetivos, como exemplificam as sentenças:

(69) Temos que **fazer uma modificação química** na proteína [...] (RE-IF-po-fev03)

(70) Em 14 de outubro de 1997, **foi feito o anúncio oficial** do Genoma-FAPESP. (RE-IF-F-tec-abr03_02)

(71) O **controle biológico da broca é feito** com uma pequena vespa importada. (RE-ci-jun02_16)

¹⁰ Considera-se tradicionalmente que os adjuntos funcionam como informações extras, não sendo necessários para a significação do SN ou da nominalização. Esta autora, no entanto, reconhece que até mesmo os adjuntos funcionam como restritivos, delimitando e especificando os SNs.

Em (69), *química* é o adjetivo que modifica o substantivo *modificação*; em (70), o adjetivo *oficial* modifica o substantivo *anúncio*; e, em (71), o adjetivo *biológico* modifica o substantivo *controle*. Se substituirmos o substantivo, juntamente com o verbo suporte, por um único verbo, a lexia que funcionava como adjetivo já não pode mais ser classificado como tal; passa então a funcionar na frase como advérbio:

(69a) Temos que ***modificar quimicamente*** a proteína [...]

(70a) Em 14 de outubro de 1997, ***foi anunciado oficialmente*** o Genoma-FAPESP

(71a) ***Controla-se biologicamente*** a broca com uma pequena vespa importada.

Esses advérbios geralmente indicam modo, e são formados pela combinação do adjetivo + o sufixo *mente*, que indica advérbio de modo. Nem todos eles existem na língua portuguesa culta, mas qualquer falante é capaz de construir qualquer um deles e também é capaz de interpretá-los – mesmo os que não existem no dicionário – como advérbios de modo.

Foram mencionadas três expressões que sofreram as regras de transformação de {*Vsup* + *V-n* + *Adjetivo*} para {*Vpleno* + *Advérbio*}, e todas elas são perfeitamente aceitáveis, mas há também alguns casos em que a substituição da primeira estrutura pela segunda não resulta em orações muito aceitáveis gramaticalmente, como é o caso de:

(72) O diretor da IFF no Brasil, Guilherme Paixão, diz que ***foram feitos testes cegos***.
(RE-INF-ci-mai00)

Se aplicarmos a mesma regra de transformação mencionada anteriormente à sentença (72), teríamos como resultado:

(72a) ? O diretor da IFF no Brasil [...] diz que ***foram testados cegamente*** [...]

O que tem, na melhor das hipóteses, aceitabilidade duvidosa, pois não equivale semanticamente a (72). Esse não foi o único exemplo encontrado no *corpus* em que a estrutura formada por {*Vsup* + *V-n* + *Adjetivo*} não se adequa à regra de transformação para

{*Vpleno* + *Advérbio*}. Na verdade, a (in)aceitabilidade dessas expressões é sempre duvidosa e depende de um contexto muito maior do que uma frase simples. Seguem-se algumas outras ocorrências do verbo *fazer* para exemplificar o que foi exposto.

as regras da equivalência permitem ao produtor <i>fazer a liquidação física</i> de seu plantio (RE-IF-F-tec-mar03_09)
com a verdade terrestre, ou podem <i>ser feitas classificações supervisionadas</i> (RE-ci-jul02_13)
Instituto Oceanográfico da USP, que <i>fez um trabalho específico</i> sobre esse caranguejo (FA-ci-ago02)
A usina laticinista <i>fazia aplicações financeiras</i> no período (FA-ci-ago02)
A <i>variação temporal</i> da vegetação <i>foi feita</i> a partir da Análise de Componentes Principais (RE-ci-jul02_13)
máximo um ano um teste de DNA capaz de <i>fazer o diagnóstico precoce</i> da doença (RE-IF-F-est-out02_07)
Com o coquetel, podemos pensar em <i>fazer o controle biológico</i> dessas pragas (RE-IF-F-hu-nov02_03)
É um medidor portátil, que <i>faz leitura instantânea</i> de até 12 tipos diferentes de grãos. (RE-ci-fev03_13)
A <i>reforma feita foi estrutural</i> , sem extravagâncias, segundo os peritos. (RE-ci-fev03_13)
no país onde <i>foi feita a coleta desautorizada</i> (JO-rev-mar_03)
As <i>provas imunológicas podem ser feitas</i> através da Reação de Montenegro ou da Imunofluor. (FA-ci-ago02)
A raça tem apresentado boa performance no <i>cruzamento industrial, feito</i> entre o gado europeu (mais produtivo) e o nelore (mais rústico). (RE-IF-F-ci-set02_15)
Um <i>estudo comparativo feito</i> em Perth, na Austrália, comprova (RE-IF-F-est-out02)
<i>Planejamento comparativo</i> das duas bactérias, <i>feito</i> por 69 pesquisadores (JO-rev-mar_03)
além <i>de tempero especial feito</i> com ervas naturais e especiarias (LI-inf-did00_04)

Quadro 7 – Amostra de *corpus* com *Vsup* <*fazer*> + *Npred* + *Adjetivo*

Mas, de todos eles, o caso mais interessante é referente ao exemplo (73):

(73) [...] abrigam os *achados paleontológicos feitos* em seu interior. (AG-FSP-unic)

Quando se aplicam as regras de transformação a essa sentença, a frase menor e mais simples a que se pode chegar é *Fazer achados paleontológicos*. Se considerarmos a expressão *fazer achados* como {*Vsup* + *V-n*} e a lexia *paleontológicos* como adjetivo que caracteriza *achados*, seremos obrigados a concordar com a possibilidade de existência da sentença *Achar paleontologicamente*, haja vista que as regras de transformação de adjetivo para advérbio devem servir para todos os exemplos.

Apesar de essa sentença apresentar uma estrutura sintática coerente, não se pode afirmar o mesmo em relação à semântica. Inclusive, é preferível comparar a expressão *Fazer achados paleontológicos* com: *Achar coisas/ resquícios/ provas paleontológicas*, mesmo que isso contrarie a regra transformacional aplicada anteriormente nas outras sentenças cuja estrutura era a mesma.

A não-correspondência entre adjetivos e advérbios pode ser mais uma explicação que favorece a grande produtividade das estruturas com o *fazer*, que têm especificidades não redutíveis.

3.4 ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O FAZER SUPORTE

A investigação sobre esse tipo de construção é muito útil e necessária para desvendar alguns problemas de sintaxe que interferem nos estudos em lexicologia, daí coloca-se a seguinte questão: onde se dá o processo de formação de uma construção com *Vsup*: na sintaxe ou no léxico? Essa, como várias outras indagações acerca dos conceitos de palavra, frase e expressão, por exemplo, são questionamentos relevantes para esse tipo de análise.

Na verdade, essas construções são problemáticas tanto para a sintaxe e a semântica quanto para a lexicologia. Se pensarmos na sentença:

(74) [...] e tudo acabou quando o diretor *fez a descrição da cena*. (TE-vi-ci-mai92)

podemos questionar: o sintagma *da cena* é complemento do nome ou do verbo? Quanto ao substantivo *descrição*, ele se comporta da mesma forma, tanto na presença do verbo suporte quanto em outras construções com verbos plenos? Ele é o próprio objeto direto, ou é parte integrante de um *SN* que funciona como objeto direto, ou ainda é parte integrante do verbo? Além disso, se os *Vsup* constituem uma classe limitada e restrita dos verbos, como funciona essa classe? Em que condições *fazer* é um verbo suporte?

Como se pôde comprovar, o verbo *fazer*, funcionando como suporte, é um dos verbos mais produtivos e utilizados pelos falantes do português, e isso não ocorre somente nessa língua. O *fazer* é estudado e classificado também em várias outras línguas com o mesmo estatuto de verbo suporte, apesar de que o “*fazer*” (do português) possui

características muito diferentes das dos verbos *faire* (do francês), *fare* (do italiano) e *make* (do inglês).

Ce procédé est très productif en français comme en anglais, et sans doute dans d'autres langues; il conduit à "fabriquer des verbes avec des noms", et cela pas seulement avec des noms dérivés, mais aussi avec des noms isolés; d'où la nécessité d'élargir la notion d'opérateur (cf.1,III).¹¹

(GIRY-SCHNEIDER, 1978, p.14)

Exemplos disso são as acepções de várias outras lexias que utilizam o verbo *fazer* em suas definições, criando assim construções com *Vsup*. Para comprovar isso, foram retiradas aleatoriamente algumas acepções de verbos do dicionário Houaiss:

ABARATAR v. (1597 cf. DA) **1** t.d. fazer ou tornar barato; reduzir o preço, baratear
 BAGUNÇAR v. (sXX) B *infrm.* **1** t.d.int. fazer bagunça ou desordem (em); anarquizar
 BAINHAR /a-i/ v. t.d. fazer bainha em; embainhar, abainhar
 BAJULAR v. (1789 cf. MS¹) t.d. lisonjear para obter vantagens; fazer bajulações; adular
 BALANCEAR v. (sXVI cf. ZT) **2** t.d. ARQ fazer o balanceamento de (os degraus de uma escada em leque) **3** t.d. AUTOM fazer balanceamento de (rodas)
 BALBUDIAR v. (1882 cf. CCBNarc) **1** t.d. fazer ou provocar balbúrdia; tumultuar
 CARETEAR v. **1** t.i.int. fazer careta; caramunhar <irritou-se com o homem que lhe careteava> DUPLICAR v. **2** t.d. fazer (algo) duas vezes; repetir <os avanços genéticos permitiram d. um embrião>
 ESTAGIAR v. (1958 cf. AA) int. fazer estágio ('prática e aprimoramento profissional')
 FAXINAR v. **2** t.d. fazer faxina em ('serviço de limpeza')
 FOFOCAR v. (1975 cf. AF¹) B *infrm.* **1** t.i.int. fazer fofoca(s); mexericar, bisbilhotar
 REFERIR v. **4** bit. e pron. fazer referência ou menção a; reportar(-se) <ele se refere à viagem>
 REVELAR v. **3** t.d. fazer revelação, ger. incriminatória; denunciar, delatar <r. um levante político>
 SINALIZAR v. (1899 cf. CF¹ supl.) **2** t.d. fazer sinais; comunicar por sinais

Assim, quando se estabelece a relação entre cada lexia e sua definição, percebe-se que todas essas definições são construídas com verbo suporte.

Verbo pleno	Definição (com <i>Vsup</i>)
ABARATAR	"fazer barato"
BAGUNÇAR	"fazer bagunça"
BAINHAR	"fazer bainha em"
BAJULAR	"fazer bajulações"
BALANCEAR	"fazer o balanceamento"
BALBURDIAR	"fazer balbúrdia"
CARETEAR	"fazer careta"
DUPLICAR	"fazer duas vezes"
ESTAGIAR	"fazer estágio"
FAXINAR	"fazer faxina"
FOFOCAR	"fazer fofoca"

¹¹ "Este fenômeno é muito produtivo tanto em francês quanto em inglês, e, sem dúvida, em outras línguas também, ele conduz 'à fabricação de verbos a partir de nomes', e não apenas com os nomes derivados, mas também com nomes isolados, donde surge a necessidade de trabalhar melhor a noção de operador", tradução minha.

REFERIR	“fazer referência”
REVELAR	“fazer revelação”
SINALIZAR	“fazer sinal”

Quadro 8 – Definição de alguns verbos plenos

Essa comprovação vem confirmar a hipótese defendida desde o início da pesquisa, de que a categoria de *Vsup*, para a análise do verbo *fazer*, é a mais produtiva das categorias verbais do português.

4 CONSTRUÇÕES COM O HIPERVERBO¹² FAZER

Há muitos casos em que o verbo *fazer* é suporte, mas funciona, ao mesmo tempo, como uma classe maior que abarca vários outros verbos, sejam eles suporte, sejam plenos. Assim, o *fazer* funciona, muitas vezes, como um hiperverbo de vários outros verbos cujos complementos verbais pertencem ao mesmo campo semântico.

Não há, na literatura, estudos que se refiram especificamente ao conceito de “hiperverbo”, mas essa nomenclatura está sendo utilizada em correlação com o termo “hiperônimos”, que são nomes que podem agrupar um conjunto de outros nomes que possuam predicados semânticos semelhantes. Nesse sentido, as construções verbais com hiperverbos são representadas por um verbo – no caso, o *fazer* – que pode ocupar o lugar de vários outros verbos plenos ou suporte.

O hiperverbo (doravante *Vhip*) pode ocupar ambos os lugares de *Vsup* e de *Vpleno*; o que determina que o *fazer* é um hiperverbo são os complementos verbais que com ele se combinam. Quando esses complementos pertencem a um mesmo campo semântico, chamamos o verbo *fazer* que os precede de hiperverbo.

Não poderíamos abordar as construções com hiperverbo no capítulo referente aos verbos suporte porque há uma notável diferença entre as construções com cada um deles. O verbo em si pode ser classificado tanto como *Vsup* quanto como *Vhip* (ou *Vpleno* e *Vhip*, em casos específicos), porém as construções sintáticas que podem ser formadas com este mesmo verbo são diferentes: considera-se formação com *Vsup* quando as frases são

¹² A nomenclatura “hiperverbo” deriva do termo “hiperônimo”, usado tradicionalmente para designar uma classe que representa vários nomes de um mesmo campo semântico, ou seja, os hipônimos. Neste trabalho, será utilizado o termo “hiperverbo”, haja vista que o signo que engloba os vários outros signos menores é um verbo e não um nome, porém a discussão sobre a nomenclatura a ser usada não é necessária, bastando esclarecer que o termo “hiperverbo” está sendo usado no mesmo sentido que o termo “hiperônimo” o faz, para se referir aos hipônimos que pertencem a um mesmo campo semântico.

formadas por {*Vsup* + *V-n*}, enquanto a maioria das construções com *Vhip* possuem uma estrutura sintática semelhante, mas não idêntica: {*Vhip* + *SN*}¹³.

Em contrapartida, o hiperverbo também não poderia ser estudado na mesma seção que a dos verbos plenos porque também apresenta particularidades em relação aos elementos com os quais se combinam. Esbarramos novamente no problema da categorização, pois, mesmo quando um verbo – no caso, o *Vhip fazer* – tem as propriedades e características de um *Vpleno*, ele não é tão pleno quanto vários outros verbos, justamente porque se assemelha mais a um *Vhip* que a um *Vpleno*.

Outra diferença entre um *Vhip* e um *Vpleno* é que o segundo é muito mais significativo que o primeiro, ou seja, tem sua carga semântica mais específica que o *Vhip*. Isso se explica pela própria natureza de um hiperônimo, o qual agrupa vários valores semânticos e várias significações ao mesmo tempo, uma vez que representa vários hipônimos.

Analisando essencialmente o hiperverbo *fazer*, constata-se que as propriedades desse verbo são diferentes porque ele não é verbo suporte, mas também não chega a ser verbo pleno. A significação de um *Vpleno* está intrínseca e absolutamente ligada ao próprio verbo, enquanto que o significado de uma construção com *Vhip* recai mais fortemente sobre o *SN* do que sobre o próprio *Vhip*. Para esclarecer, analisem-se os exemplos:

(75) Ana *fez um quadro*.

(75a) Ana *pintou um quadro*.

As duas construções frasais são semelhantes sintaticamente, mas possuem pequenas diferenças semânticas: na segunda, por exemplo, é inegável que Ana tenha sido a pintora do

¹³ De fato, há uma diferença significativa entre um *SN* e um *V-n*, pois o primeiro é uma lexia ou um grupo lexical independente, enquanto o segundo é necessariamente colado a um verbo morfológicamente correspondente.

quadro, enquanto, na primeira, ela pode ter sido a pintora, mas pode também ter sido a marceneira que trabalhou a madeira e a tela na forma de quadro.

O sintagma *um quadro* é, indubitavelmente, um *SN*, e não um *V-n*, portanto os verbos *fez* (em 75) e *pintou* (em 75a) não podem ser confundidos com *Vsup*. Considerá-los-emos, portanto, verbos plenos. Poder-se-ia ainda substituir o *SN um quadro* pelo *V-n uma pintura* e testar novamente os verbos *fazer* e *pintar*:

(75b) Ana *fez* uma pintura

(75c) Ana *pintou* uma pintura

Quando se coloca, na posição de complemento verbal, um *V-n*, o verbo *fazer* passa a funcionar como *Vsup* – (75b) – pois *uma pintura* é um substantivo morfologicamente associado ao verbo *pintar*. A sentença (75c) é pleonástica porque o radical do verbo *pintar* é o mesmo do substantivo a ele associado *pintura*.

Retomando as sentenças (75) e (75a), constata-se que a idéia da ação expressa pelo verbo *pintar* é muito mais concreta e significativa que a ação expressa pelo verbo *fazer*. Considerar-se-á, portanto, que ambos sejam *Vplenos*, mas, em relação à prototipicidade, o *pintar* é muito mais pleno do que o *fazer*, já que tem uma carga semântica mais específica que a do *fazer*. Por isso, o *fazer* é um *Vhip* e o *pintar* é um *Vpleno*.

As noções das classes de verbos e classes de objetos já apresentadas nos levam a duas considerações finais: a) os *Vhip* não funcionam da mesma forma que os *Vplenos*; b) os *Vhip* também não são *Vsup*. Considera-se, portanto, que os *Vhip* estejam na fronteira entre a classe dos *Vsup* e a dos *Vplenos*.

Isso porque os *Vhip* estão notoriamente substituindo ora um *Vsup* ora um *Vpleno*, porém não é nem esvaziado de sentido, nem associado a nenhum *Npred*.

A noção de Classes de Objetos (G. GROSS, 1989, 1996) foi proposta como o cerne das questões lingüísticas que envolvem a relação entre o léxico e a gramática.

[Sur] de classes sémantiques construites à partir de critères syntaxiques, [on peut dire que] chaque classe étant définie à partir des prédicats qui sélectionnent de façon appropriée les unités qui la composent. Les classes lexicales ainsi construites se caractérisent par leur fort pouvoir de prédiction pour un grand nombre de propriétés linguistiques.¹⁴

(LE PESANT & MATHIEU-COLAS, 1998)

4.1 *Vsup* QUE FUNCIONA COMO *Vhip*

Foram encontradas no corpus duas grandes classes de objetos com lexias que se combinam com o verbo *fazer*, uma ligada à classe de estudos/disciplina/matéria curricular de cursos e a outra relacionada a esportes/atividades físicas. Esta última, a título de exemplificação, está demonstrada a seguir.

(76) [...] nunca precisei *fazer ginástica*. (RE-FI-ci-set_00)

(77) [...] das possibilidades de escolha, ficou em dúvida entre *fazer balé* ou alguma *arte marcial*. (RE-F-mai_00)

(78) Por muito tempo preferiu *fazer natação* a jogar bola. (RE-FI-ci-set_00)

Vários outros *SNs*, tais como *judô*, *caratê*, *capoeira*, *jazz*, *sapateado*, *vôlei*, *handebol*, *spinning* etc., também podem pertencer a essa classe, desde que se refiram a algum tipo de esporte, exercício ou atividade física.

Porém, apesar de a classe de objetos estar bem delimitada, os verbos desses exemplos não são plenos, pois em nenhum deles o verbo *fazer* indica o processo de algo que não existia e passou a existir a partir da ação de algo ou alguém. Se esse é o valor mais intrínseco do verbo *fazer* como *Vpleno* e não corresponde ao significado deles nas frases, então não se pode considerá-lo como *Vpleno*.

¹⁴ “[Sobre] as classes semânticas construídas a partir de critérios sintáticos, [pode-se dizer que] cada classe é definida a partir de predicados que selecionam de forma apropriada as unidades que a compõem. As classes lexicais assim construídas se caracterizam por seu forte poder de predição por uma grande quantidade de propriedades linguísticas.

Também não pode ser chamado exclusivamente de *Vsup* porque o *fazer*, em (76), (77) e (78), não possui sua carga semântica esvaziada de sentido; ele possui sim um valor, ou noção, a ele atrelado. Em todos os casos, o verbo *fazer* pode ser substituído, por exemplo, por outro verbo pleno mais significativo, como o *praticar*, por exemplo.

Nesse sentido, considerar-se-á que o *fazer*, ligado à classe de objetos que designam esportes ou atividades físicas, é um *Vhip*.

Se tomarmos como base outra classe de objetos, que mantém elementos do mesmo campo semântico, tais como *mestrado*, *doutorado*, *um curso*, *pós-graduação*, *magistério*, *bacharelado*, *licenciatura*, *especialização*, *PhD*, dentre outros, encontraremos uma mesma classe de objetos, referente ao hiperônimo *estudo / curso*. Se todos os SNs correspondem a um mesmo substantivo hiperônimo, podemos dizer também que o verbo *fazer*, aplicado a todos esses SNs, também funcionará como um hiperverbo. O *Vhip fazer*, referente a essa classe de objetos, pode substituir outros verbos mais específicos e significativos, tais como *estudar* ou *cursar*.

4.2 *Vpleno* QUE FUNCIONA COMO *Vhip*

Muitas vezes, quando se classifica o verbo *fazer* como pleno, ele pode ser substituído por algum outro verbo pleno, como *fabricar*, *construir*, *produzir*, *elaborar*, dentre vários outros já mencionados; no entanto, não existe um *Vpleno* único (e apenas um *Vpleno*) que possa assumir todos os lugares do *fazer* (*Vpleno*), em todas as suas ocorrências.

Nas frases a seguir, por exemplo, há um *Vpleno fazer* que pode ser substituído por *criar*, ou melhor, *criar artificialmente algo que deveria ser produzido naturalmente*, ou ainda *recriar algo a partir de um outro algo já existente*, como se demonstra em:

(79) A clonagem reprodutiva – que visa a *fazer um novo ser humano* – é repudiada pelos cientistas e, principalmente, pela igreja católica. (RE-IF-F-ed-out02)

(80) Para os cientistas *fazerem a Dolly*, eles fizeram antes quase 300 tentativas. (TESE-nov00)

(81) [...] usar essa tecnologia para *fazer seres humanos*. (RE-fev03_05)

(82) [...] a partir da célula já diferenciada, *fazer um organismo inteiro*. (TESE-jul01)

A maioria dos exemplos em que o *fazer* possui valor de *recriar algo a partir de outro algo semelhante já existente* pertencem aos textos das áreas de agrárias e biológicas, pois geralmente remetem aos processos de clonagem, de melhoramento genético e de aplicação de testes para mutações genéticas.

O valor lingüístico do verbo *fazer*, nesses últimos exemplos, é bastante diferente do valor verbal nas construções:

(83) *estátua da liberdade*, que os franceses *fizeram* em Paris, em protesto contra [...] (RE-JO-hu-nov02_03)

(84) [...]Estados Unidos arrecadar dinheiro e *fazer* um novo *edifício*.(JO-SP-out-03)

(85) [...] *casebre* na forma de pirâmide, *feito* de madeira e adobe. (RE-re-po-dez01)

(86) O *Museu* Ultramarino de Lisboa, *feito* por Van Keulen em 1683, mostra o corte horizontal característico [...] (RE-IF-F-ci-abr03_10)

Pois, nesses últimos, o *Vpleno fazer* está sempre empregado como um termo próprio das áreas de arquitetura ou da construção civil, indicando o processo da construção de algum imóvel ou monumento: *a estátua da liberdade, o edifício novo, o casebre e o Museu Ultramarino de Lisboa*.

Há ainda inúmeros outros casos em que o *fazer* também dá idéia de *construir*, mas não se referem necessariamente à construção de um imóvel ou às áreas de arquitetura e

construção civil; podem referir-se à construção de algum objeto, móvel, mobiliário, escultura, instrumento ou utensílio, como é o caso de:

(87) Depois do passeio, puderam jogar futebol, *fazer castelos de areia* e nadar no mar. (LI-inf-did00_04)

(88) [...] *armadilha* para pegar passarinho, *feita* com pedaços de madeira na forma de pirâmide. (RE-ci-jan03_18)

(89) [...] formigas que *fazem* seus *ninhos* em cavidades especiais nos galhos. (s/ ref.)

Essa breve explanação visa a esclarecer que as ocorrências de frases com o verbo *fazer* podem ser agrupadas em grandes classes – a partir das chamadas “Classes de Objetos” – e, em cada grande classe, o verbo possui um valor lingüístico específico. O valor de cada verbo depende das lexias que compõem a classe de objetos.

4.3 AS CLASSES DE OBJETOS E O HIPERVERBO FAZER NO CORPUS

Desde o início deste capítulo, vêm sendo elucidados alguns critérios para o reconhecimento do campo semântico a que pertencem os *SNs*, para a definição de classes de objetos e para a classificação propriamente dita desses *SNs*.

As classes de objetos são categorias que descrevem um grupo de objetos com propriedades (atributos) similares, comportamentos (operações) similares, relacionamentos comuns com outros objetos e uma semântica comum (Le PESANT & MATHIEU-COLAS, 1998). Dos exemplos já citados anteriormente, podemos destacar duas classes de objetos claramente identificáveis: seres vivos e imóveis.

Além dessas, podemos estabelecer ainda outras classes de objetos, como: receitas de comida, receitas de remédio, instrumentos, equipamentos, artes, estudo, exercícios físicos, procedimentos médicos, dentre várias outras.

O quadro 9 demonstra, nas três colunas, respectivamente, as classes de objetos, os exemplos de frases simples para essas classes de objetos, e um “verbo hipônimo” correspondente ao *Vhip fazer*:

Classe de objetos	Exemplos	Verbo Hipônimo
Matéria/ Disciplina curricular	Esse ano, só vou <i>fazer</i> microbiologia. Quando pensara em <i>fazer</i> teatro, [...] Todos eles <i>fizeram</i> medicina na UnB. De matéria obrigatória, só tem que <i>fazer</i> Cálculo II. O curso de psicopedagogia poderá <i>ser feito</i> em dois anos.	Estudar/ Cursar
Criaturas de Deus/ Seres	Deus <i>fez</i> o mundo em seis dias. <i>‘Faça-se a luz’</i> . E a luz <i>foi feita</i> . Primeiro, Deus <i>fez</i> o homem. Os lagos e os rios <i>foram feitos</i> com suas lágrimas.	Criar/ Dar existência a/ Dar forma a
Imóveis/ Construções	Os espanhóis <i>fizeram</i> as igrejas sobre os templos astecas. Todas as kitinetes <i>foram feitas</i> com o material reaproveitado. Muitos operários foram recrutados para <i>fazer</i> o novo prédio. Não adianta <i>fazer</i> uma casa sem estrutura sólida.	Construir/ Edificar
Escritos/ Obras literárias	Pretendia <i>fazer</i> um romance. A grande dificuldade é <i>fazer</i> uma sonata. Dr. Armando, quando estudante, <i>fazia</i> poemas. [...] meta alcançada pelo livro, que <i>foi feito</i> por Mendes Sá.	Escrever/ Compôr
Comidas/ Pratos/ Receitas culinárias	O que você vai <i>fazer</i> para o jantar? Perguntou onde estava a doutora que <i>fazia</i> os omeletes. Acho que prefiro <i>fazer</i> pastéis hoje. Mamãe <i>fez</i> seu prato e o deixou no microondas.	Preparar/ Cozinhar
Prêmio de loteria / Recompensa	Após <i>ter feito</i> a sena, jogou mais cem cartelas. Na loto, sempre <i>faço</i> a quadra ou o terno. Três dias depois, <i>fiz</i> a quina. Jogando os mesmos números, você consegue <i>fazer</i> a sena.	Ganhar/ Acertar/ Conseguir
Atividade/ Realização profissional	Deixou o emprego público e hoje <i>faz</i> teatro. Eu <i>faço</i> política por intermédio da medicina. Não tinha outra escolha; seu destino era <i>fazer</i> mágica.	Dedicar-se a/ Consagrar-se como
Sensações/ Sentidos/ Emoções	A ofensa lhe <i>fez</i> grande tristeza. <i>Fez</i> tanto barulho que acordou a criança. Eu tinha estima pelo menino, e <i>fiz</i> a vontade dele [...] chuveiros ligados e a água <i>faz</i> barulho contra as cortinas.	Causar/ Despertar/ Provocar
Personagem/ Papel em peça teatral	<i>Fez</i> um Hamlet extraordinário. Quem vai querer <i>fazer</i> a empregada do casal? O papel só poderá <i>ser feito</i> por alguém com características indígenas.	Encenar/ Fazer papel de Dramatizar
Mobiliário ou objeto proveniente de alguma matéria-prima	O próximo passo é <i>fazer</i> o boneco de pano. Preciso <i>fazer</i> um armário pra este quarto. Só vou mandar <i>fazer</i> mais vestido quando receber o salário. Só <i>fazemos</i> calçados para crianças.	Fabricar/ Manufaturar
Partes do corpo que podem ser melhoradas em salões de beleza.	Marquei para <i>fazer</i> a unha na sexta-feira. O Seu Zé sempre <i>faz</i> barba e bigode na barbearia da esquina. O cabelo da noiva <i>foi feito</i> pela melhor cabeleireira da cidade. Parece que os rapazes <i>fazem</i> a barba uma vez por semana.	Aparar/ Cortar/ Arrumar
Normas / regras / leis	A lei <i>foi feita</i> para ser cumprida. Não seria necessário <i>fazer</i> um pacto com o diabo. Quem <i>faz</i> as normas e as regras deste lugar? [...] <i>fazer</i> uma legislação que valha pra todo ser humano.	Estabelecer/ Instituir/ Instaurar

Quadro 9 – Correlação entre o verbo hiperverbo e as classes de objetos

Os exemplos expostos no Quadro 9 pertencem ao *corpus* e foram colocados apenas a título de exemplificação, pois a produtividade desses exemplos é muito maior, correspondendo a cerca de 400 ocorrências de construções com *Vhip*. Vale ainda ressaltar que o Quadro 10 apresenta, indistintamente, tanto ocorrências com *Vsup* quanto ocorrências com *Vpleno*, mas todos se assemelham em um ponto: o *fazer*, em todos os exemplos, funciona como um hiperverbo.

Há ainda um número grande de classes de objetos que podem ser identificadas como complementos do verbo *fazer*; conseqüentemente, há também um número limitado, mas não restrito, de verbos hipônimos (ou hipoverbos) que podem representar os *Vhip fazer*.

Na representação gráfica das categorias verbais, constante na figura 2, em anexo, não estão estabelecidas as ocorrências específicas com o hiperverbo porque esses exemplos já estão distribuídos nas categorias de verbo suporte e de verbo pleno, e não me pareceu adequado contabiliza-los duas vezes em categorias diferentes.

Esclareça-se que, das 2.385 ocorrências de *Vsup*, cerca de 100 delas podem ser classificadas como *Vhip*; e, das 325 ocorrências com *Vpleno* – que será melhor detalhado no capítulo seguinte – cerca de 300 delas possuem as propriedades semelhantes às dos hiperverbos e, portanto, deveriam ser classificados como *Vhip*.

5 CONSTRUÇÕES COM VERBO PLENO

O conceito de verbo pleno pode ser bem explicado em função da oposição ao conceito de verbo suporte, pois, enquanto o segundo é caracterizado por ser esvaziado de sentido, o primeiro, ao contrário, é um verbo nocional e significativo, ou seja, carrega consigo uma noção ou significado que indica alguma ação, um processo, um acontecimento ou um fato.

Para esclarecer o conceito de verbo pleno, pode-se retomar os exemplos (45a) e (45b), citados anteriormente.

(45a) He studies eclipses.

(45b) = He makes studies of eclipses.

O verbo *studies*, em (45a), representa a própria ação verbal contida na sentença, ao passo que o verbo *makes*, em (45b), não representa exatamente a ação verbal da frase; este último verbo necessita de um complemento que dê a significação da ação ou processo verbal.

Considera-se, assim, que o verbo constituinte de (45a) é um verbo pleno, enquanto o verbo de (45b) é suporte. Quando se tem uma construção com verbo pleno, não é necessário o acréscimo de outras lexias ou expressões para que ele tenha um significado em si mesmo.

Para exemplificar o que foi dito, pode-se pensar também no verbo *pegar*, que é um verbo transitivo direto¹⁵, porque exige sintático-semanticamente um complemento verbal não-preposicionado, ou seja, um Objeto Direto. Esse verbo, apesar de instaurar um OD, possui significação própria que concerne exclusivamente ao verbo, e não a algum de seus

¹⁵ Nesta afirmação, estamos levando em consideração orações como “Rui pegou a bola” ou “Ana pegou sua bolsa”, cujos verbos são classificados como VTD. Mas há que se esclarecer também que o mesmo verbo “pegar” pode assumir uma transitividade indireta, em frases como “Rui pegou em mim” ou “Ana pegou na bolsa”, onde o verbo “pegar” pode ser substituído por “triscar” ou “encostar”, mas não “praticar a ação de tomar para si algo ou alguém”, como está sendo utilizado no corpo do texto, a título de esclarecimento.

complementos. Podemos estabelecer um significado para *pegar* como (talvez) “praticar a ação de tomar para si algo ou alguém que não pertencia ao sujeito praticante dessa ação, mas que passou a ter posse do objeto após realizar a ação”.

A significação intrínseca a cada item lexical da língua nem sempre pode ser definida, como fazem os dicionários. Mas existe sempre, por trás de cada lexia da língua, um conjunto de valores, significações, idéias e propriedades que fazem com que associemos um significante a certo significado. Isso significa dizer que as definições dadas pelos dicionários não representam a totalidade de idéias que um dado item lexical pode significar. Na verdade, a definição proposta pelos dicionários não é, necessariamente, a significação do signo lingüístico.

O significado dos signos só pode ser definido em termos de propriedades semelhantes e dessemelhantes a outros signos. Assim, os verbos *recear*, *temer* e *ter medo*, apesar de terem definições, no dicionário, muito parecidas, possuem significados diferentes, porque cada uma dessas estruturas só tem valor próprio na língua se se estabelecer uma relação de comparação e oposição entre seus significados, ou seja, tudo aquilo que cada signo *é* ou *deixa de ser* em função do que o outro *é* e *deixa de ser*.

Toma-se como referência, aqui, a noção de valor lingüístico, proposta por Saussure (1916). Ao levar em conta essa proposta, somos obrigados a considerar que (90) tem valor diferente de (90a):

(90) Eva vai **fazer uma faxina** em seu quarto.

(90a) Eva vai **faxinar** seu quarto.

Ambas as estruturas verbais grifadas significam praticamente a mesma coisa, mas elas têm valores lingüísticos diferentes, o que implica em dizer que, apesar de existirem verbos plenos (90a) correspondentes a expressões com verbos suporte (90), elas possuem significados diferentes, ou melhor, valores diferentes.

Sendo assim, toda equivalência entre $\{V_{pleno}\}$ e $\{V_{sup} + N_{pred}\}$ não é sistemática, não é exata, pois ambas podem expressar idéias ou representações diferentes, específicas de cada uma.

5.1 NOMES PREDICATIVOS E SINTAGMAS NOMINAIS

Além do critério de verificação do valor semântico do verbo, para se distinguir um V_{pleno} de um V_{sup} , há também uma outra diferença, ao mesmo tempo sintática e semântica, referente aos itens lexicais associados ao verbo e que facilita a distinção entre ambos. Esses itens lexicais podem ser: os Sintagmas Nominais (doravante SN), que, nesses casos, são representados pelos tradicionais Complementos Verbais (doravante CV), e podem ser classificados como OD ou OI; e os N_{pred} , que são os substantivos ou grupos nominais morfologicamente associados a algum verbo pleno.

Quando esses N_{pred} se associam a um V_{sup} , formando uma estrutura verbal única, eles são representados por $\{V_{sup} + N_{pred}\}$, que indica justamente a combinação entre um verbo suporte e um nome predicativo associado a um verbo pleno.

Enquanto as construções formadas por verbos suporte são representadas por $\{V_{sup} + N_{pred}\}$, as sentenças formadas por um verbo pleno transitivo direto são representadas por $\{V_{pleno} + SN\}$. As estruturas sintáticas são bastante parecidas; a diferença mais relevante entre essas estruturas diz respeito à semântica.

A maioria dos verbos plenos podem transformar-se em substantivos e/ou adjetivos, mantendo o radical e modificando os sufixos que designam verbo, adjetivo e substantivo, a fim de formar os nomes predicativos:

(91) Os policiais do 13º Distrito da PM [...] **investigaram** o caso. (RE-not-cad2_fev)

(91a) Os policiais do 13º Distrito da PM [...] **fizeram a investigação** do caso.

Ou ainda:

(91b) A *investigação* do caso *foi feita* pelos policiais do 13º Distrito da PM.

A estrutura sintática dessas sentenças poderia ser representada, em (91), por {*Vpleno* + *SN*} e, em (91a) e (91b) por {*Vsup* + *Npred* + *AA*}¹⁶.

Mas o problema não está em reconhecer que certos nomes podem exprimir predicados; está em determinar como esses nomes predicativos se constroem e qual a natureza das frases com nomes predicativos. Afinal, é o verbo que dá origem ao nome ou o nome que dá origem ao verbo? Este e tantos outros questionamentos surgem quando se compara a relação entre *N* (ou *SN*) e *Npred*. Essa relação foi estudada por Baptista (2000, 2004), que chegou às seguintes considerações: essa relação é da mesma natureza da que liga um verbo pleno e seu sujeito; e tal relação manifesta-se pela impossibilidade de colocar o *Npred* fora da esfera de referência do seu sujeito.

(92) Rui *fez* uma casa.

(92a) Rui *fez* a casa do João.

(93) Rui *fez* uma bobeira.

(93a) * Rui *fez* a bobeira do João.

É importante delimitar a formação e estrutura dos *Npred* para poder reconhecer um *SN* a partir da comparação com o *Npred*, pois esse segundo só funciona associado a seu próprio sujeito, enquanto o *SN* permite algumas mobilidades sintáticas. Nesse sentido, considera-se aceitável a sentença (92a) porque o verbo *fazer* funciona como pleno, mas inaceitável a sentença (93a) porque o *fazer* funciona como *Vsup*. Nestes exemplos, o sujeito das sentenças construídas com *Vsup* só pode agir em função de si mesmo, em benefício ou prejuízo próprio. O problema é que nem esse critério dá conta de todas as ocorrências com

¹⁶ Convém retornar ao tópico 3.3.5, que trata da correspondência entre um Sintagma Nominal e uma construção do tipo {*Npred* + *AA*}.

Vsup e *Vpleno*, dada a complexidade do assunto, o qual não se esgota nessa breve abordagem.

5.2 O FAZER COMO VERBO PLENO

Como já foi exposto, o verbo pleno só pode ser definido a partir da oposição à definição de verbo suporte. Porém, tendo em vista as considerações acerca de valor lingüístico, pode-se considerar como verbo pleno todo signo verbal que possua valor, dentro do sistema, e que esse valor se refira a alguma ação ou processo.

O verbo *fazer*, nesse sentido, pode sim funcionar como verbo pleno, desde que não esteja esvaziado de sentido. Em outras palavras, ele pode estar associado a um nome (ou SN), mas esse nome não pode ser o único determinante do valor lingüístico do verbo. Se assim o for, o *fazer* deixa de ser pleno e passa a ser suporte.

Se procurarmos o conceito do verbo *fazer* em alguns dos principais dicionários¹⁷ de língua portuguesa, encontraremos em todos eles, como uma das primeiras definições, alguns sinônimos como: *construir, projetar, criar, fabricar, produzir, elaborar, formar* etc.

A partir das definições encontradas nos dicionários, pode-se depreender uma significação – ou valor – para esse verbo: “é a ação ou o processo de construir/ projetar/ criar/ fabricar/ produzir/ elaborar/ formar algo que não existia anteriormente a essa ação, e, após todo o processo, o ‘algo’ passou a existir”. Essa pode ser uma das representações para o verbo *fazer* como *Vpleno*, mas não precisa ser a única.

A representação, a significação e o valor do verbo vão depender do contexto lingüístico em que ele está inserido, e também das relações de (inter)dependência que ele

¹⁷ Por “principais dicionários” entendem-se os dicionários de referência do idioma, como por exemplo: o Aurélio, o Houaiss, o Dicionário de Usos do Português, o Michaelis, dentre outros.

estabelece com os outros constituintes da frase. Tome-se como exemplo a célebre frase bíblica pronunciada por Deus, no episódio bíblico da criação do mundo:

(94) Deus disse: “**Faça-se** a luz!” E a luz foi **feita**. (DIC3-HOU_05)

A expressão *Fazer a luz*, nesse contexto, significa “Eu exijo que a luz exista. E a luz passou a existir”; então, nesse caso específico, o valor do verbo *fazer* está mais ligado à noção de existência e à de criação do que em outros casos, como (80), por exemplo.

(95) Para **fazer** a massa: prepare o cimento, juntamente com a água [...] (RE-ci-fi04)

Na sentença (95), o verbo *fazer* não indica *existir*, como ocorre em (94), mas representa idéias como *fabricar*, *preparar*, ou *produzir*, o que também é diferente do valor lingüístico do *fazer* na sentença seguinte (96), cuja concepção inclui a noção de *construir* ou *arquitetar*.

(96) Quem **fez** esses apartamentos foi a Construtora M&C. (INF-tec-fi-mai01)

Em todos esses últimos casos citados, o verbo *fazer* possui uma carga semântica definida e específica para cada caso, portanto, todos esses verbos são plenos.

5.3 AS OCORRÊNCIAS NO CORPUS

Quando se apresenta o conceito ou a definição de verbo pleno, geralmente citam-se exemplos prototípicos de construções com *Vpleno*, pois nesses exemplos ele pode ser facilmente detectável; porém, quando analisamos as ocorrências reais de seus usos nas variedades escrita e falada, percebemos que o *Vpleno* não é tão categórico assim. Analisando-se um *corpus*, por exemplo, dá para se ter uma idéia da complexidade que existe na tentativa de classificação dos verbos efetivamente usados na linguagem.

(97) [...], além do tempero especial **feito** com ervas naturais e especiarias. (JO-FI-F-dez00_14)

A sentença (97), por exemplo, foi retirada do *corpus* na forma como está expressa anteriormente. Aplicando-se as regras transformacionais ou harrissianas para passar a frase da voz passiva para a ativa, e, posteriormente, apagar as informações extras, obter-se-ia, na seqüência:

(97a) [...] *fez* um tempero especial com ervas naturais e especiarias.

(97b) [...] *Fazer* tempero especial.

Esse verbo pode ser considerado, ao mesmo tempo, *Vsup* e *Vpleno*, porque pode-se pensar em *temperar especialmente* – que seria um caso de *Vsup* – e também em substituí-lo por outro verbo que seja pleno: “criar/ fabricar/ cozinhar um tempero especial”.

O mesmo ocorre com o exemplo seguinte, que foi retirado do *corpus* na íntegra e sofreu regras de transformação, até chegar à sua forma mais simples:

(98) o aroma artificial *feito* pela indústria, imitando o da fruta, também se altera.

(TESE_00)

(98a) A indústria *fez* um aroma artificial, imitando o da fruta.

(98b) *Fazer* um aroma artificial.

Duas interpretações para essa sentença são possíveis: “fabricar um aroma artificial” ou ainda “aromatizar artificialmente”. Ambas as interpretações sintático-semânticas são gramaticais, porém, quando apresentamos as duas possibilidades, chegamos à conclusão de que ele é um verbo pleno, porque o significado de (98) não é praticar a ação de aromatizar, mas é praticar a ação de produzir/ criar/ fabricar alguma coisa.

Algumas das sentenças do *corpus* em que o *fazer* é o mais prototípico, enquanto *Vpleno* estão transcritas no Quadro 10.

Trecho do <i>corpus</i>	SN
[...] jardim clonal, onde <i>são feitas novas mudas</i> pelo método da estaquia.	Mudas
<i>Receitas caseiras</i> de doces e bebidas, <i>feitas</i> com produtos pesquisados pela Embrapa.	Receitas caseiras
Nos tubos, contendo as amostras do <i>branco feito</i> com a amostra se diluição...	Branco
Com um quilo, ele pode <i>fazer 120 xícaras</i> e vender a R\$ 650,00 cada.	Xícaras
Um <i>cano feito</i> com garrafas de refrigerante percorre todo o canteiro.	Cano

Se de uma <i>célula, faço duas ou três</i> , essas células clonadas obtidas ...	Células
Restos de uma <i>fogueira</i> (que <i>teria sido feita</i> por humanos).	Fogueira
Com a solução, <i>fizeram um spray eletrolítico</i> .	Spray eletrolítico
[...] nos locais onde os pássaros <i>fazem</i> seus <i>ninhos</i> .	Ninhos
Todo <i>ser vivo é feito</i> pelo mesmo material: apenas 20 aminoácidos.	Ser vivo
A <i>biblioteca de DNA será feita</i> pela equipe de Arnaldo Zaha.	Biblioteca de DNA
A produção da <i>proteína</i> que <i>seria feita</i> a partir daquele gene.	Proteína
Utilizando o substrato de serragem, <i>fiz</i> ainda uma outra série de <i>25 placas</i> ...	Placas
<i>Plástico biodegradável feito</i> de cana-de-açúcar, produto genuinamente brasileiro.	Plástico

Quadro 10 – Amostra de *corpus* constituído pelo verbo pleno <fazer>

Ao todo, foram extraídas do *corpus* 325 ocorrências do verbo *fazer* que segue a estrutura {*Vpleno* + SN}, o que corresponde a cerca de 9% do *corpus* total. Mas essas 325 ocorrências, muitas vezes, continham o mesmo SN, o que significa que o verbo *fazer* como pleno é ainda menos representativo do que 9%.

É importante ressaltar as características dos substantivos aos quais o verbo se refere; todos eles são significativos e são concretos, o que prova que são Sintagmas Nominais, e não Nomes Predicativos ou Nominalizações. Além disso, a concepção de valor lingüístico do verbo *fazer*, mencionada anteriormente, aplica-se a todos os exemplos, pois pode-se pensar que o SN (mudas, receitas caseiras, branco, xícaras, cano, células, fogueira etc.) não existia e, a partir de alguma ação ou processo, ele passou a existir.

Em cada um dos exemplos citados, pode-se ainda substituir o verbo *fazer* por algum outro verbo pleno da língua portuguesa; mesmo assim, em todos os casos, o SN que complementa o verbo continuará existindo, pois a estrutura {*Vpleno* (*fazer*) + SN} não pode ser substituída por apenas um {*Vpleno*}, mas sim por outro {*Vpleno* (que não seja o *fazer*) + SN}. O sintagma nominal que funciona como complemento do verbo não pode ser suprimido com a mudança do verbo pleno.

Toma-se como exemplo uma das sentenças do Quadro 9, para demonstrar a facilidade com que o *Vpleno fazer* pode ser substituído por outro *Vpleno*, sem causar prejuízo à significação da frase.

(99) [...] nos locais onde os pássaros *fazem* seus ninhos. (RE-FI-F-abr94)

(99a) [...] nos locais onde os pássaros **constroem** seus ninhos.

Há diferença semântica entre (99) e (99a), porém essa diferença não é tão significativa que possa modificar o sentido do enunciado. A essa característica do verbo *fazer*, enquanto pleno, chamaremos de hiperonímia.

6. CONSTRUÇÕES COM VERBO VICÁRIO

Verbo vicário (doravante *Vvic*) é aquele que assume o lugar de outro, ou seja, que substitui um verbo para não repeti-lo. Isso é possível porque, em determinado contexto lingüístico, o verbo vicário faz as vezes de outro verbo que se torna seu sinônimo naquela situação. Os que mais se empregam com essa finalidade são *fazer* e *ser*:

(100) Renato vinha muito aqui, mas há meses não *o faz*. (LI-inf-did00_04)

(101) Ela não canta mais como *fazia* antigamente. (RE-ci-jan03_18)

(102) O concerto realizou-se, mas não *foi* como se esperava. (JO-rev-mar_03)

(103) Se você não vai *é* porque tem medo. (LI-inf-did00_04)

Nos dois primeiros exemplos, o verbo *fazer* substitui, respectivamente, as expressões verbais *vir muito aqui* e *cantar*, enquanto nos dois últimos é o verbo *ser* que substitui as expressões *realizar-se* e *não ir*.

Vários outros verbos podem funcionar como vicários, mas só em situações bastante específicas. Mas o que nos interessa aqui é o verbo *fazer*, o qual pode substituir verbos de ação, de ação-processo, de processo e até mesmo de estado, como no caso de:

(104) Ele permaneceu em silêncio, e *o fez* devido ao luto. (LI-inf-did00_04)

em que o *fazer* toma o lugar do estado *permanecer em silêncio* a fim de não repetir a mesma estrutura lexical.

Aí reside uma grande diferença entre o *fazer* e os outros verbos vicários, pois, em geral, os verbos que exprimem estado, à exceção da cópula, não podem ser substituídos por outros verbos, apenas pelo *fazer*.

Essa categoria verbal representa 12% do *corpus* total, com 470 ocorrências que serão descritas a seguir.

6.1 AS ABORDAGENS GRAMATICAL E LINGÜÍSTICA PARA OS *Vvic*

As gramáticas tradicionais, em geral, levam em consideração esse tipo de construção verbal, mas não a designam com a nomenclatura de “verbo vicário”, apenas referem-se a elas como estruturas cultas mais comumente aplicadas à linguagem literária, mas sem detalhar sua formação e/ou utilização.

Alguns dos dicionários pesquisados também reconhecem como forma culta essa estrutura verbal formada por um *Vvic*. Em uma das acepções do dicionário Aurélio (1999), por exemplo, encontram-se os seguintes exemplos:

29. Funciona como verbo vicário: "Quis rir, e fê-lo mal." (Machado de Assis, *Quincas Borba*, p. 325); "Meu pai pediu-me que eu pegasse uma das alças do caixão fúnebre do padre velho. Fi-lo, numa grande tristeza no coração." (Lima Júnior, *Alguns Homens do Meu Tempo*, p. 17).

O Dicionário de Usos do Português do Brasil (BORBA, 2002) também admite essa característica, sem usar essa nomenclatura; considera-o, em contrapartida, como um verbo substitutivo, o que lhe dá o mesmo estatuto de *Vvic*:

{Substituto} 66 ocupa o lugar de qualquer verbo enunciado anteriormente: *Santa Bárbara, se tivesse de lhe conceder uma graça, não iria fazê-lo num terreiro de candomblé!* (PP); *Há muito entrava, e confesso que o fazia naquele instante com certa curiosidade* (CCA); *Bacanaço a surrava, naturalmente, como fazem os rufiões* (MPB); *E atrasa-se de propósito para evitar que Jorge a acompanhe à esquina, como habitualmente faz* (CC)

Em frases como:

(105) O padre se ajoelhou. Todos na igreja **fizeram** o mesmo. (LI-ref-99_01_03)

(106) Vou atender ao seu pedido, mas só o **faço** porque sou seu amigo. (LI-ref-99_01_03)

os verbos *fizeram*, acompanhado de *o mesmo*, e *faço*, antecedido do pronome *o*, funcionam como vicários, pois substituem as ações de *ajoelhar-se* e *atender ao pedido*, respectivamente em (105) e (106).

Koch (2001) chama esse tipo de construção verbal de “formas verbais remissivas” ou “pro-formas verbais”.

Algumas formas remissivas livres não-referenciais, verbos como *fazer*, têm sido denominados na literatura especializada de *pro-formas verbais*. Acontece, porém, que tais formas remissivas não costumam vir isoladas e sim acompanhadas de uma forma pronominal do tipo: o mesmo, o, isto, assim, etc.; além disso, não remetem apenas a um verbo, mas a todo predicado, isto é, o verbo com seus complementos e adverbais.

(KOCH, 2001)

A opção por utilizar a nomenclatura “verbo vicário” se deve à própria etimologia da palavra, que vem das lexias do latim: 1) *vicarius, -a, -um, adj. Que faz as vezes de, que substitui* (Cic. Amer. 111); 2) *vicarius, -i, subst. m.: sentido próprio: substituto* (Cic. Verr. 4, 81); *escravo às ordens de outro escravo* (Hor. Sát. 2, 7, 79); *substituto de um soldado* (Cíc. Phil. 12, 3); 3) *vicem, adv. No lugar de, por* (Cic. Fam. 12, 33, 3); 4) *vicis, gen. (sem nom.): lugar ocupado por alguém* (Plaut. Capt. 526). Afinal, o verbo *fazer*, muitas vezes, ocupa o lugar de outro verbo, é substituto de outro item lexical.

A substituição de um verbo por outro – no caso, o *fazer* – pode se dar anafórica ou cataforicamente. Em ambos os casos, o verbo *fazer*, “semanticamente esvaziado”, remete a outra oração ou parte dela. Segundo Borba (1996), o substituto por excelência é *ser*, seguido por *fazer* e eventualmente por *acontecer*. O *fazer* ocorre em “construções topicalizadas, relacionado a um esquema do tipo *ser* + infinitivo”, com valor catafórico:

(107) E o preto só *fez* foi rir. (LIV-ref_01)

(108) O pobre só *fazia* mesmo era ficar olhando. (LIV-ref_01)

Borba (1996) acrescenta ainda que, “em construções não necessariamente topicalizadas, o verbo *fazer* substitui qualquer verbo já enunciado”, como em (109):

(109) Há muito tempo não entrava ali, e agora o *fazia* com certa curiosidade. (LIV-ref_01)

Em que o verbo *fazia*, antecedido do pronome *o*, retoma a ação expressa na oração anterior, o fato de *entrar ali*.

6.2 ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS NO *CORPUS*

Em todos os *corpus* do *corpora* aparecem expressões e orações formadas por *Vvic*, e ele é um tipo bastante produtivo, correspondendo a 470 ocorrências; é bastante recorrente nos textos científicos, mas o gênero textual em que ele mais ocorre é, sem dúvida, nos textos literários.

Os casos mais característicos de *Vvic* são aqueles em que outro *Vpleno* já fora citado e depois é substituído por um *Vvic*, como um recurso anafórico; assim, o referente semântico está próximo e pode ser facilmente identificado, como nos exemplos:

(110) depois levantou e começa a ciscar, como sempre **fizera**. (RE-ci-jul02_13)

(111) o primeiro pássaro a cantar na primavera **o faz** para a anunciar a posse da sua terra. (RE-ci-jul02_13)

(112) [...] conservar artificialmente as áreas de pesca, como o Japão **fez** há anos. (RE-ci-jul02_12)

(113) constatou-se, como outros trabalhos também **o fizeram**, que os hominídeos se diferenciaram dos chimpanzés. (RE-ci-jul02_11)

Nesses exemplos, o *fazer* substitui, respectivamente, as ações *levantar e começar a ciscar*, *cantar na primavera*, *conservar artificialmente as áreas de pesca* e *constatar*, que já foram mencionadas anteriormente. Mas o *Vvic* também pode funcionar como um recurso catafórico, antecipando a ação ou o processo que ainda será mencionado:

(114) E o que eles **fazem** agora é conversar com os outros animais da floresta. (RE-IF-F-hu-nov02_03)

(115) Então eu **fazia** o seguinte: lavava todas as janelas, [...] (RE-ci-jun02_20)

(116) O que ele e seu grupo **fizeram** foi selecionar 102 bebês. (TESE-jul99)

(117) E a primeira coisa que o pessoal *fez* foi tirar da mochila os biquínis e o calção.

(RE-IF-F-ci-mai03_11)

Os exemplos citados, com exceção do (115), são construções com período composto e servem para dar ênfase à ação, para realçar o ato praticado ou a ser praticado. A sentença (115) apresenta um marcador sentencial muito característico em relação a elementos catafóricos, pois a oração composta pelo verbo fazer introduz a oração subordinada substantiva apositiva. Já as sentenças (114), (115) e (117) apresentam também marcadores sentenciais catafóricos, mas não para introduzir aposto, e sim para realçar o fato a ser demonstrado, geralmente encontrado na forma {o que <fazer> <é>...}

Há ainda algumas confusões em relação à classificação do *Vvic* e do *Vhip*, pois ambos substituem algum outro verbo. As definições de ambos são claras e, quando se analisam casos prototípicos de cada um, essa distinção também fica evidente, porém há casos que estão nas fronteiras entre um *Vvic* e um *Vhip*, como ocorre com muitos dos exemplos do Quadro 11:

O mesmo se <i>está fazendo</i> na Nova Zelândia (RE-IF-F-tec-mar03_09)
Quando contei o que pretendia <i>fazer</i> , Mari hesitou (RE-ci-jul02_13)
ainda há muito para <i>fazer</i> na área de diagnóstico molecular no Brasil (FA-ci-ago02)
algo impossível de <i>ser feito</i> em humanos, como as alterações genéticas [...](RE-IF-F-est-out02_07)
É o que se <i>faz</i> agora, conciliando pesquisa e visitação turística (RE-IF-F-hu-nov02_03)
É algo que se <i>faz</i> em um dia, pois os vírus são estruturas mais simples (RE-ci-jul02_13)
E isso se <i>faz</i> investindo na área, criando empregos e posições (FA-ci-ago02)
teríamos até o final de 2002 para <i>fazer</i> isso (RE-ci-fev03_13)
O que se poderia <i>fazer</i> para que a situação mudasse (RE-IF-F-ci-set02_15)
orgulha-se de sua carreira apenas pelo que <i>fez</i> em ciência (FA-ci-ago02)
juntou o que é que os grilos de cavernas <i>faziam</i> a cada 24 horas (RE-IF-F-est-out02)
Se <i>fizermos</i> isso, ao contrário de destruir, estaremos criando novas formas de vida
O que os terroristas <i>fizeram</i> , portanto, foi cultivar essas bactérias (FA-ci-ago02)
Foi o que <i>fez</i> Fontanari em artigo publicado em dezembro de 2001. (RE-ci-jul02_13)
Temos agora um grande desafio, que é <i>fazer</i> na prática o que propusemos aqui. (RE-ci-dez02_15)

Quadro 11 – Fronteira entre as classes de verbo vicário e hiperverbo

A diferença conceitual entre os dois tipos é que o verbo vicário sempre substitui um verbo já dito anteriormente, no intuito de não repeti-lo, funcionando como um recurso de coesão anafórico. Em alguns casos específicos, pode também funcionar como catafórico,

mas só poderá ser classificado como *Vvic* se seu referente verbal estiver expresso posteriormente no texto.

Já o hiperverbo substitui outro verbo não dito anteriormente e que também não será dito/escrito – ou pelo menos não faz referência a esse verbo. Inclusive, uma das provas da diferença entre os dois é a estrutura sintática de ambas: quando a frase é formada por um *Vvic*, ela não aceita objeto direto; e quando se trata de um *Vhip*, em geral, o *fazer* exige um *SN*.

7 CONSTRUÇÕES COM OPERADOR CAUSATIVO

Muitas vezes o verbo *fazer* precede algum outro verbo no infinitivo para construir uma frase com sentido causativo, ou seja, ele opera como o causador da ação proferida pelo verbo subsequente. A característica que permite que alguns verbos sejam classificados como operadores causativos é que eles constituem um elemento verbal único com o infinitivo que os acompanha. É o caso de:

(118) Rui *faz* Ana *chorar*.

(119) Rui *fez* Ana *largar* o emprego.

Os verbos operadores causativos (doravante *VopC*) constituem uma classe particular de verbos e foram descritos por Gross (1981) a partir de duas condições a priori: a) apresentam um sujeito não-restrito (*Nnr*); b) estabelecem entre os dois argumentos uma relação causal, daí a nomenclatura de “Operador causativo” (GROSS, 1981).

Essa estrutura é bastante recorrente em títulos de matérias jornalísticas, como ocorre nos exemplos:

(120) Aplicações estrangeiras *fazem* a bolsa *cair*. (JO-ci-jan03_17)

(121) A alta do dólar e a diminuição nas exportações de trigo *fazem aumentar* a inflação. (JORusp-no-nov09_11)

7.1 A ABORDAGEM TRADICIONAL PARA OS *VopC*

As gramáticas de língua portuguesa de Portugal e do Brasil, ambas reconhecem a gramaticalidade do verbo *fazer* como um dos únicos verbos que operam como *VopC*, mas isso também não é uma característica exclusiva da língua portuguesa. Pesquisas nas diversas línguas reconhecem o *make* – do inglês (GROSS, 1981), o *faire* – do francês (GROSS,

1981) – e o *fare* – do italiano (LA FAUCI e MIRTO, 2003) como verbo que opera como causador de outra ação, ou seja, como Operador Causativo.

Os dicionários não usam essa terminologia – verbo operador causativo – mas mencionam a particularidade desse verbo. Observem-se respectivamente as considerações do Novo Aurélio (1999) e do Houaiss (2001):

30. Seguido de um verbo no infinitivo, emprega-se como ‘ser causa de’, ‘obrigar’, ‘constranger’: *O terremoto fez tremer a cidade; A chegada dos moradores fez recuar os assaltantes.*

(Aurélio, p.886)

b) O verbo *fazer*, seguido de outro verbo no infinitivo, significa ‘obrigar’, ‘forçar’ (p. ex.: *uma pílula que faz dormir; deixe-o comigo que o farei comer*)

(Houaiss, p.1317)

Em suma, pode-se considerar que o verbo *fazer* opera como causa de uma ação que está por vir e que é representada por um verbo no infinitivo (doravante *Vinf*), portanto a oração formada pelo verbo *fazer* pode ser a causa da outra oração classificada como principal; ou ainda pode constituir uma oração principal, enquanto a oração posterior funciona como consequência da oração principal.

7.1.1 Classificação tradicional para os *VopC*

Os *VopC* se ligam a uma frase elementar, acrescentando-lhe um argumento e estabelecendo entre eles uma correlação sintático-semântica. Assim, as duas formas sintáticas que seguem, derivadas de (122), são igualmente aceitáveis e são semanticamente idênticas.

(122) Rui *fez* # Ana sai de casa

(122a) = Rui *fez* Ana sair de casa

(122b) = Rui *fez com que* Ana saísse de casa

A diferença entre elas está na classificação sintática tradicional. A sentença (122) é o desmembramento das duas orações que compõem (122a) e (122b), uma corresponde à

oração principal *Rui fez* e a outra corresponde à oração subordinada substantiva objetiva direta *Ana <sair> de casa*, em (122b), e reduzida de infinitivo em (122a).

A sentença (122) não pode ser classificada como período composto porque indica apenas que duas orações podem ser juntadas. Pela semântica das orações, percebe-se que a primeira *Rui fez* não tem sentido completo, necessitando de complemento.

O que acontece no período simples também acontece no período composto por subordinação, só que no período composto uma das orações, inteira, é que vai exercer determinada função sintática. Essa função sintática será sempre a função sintática faltante na oração principal.

(CIPRO NETO & INFANTE, 1999)

Se o CV do verbo *fazer* fosse um substantivo, esse substantivo seria classificado tradicionalmente como Objeto Direto. Já que falta um OD para a oração principal *Rui fez*, essa posição de objeto direto é ocupada pela segunda oração *Ana <sair> de casa*. A diferença entre (122a) e (122b) é que a primeira *Ana sair de casa* é reduzida de infinitivo e a segunda *com que Ana saísse de casa* não o é.

Isso acontece com a maioria das frases do *corpus*: num período há dois ou mais verbos e, portanto, duas ou mais orações, uma funcionando como subordinada e a outra como principal, ou então uma funcionando como principal e a seguinte como subordinada, como exemplificam as sentenças do Quadro 12:

o Instituto de Ciências Biomédicas <i>faz despontar</i> a USP e o Brasil no polêmico processo [...] (tese_nov_00)
recebeu um telefonema que a <i>fez tomar</i> um avião de Salvador para São Paulo (RE-ci-jul02_12)
a relação das pessoas com o campus e <i>fazer enxergar</i> essa riqueza que aqui existe (RE-IF-F-hu-nov02_03)
A inibição pode <i>fazer surgir</i> uma interessante situação quando o resulta (RE-IF-F-hu-nov02_03)
novas espécies dentro de novas regiões <i>fazem crescer</i> o número de espécies em habitats locais. (RE-IF-F-tec-mar03_02)
Produção de vetores <i>faz avançar</i> a terapia gênica, alternativa de tratamento [...] (RE-ci-jul02_12)
como fizeram os autores da pesquisa, <i>faz saltar</i> aos olhos tendências regionais (FA-ci-ago02)
frio percorrendo a espinha quando se <i>faz ouvir</i> a música que antecede e anuncia o ataque iminente (FA-ci-ago02)
pessoas com doenças graves é que me <i>faz batalhar</i> e dizer: “Puxa, se temos um caminho, vamos (RE-IF-F-est-out02_07)
ocorrem as mutações súbitas que <i>fazem surgir</i> novos animais (RE-IF-F-tec-out02_02)
recomendações para <i>fazer avançar</i> o conhecimento da biodiversidade (FA-ci-ago02)
Por acreditar e me <i>fazer acreditar</i> que chegar até aqui seria possível (RE-IF-F-tec-mar03_02)
Toda a grama da África empilhada junta <i>faria parecer</i> pequenina uma montanha de todos os gafanhotos. (RE-IF-F-tec-mar03_02)
altera o comportamento de ratos e os <i>faz perder</i> o medo dos felinos. (RE-IF-F-est-out02_07)
facilita a tarefa dos pesquisadores e <i>faz crescer</i> muito o número de patentes. (FA-ci-ago02)

Pesquisadora sintetiza fitormônio que <i>faz crescer</i> a massa de plantas. (RE-IF-F-tec-mar03_02) cria um campo magnético alternado que <i>faz vibrar</i> as partículas magnéticas presas às células (RE-ci-jul02_12)
--

Quadro 12 – Amostra de *corpus* com verbo operador-causativo e sujeito posposto

A Gramática Tradicional classifica todos os períodos do Quadro 12 como períodos compostos por subordinação, contendo uma oração principal e uma oração substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo, pois leva em consideração que o verbo *fazer* é um VTD e, necessita, portanto, de um complemento verbal não-preposicionado.

A classificação da Gramática Tradicional é essencialmente sintática, ao passo que este trabalho leva em consideração a correlação entre a sintaxe e a semântica das estruturas linguísticas. Isso nos faz considerar que as últimas orações de cada período do Quadro 12 não são subordinadas substantivas objetivas diretas, e sim, orações subordinadas adverbiais consecutivas, porque são a consequência de uma ação expressa na primeira oração. Se o verbo *fazer* opera como o causador de algo, esse ‘algo’ é o resultado da ação praticada pelo *fazer* da primeira oração.

Se o *fazer* pode ser classificado, pelo Léxico-Gramática, como um verbo operador causativo, então a ação resultante dessa causa deveria ser uma consequência, e não um objeto direto, como propõe a GT.

Na verdade, há um elemento elíptico – representado em (122c) – entre as duas orações de (122), que faz resultar nas sentenças (122a’) e (122b’).

(122) = Rui *fez* # Ana sai de casa

(122c) Rui *fez* (algo) # Ana sai de casa

(122a’) Rui *fez* (com suas cobranças) Ana sair de casa

(122b’) Rui *fez* (com suas cobranças) que Ana saísse de casa

A nova estrutura formada com o elemento que estava elíptico¹⁸ gerou uma sentença cuja classificação é duvidosa. Tradicionalmente, a oração subordinada da sentença (122b') poderia ser classificada como substantiva objetiva direta, já que o verbo *fazer* é transitivo direto e necessita de CV não-preposicionado. Em contrapartida, o complemento que aparece expresso é regido pela preposição *com*, portanto a oração poderia ser classificada como substantiva objetiva indireta. Numa terceira interpretação, poder-se-ia pensar ainda que a oração *que Ana saísse* é complemento do nome *cobranças*, afinal o verbo *fazer* poderia ser excluído, resultando na frase (122b'')

(122b'') Rui *cobrou* que Ana saísse de casa

= Rui *cobrou* a saída de Ana de casa

A classificação tradicional das orações que compõem (122b'') seria novamente a primeira oração como principal, e a segunda como subordinada substantiva objetiva direta, tendo em vista que o verbo *cobrar* também é transitivo direto. Em (122b''), a oração *que Ana saísse de casa* complementa o verbo, mas na sentença (122b') a mesma oração complementa o nome *cobranças*, morfológicamente associado ao verbo *cobrar*, portanto a segunda oração de (122b') deveria ser classificada como subordinada substantiva completiva nominal.

A maioria dos exemplos expressos até o momento, neste capítulo, foram criados e/ou modificados com o intuito de esclarecer a arbitrariedade de uma classificação unicamente sintática e propor a análise sintático-semântica para as ocorrências do *corpus*.

7.1.2 Sujeito anteposto e posposto

¹⁸ O elemento elíptico não precisa ser necessariamente o sintagma *com suas cobranças*, podendo ser vários outros, tais como *algo*, *com o adultério*, *com suas constantes agressões* etc. O sintagma expresso em (122c) só foi utilizado a título de exemplificação.

Muitas vezes, a estrutura {*fazer* + *Vinf*} pode sofrer algumas alterações pequenas, como, por exemplo, o *fazer* não vir diretamente seguido do *Vinf*, pois o sujeito da segunda oração pode vir anteposto, intercalado entre o *fazer* e o *Vinf* da segunda oração. Essa segunda é a ordem canônica dos constituintes da frase no português: sujeito + predicado. A inversão da ordem (predicado + sujeito) é que deveria ser considerada atípica. Apesar disso, a maior recorrência dessa estrutura no *corpus* dá-se com o *Vinf* diretamente seguinte ao *fazer*, ou seja, com o sujeito da segunda oração posposto, como é o caso de:

(123) [...] que impede a circulação do sangue e **faz inchar** o ventre. (RE-ci-jul02_12)

(124) [...] e poemas tão bem construídos que **fazem chorar** as pedras (RE-ci-jul02_12)

Vale observar que, quando o *fazer* é imediatamente seguido do *Vinf*, este último possui sempre a mesma forma singular de infinitivo, como *despontar*, *saltar*, *surgir*, *vibrar* etc., independentemente de o sujeito posposto ser singular ou plural. Já nas sentenças cujo sujeito é anteposto (ou preposto) o *Vinf* pode ser encontrado como infinitivo singular ou infinitivo plural, dependendo do número (singular ou plural) do sujeito, como demonstram os exemplos do Quadro 13, a seguir:

da qual parte um reflexo que faz a mão se afastar da leiteira (RE-IF-F-tec-out02_05)
como a alavanca que se desarma, faz o poro se fechar (RE-IF-F-tec-out02_05)
esse ataque bacteriológico faz a maioria dos especialistas discordarem do termo (FA-ci-ago02)
ele contém um vírus que faz o germe produzir violenta toxina (RE-IF-F-tec-out02_05)
Os genes que fazem a pressão oscilar são, na maioria das vezes, aqueles que [...](RE-IF-F-tec-out02_05)
onde formações geológicas subjacentes fazem o conteúdo mineral do solo mudar abruptamente (FA-ci-ago02)
Os retardos no tempo que fazem as populações oscilarem quando deslocadas (RE-IF-F-tec-out02_05)
Porque interceptam a areia soprada e fazem-na se acumular em torno de suas bases (RE-IF-F-tec-out02_02)
Resultantes de processos diversos fazem os circuitos cerebrais se reorganizarem de maneira (RE-ci-jul02_13)
São essas alterações que fazem o poro se abrir ou permanecer fechado (RE-IF-F-tec-out02_02)
por meio de atos involuntários, fazendo o coração bater , ou voluntários (RE-IF-F-tec-out02_02)
essenciais para a sobrevivência por fazer a pressão arterial subir ou cair (RE-ci-jul02_13)
Essa movimentação fez o mar avançar pelo continente adentro (RE-IF-F-tec-out02_02)
a vida de um indivíduo sem comida e faria a fome no mundo acabar (RE-ci-jul02_13)
quais são as alterações metabólicas que fazem essas sementes secas perderem a sua viabilidade (RE-IF-F-tec-out02_05)
mecanismos moleculares e celulares que fazem isso acontecer (FA-ci-ago02)
Estímulo elétrico chegasse ao coração e fizesse o músculo trabalhar (RE-ana-ago2002)

Quadro 13 – Amostra de *corpus* com verbo operador-causativo e sujeito preposto

Baptista (1999) faz uma ressalva interessante a respeito do elemento que assume a posição de sujeito nas construções com *VopC*, referindo-se ao sujeito da primeira oração, cujo núcleo é o verbo *fazer*: esse “sujeito tem natureza distribucional não-restrita (*Nnr*), isto é, esta posição argumental parece sofrer fracas restrições distribucionais”, podendo ser ocupado por um *Nhum* (125), um *N-hum* (126), um grupo nominal de natureza proposicional (127), uma infinitiva (128), ou ainda uma completiva (129), que pode porventura ser completiva factiva, representada pela expressão *O fato de*:

(125) o Zé fez (com) que a Ana saísse de casa. (s/ref.)

(126) O caminhão fez (com) que os veículos tivessem que mudar de faixa. (s/ref.)

(127) O conflito entre o Zé e a Ana fez (com) que o Departamento os pusesse a trabalhar em dois gabinetes separados. (s/ref.)

(128) Adotar uma tal posição teórica faz (com) que se tenha de considerar este aspecto particular. (s/ref.)

(129) (O fato de) que o Zé tenha criticado a Ana fez (com) que ela na tivesse querido vir à festa.¹⁹ (s/ref.)

Seja qual for a natureza do sujeito e esteja ele anteposto ou posposto ao verbo, a estrutura oracional das construções é a mesma, e o verbo *fazer* continua funcionando como um operador causativo.

7.2 ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS COM AS ESTRUTURAS {*Fazer que*} e {*Fazer com que*}

As mesmas sentenças do tópico anterior podem sofrer regras de transformação para alterar a estrutura da sentença de {*VopC* <*fazer*> + *Vinf*} para {*VopC* <*fazer*> ‘com que’ +

¹⁹ Os exemplos utilizados para demonstrar a natureza distribucional do sujeito das construções com *VopC* não foram retirados do *corpus*, mas de notas dos Seminários de Lingüística 3 (BAPTISTA, 1999).

verbo conjugado no modo subjuntivo}, como acontece na correlação de (122), já mencionada:

(122) Rui *fez* # Ana sai de casa

(122a) = Rui *fez* Ana sair de casa

(122b) = Rui *fez com que* Ana saísse de casa

Há ainda uma terceira forma de reinterpretação de (122), a qual é mais usada no português de Portugal, mas é igualmente aceitável para o português do Brasil:

(122d) = Rui *fez que* Ana saísse de casa

A esse respeito, Baptista (1999) faz uma série de considerações, comparando as sentenças construídas com *fazer que* / *fazer com que*, como nos exemplos:

(130) Queremos *fazer com que* o número crítico de células seja transformado [...] (JO-IF-FSP-mis-07ago94_25)

(130a) Queremos *fazer que* o número crítico de células seja transformado [...] (RE-ci-ago_99)

As duas formas sintáticas são sinônimas e o verbo *fazer* surge construído com um complemento preenchido por uma completiva, na presença ou ausência da preposição *com*. Isso nos leva a considerar que a presença ou ausência de *com* se trata de variantes livres da mesma unidade léxico-sintática (BAPTISTA, 1999).

Apesar de parecer meramente estilística a escolha por alguma das estruturas, já que ambas possuem semânticas semelhantes, a grande maioria das ocorrências no *corpus* possui a forma {*VopC* <*fazer*> ‘com que’ + V}, como se pode comprovar por estes exemplos:

Isso <i>faz com que</i> fezes e urina contaminem poços rasos. (BF- esp-maijun00_02)
[...] as fêmeas cruzarem com tantos parceiros <i>faz com que</i> nenhum muriqui macho saiba quem são seus pais. (BF- esp-maijun00_02)
Esse movimento <i>faz com que</i> as espécies também se movam (RE-IF-F-tec-out02_02)
Qualquer descuido nessa fase <i>faz com que</i> a técnica de RNAi não funcione (RE- ci-jun02_20)
que cuidar da nossa megadiversidade e <i>fazer com que</i> o nosso exemplo possa ser seguido (RE-ci-jul02_14)
que age no sistema imunológico, <i>fazendo com que</i> o próprio organismo combata a doença (RE-dez02_15)
os pesquisadores podem trabalhar para <i>fazer com que</i> os materiais magnéticos transportem (TESE-mai00)
é desenvolver vetores virais capazes de <i>fazer com que</i> as células cardíacas expressem determinada [...] (RE-

IF-F-tec-ago02_07)
Não me incomoda mais <i>fazer com que</i> as pessoas compartilhem os dados comigo (RE-dez02_15)
A idéia é <i>fazer com que</i> as crianças possam visualizar esses seres (BF- esp-maijun00_02)
Uma nova legislação pode ajudar a <i>fazer com que</i> os cientistas coloquem à disposição (TESE-mai00)
O objetivo dos cientistas agora é <i>fazer com que</i> essa alteração do organismo dos mosquitos (RE-ci-jul02_14)
Instituto Scripps, na Califórnia, <i>fez com que</i> a bactéria <i>Escherichia coli</i> produzisse (BF- esp-maijun00_02)
Seu cérebro registra a alteração e <i>faz com que</i> a galinha, no dia seguinte, só caia no sono (RE-dez02_15)
Prozac, lançado em 1986, que <i>faz com que</i> esse neurotransmissor permaneça mais tempo (RE-dez02_15)
Este procedimento <i>faz com que</i> as asas se partam naturalmente (RE-IF-F-tec-out02_02)
Esse mesmo artifício <i>faz com que</i> ele escape mais facilmente dos medicamentos (BF- esp-maijun00_02)
o carrega além do ponto de equilíbrio e <i>faz com que</i> ele oscile de um lado para outro periodicamente (RE-IF-F-tec-out02_02)
A observação <i>faz com que</i> os alunos percebam que os aterros sanitários (RE-IF-F-tec-out02_02)
ao provocar a infecção intestinal, <i>faz com que</i> o animal perca capacidade (RE-ci-jul02_14)

Quadro 14 – Amostra de *corpus* constituído pela expressão <fazer com que>

Há, no entanto, algumas poucas ocorrências da estrutura { *VopC* <fazer> ‘que’ + V }, como demonstram os exemplos:

(131) Quanto ao resto, só adiantei que havia sido expulso da casa de meu padrinho, o que *fez que* o moço doutor gritasse exasperado. (DEN-LIT-art00_03)

(132) mas o encanecimento *fazia que* ele parecesse um Matusalém (CF-LIT-art00)

Foram encontradas apenas oito ocorrências, em todo o *corpus*, com a estrutura { fazer que }, listadas no Quadro 15. Também é interessante ressaltar que todas essas ocorrências foram encontradas no diretório de textos literários do *corpus*.

Quanto ao resto, só adiantei que havia sido expulso da casa de meu padrinho, o que <i>fez que</i> o moço doutor gritasse exasperado (LIT-RE-04_00_99)
Mas o encanecimento <i>fazia que</i> ele parecesse um Matusalém (LIT-RE-04_00_99)
E nem os menores conseguiram <i>fazer que</i> a gigantesca nuvem se esvaziasse (RE-ci-jul02_14)
[...] reunir para <i>fazer que</i> a madrasta e o rei aceitassem o convite de morar na caverna (RE-IF-F-lit-out02_02)
Os ruídos <i>faziam que</i> ninguém dormisse durante a noite (LI-po_março_s/d)
Não precisou <i>fazer que</i> os bichos se dispersassem, pois eles já haviam desaparecido durante a madrugada (LIT-RE-04_00_99)
Por fim, <i>fiz que</i> o J. A. fosse acusado e condenado a seis meses de reclusão (RE-dez02_15)
Pela noite enluarada, que <i>faz que</i> eu me sinta uma mulher-loba (RE-IF-F-lit-out02_02)

Quadro 15 – Amostra de *corpus* constituído pela expressão <fazer que>

A redução da preposição selecionada por um verbo perante a conjunção integrante *que* é um fenômeno já conhecido e bem documentado em português (BAPTISTA, 1999), e que se explica de forma natural pela justaposição de dois elementos conectores nas frases:

(133a) Rui duvida *de que* Ana venha hoje

(133b) Rui duvida **que** Ana venha hoje

No entanto, há uma diferença sintática significativa entre as construções *fazer que* e *fazer com que*, no que tange à correlação com a construção infinitiva. Os exemplos a seguir são diferentes regras de interpretação de um exemplo retirado do *corpus*. A partir dele, pode-se notar que, perante a preposição *com*, são possíveis apenas as completivas no conjuntivo, como:

(134) Deixe-o comigo que **farei com que** ele coma (RE-FI-F-ci-abr00_14)

(134a) Deixe-o comigo que **farei que** ele coma

(134b) Deixe-o comigo que o **farei comer**

A infinitiva não pode ocorrer perante *com*:

(134c) * Deixe-o comigo que o **farei com comer**

Com a utilização da conjunção *que* também a frase deixa de ser uma infinitiva, como comprovam os exemplos (134) e (134a).

Os *VopC* intervêm ainda em certas construções verbais causativas, sendo possível considerar que nelas o *VopC* se ‘funde’ com o *Vinf*, deixando o sujeito deste último na posição de complemento.

(135) quando veio o terremoto, que **fez** toda a costa leste **tremar**. (FI-not-jan09_11)

O exemplo (135), retirado do *corpus*, assemelha-se sintaticamente a vários outros com a mesma estrutura. Pode-se aplicar regras de transformação a ele, a fim de: 1) transformá-lo em frase simples; 2) verificar sua aceitabilidade com as estruturas {*VopC* <*fazer*> ‘que’} e {*VopC* <*fazer*> ‘com que’}; 3) comprovar a correlação entre sujeito da 2ª oração e complemento das duas orações fundidas numa só.

(135a) O terremoto **fez** # a costa **tremeu**

(135b) O terremoto **fez** (a costa **tremar** / **tremar** a costa)

(135c) O terremoto **tremeu** a costa.

A sentença (135b) parece ser semanticamente mais apropriada que (135c), pois a existência do terremoto fez com que a costa tremesse, mas a ação de tremer não foi praticada pelo terremoto, e sim pela costa. O verbo *tremar* pede um sujeito, mas não objeto, portanto o que treme é a costa, e não o terremoto. A expressão *o terremoto*, classificada como sujeito da oração principal, é, na verdade, a causa ou o instrumento responsável pelo acontecimento ocorrido com a costa, podendo ser parafraseado por:

(135d) A costa *tremeu* por causa do terremoto

De fato, o *VopC* – seja seguido da infinitiva, seja na estrutura {fazer que} ou {fazer com que} – exprime um nexo de natureza causal entre a proposição (ou grupo nominal) sujeito e infinitiva, parafraseável por outras expressões de sentido equivalente, como, por exemplo, *ser a causa de*.

Três observações preliminares foram feitas em Baptista (1999) acerca do estatuto das construções {fazer que / fazer com que / fazer Vinf}:

(i) apresenta um sujeito não-restrito (Nnr); (ii) apresenta obrigatoriamente uma completiva na posição de complemento, mas essa completiva não é pronominalizável por *isso*; (iii) estabelece entre os dois argumentos uma relação causal.

(BAPTISTA, 1999)

Essas condições são características particulares da classe de verbos intitulada verbos operadores causativos e descritas por Gross (1981, p. 23).

8 FAZER FORMADOR DE EXPRESSÃO CRISTALIZADA

A abordagem das expressões cristalizadas (doravante EC) – ou expressões idiomáticas (EI) – representa um problema sério para a teoria lingüística porque remete ao conceito, ainda inexato, de palavra, ou unidade lexical. Além disso, remonta à questão da delimitação entre sintaxe e léxico, no que concerne à definição de itens lexicais com constituição maior do que um vocábulo. Isso quer dizer que o conceito de léxico deve ser tomado de forma muito mais inclusiva do que como um único vocábulo, o que é a proposta do léxico-gramática.

Esse tipo de construção merece destaque nos estudos lingüísticos porque ocorrem muito mais frequentemente que costumamos pensar. Em uma entrevista dada ao jornal Le Monde, datada de 30 de junho de 1995, Maurice Gross fala “de um léxico-gramática de mais de trinta mil expressões cristalizadas” comparando-o com “um léxico-gramática de doze mil frases livres”.

8.1 CONCEITO DE EXPRESSÃO CRISTALIZADA

A definição tradicional de EC postula que seu significado não pode ser inferido através dos significados de suas partes. Estas construções, em sua maioria, demonstram uma invariabilidade típica de unidades lexicalizadas. Portanto, elas necessariamente fariam parte do léxico do falante.

O significado da expressão não pode ser calculado pela soma dos significados dos seus componentes; ou seja, o significado da expressão a seguir nada tem a ver com o verbo *fazer* nem com o complemento “*das tripas coração*” que o acompanha:

(136) [...] de Betinho, que precisava *fazer das tripas coração* para sustentar seus oito barrigudinhos. (LIT-art-li-mai13_12)

Em outras palavras, temos aqui uma combinatória cristalizada, culturalmente herdada e registrada na memória coletiva com o significado de “fazer todo o possível por alguém ou para conseguir alguma coisa”. Cruse (1986, p. 37) argumenta que tal definição — a de que o significado da EC não pode ser inferido através dos significados de suas partes — pode ser lida como: "é uma expressão cujo significado não é resultado dos significados de suas partes quando estas não pertencem a uma EI".

A noção de valor lingüístico (SAUSSURE, 1916) se faz pertinente novamente para discutir a significação intrínseca das cristalizações. As ECs são estruturas lingüísticas previstas pelo sistema e, portanto, semelhantes a outros signos, os quais se constituem de significante e significado. Da mesma forma que a relação entre significante e significado dos signos é arbitrária, a correspondência entre a imagem acústica das ECs e seu significado também o é.

No aspecto sintático, as expressões cristalizadas são frases aparentemente normais, semelhantes às frases “comuns” (i.e. sem expressões cristalizadas), com raras diferenças formais. No aspecto semântico, elas são, em geral, imediatamente interpretadas pelos falantes com seu significado idiomático, e não pela soma dos sentidos literais das palavras que as compõem.

(VALE, 2001)

No ponto de vista de Cruse, a EC é uma unidade lexical elementar, e "embora consista em mais de uma palavra, apresenta uma coesão interna de palavras únicas" (CRUSE, 1986, p. 38). Pode haver a coincidência de o significado de uma EC corresponder aos significados dos itens lexicais que a compõem²⁰, porém essa correspondência nem sempre acontece, o que nos permite inferir que o significado das ECs é total, não podendo ser mensurado por meio de suas partes.

²⁰ Casos como este serão descritos e analisados posteriormente, no tópico 8.2.

Assim, elas são chamadas de cristalizadas porque realmente contêm elementos fixos – tais como cristais – e não aceitam mobilidade em seus constituintes (salvo exceções que serão discutidas posteriormente). Como sugere Vale (2001), as expressões cristalizadas devem ser classificadas como sendo um único signo, e não como um conjunto de palavras que constituem uma forma verbal composta.

As divergências terminológicas e a ausência de critérios de análise adequados levaram a que as expressões fixas tenham sido consideradas como objetos lingüísticos excepcionais, não integráveis na gramática das línguas, por não poderem ser objeto de regras gerais. Inclusive as ECs são mencionadas, por Bechara, na subseção ‘Anomalias da Linguagem’ e são definidas como: “Idiomatismo ou expressão idiomática é toda a maneira de dizer que, não podendo ser analisada ou estando em choque com os princípios gerais da Gramática, não é aceita no falar culto” (BECHARA, 2001, p. 603).

8.2 ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS DE ECs NO *CORPUS*

Em todos os textos do *corpus* foram encontradas 225 ocorrências de expressões cristalizadas (ou seja, 6% de todo o *corpus*)²¹, mas muitas se repetem, portanto contam-se apenas 42 ECs diferentes. Ao longo desta seção, serão analisados alguns casos de ECs encontradas do *corpus*, mas a descrição formal dessas construções será feita na forma de Tábuas do Léxico-Gramática, classificadas a partir de suas estruturas sintáticas e anexas ao final da dissertação.

As tábuas enumeradas de 1 a 7 podem ser representadas respectivamente pelas estruturas {N0 V C1 prep C2} (Tábua 1), {N0 V C1} (Tábua 2), {N0 V C1 mod} ou {N0 V mod C1} (Tábua 3), {N0 refl V prep C1} (Tábua 4), {N0 V prep C1 C2} (Tábua 5), {N0 V

²¹ Conferir Figura 2, em anexo.

C1 prep N2} (Tábua 6) e {N0 V prep C1 F} (Tábua 7). Todas as expressões encontradas no *corpus* Lácio-Ref estão descritas nas tábuas, porém nem todas as expressões contidas nas tábuas são provenientes do Lácio-Ref. Como foram encontradas apenas 42 ECs diferentes no corpus, optei por colocar nas tábuas também outras ECs recenseadas em trabalho anterior de minha autoria (RASSI, 2004), que apresentavam as mesmas estruturas sintáticas de ECs encontradas no Lácio-Ref.

8.2.1 ECs com estrutura {N0 V C1 prep C2}

No corpus, apareceram três expressões cristalizadas cuja estrutura é um Nome (N0), geralmente humano (Nhum), na posição de sujeito, o verbo *fazer* flexionado em diferentes formas verbais, um complemento fixo (C1), seguido de uma preposição (*de, por, com, em* ou *a*) e de outro complemento fixo (C2). Os três exemplos e todos os outros que se seguirão passaram por regras de transformação para que aparecessem, na sentença, apenas os constituintes mais elementares da EC.

(137) Rui *fez um serviço de preto*.

(138) Rui *fez questão* que todos o ouvissem.

(139) Rui *fez tempestade em copo d'água*.

A sentença (138) apresenta uma particularidade específica pois é a única expressão dessa classe que exige uma frase (doravante F) na posição do segundo complemento fixo, ou seja, C2.

Assim como (137), (138) e (139), há ainda muitos outros exemplos de expressões – tais como *fazer o diabo a quatro, fazer um gol de placa, fazer cortesia com chapéu alheio, fazer alguém em pedaços* e *fazer as coisas pela metade* – que possuem a mesma estrutura dos exemplos citados e também foram expressos na Tábua 1 (em anexo).

8.2.2 ECs com estrutura {N0 V C1}

Há algumas expressões, tais como as descritas nesta seção, que parecem estar na fronteira de classificação entre EC e *Vsup*²², como é o caso de *fazer a diferença*, *fazer questão de*, *fazer sentido*, *fazer justiça*, *fazer barulho* e *fazer estrago*, cujas ocorrências aparecem no Quadro a seguir:

um casal de primos, em particular, pode <i>fazer</i> grande <i>diferença</i> na evolução da humanidade (RE-ci-jul02_13)
terceira unidade, na qual o centro vai <i>fazer</i> a <i>diferença</i> (RE-IF-F-tec-dez02_01)
A <i>diferença</i> entre a mortalidade e o recrutamento <i>foi feita</i> a partir dos valores das taxas médias anuais (FA-ci-ago02)
Hoffman, porém, <i>faz questão de</i> explicar os números e quantias solicitadas (FA-ci-out98)
Richieri Costa <i>faz questão de</i> compartilhar o sucesso do trabalho (FA-lit-rev-mai00)
E <i>fez questão de</i> seguir o exemplo de Beatriz Rocha (RE-IF-F-tec-out02_02)
Outra restrição: só <i>faz sentido</i> empregar a equação para comparar dois genomas (FA_ci-tec_98)
para ver se <i>faz sentido</i> estabelecer uma política pública (RE-IF-F-tec-dez02_01)
o tratamento medicamentoso só <i>faz sentido</i> caso se tenha uma visão mais ampla do indivíduo (RE-dez02_15)
Sua argumentação também não deixa de <i>fazer sentido</i> . (RE-dez02_15)
Divulgação Científica da ECA/USP <i>fazendo justiça</i> aos ideais do seu patrono (RE-ci-jul02_13)
Isso merece destaque porque <i>faz justiça</i> ao empenho de todos na busca de soluções (CI_fi_mai/junho_01)
Advanced Cell Technology pode ter <i>feito</i> , com ajuda da mídia, muito <i>barulho</i> por nada (TESE_nov_74)
num primeiro momento causa aversão, não <i>faz barulho</i> , anda lentamente (RE-dez02_15)
os jornais normalmente <i>fazem</i> muito <i>barulho</i> a troco de nada. (RE-IF-F-tec-dez02_01)
espécies conhecidas pela <i>barulheira</i> que <i>fazem</i> , o chimpanzé africano e o gibão das florestas (RE-IF-F-tec-out02_02)
A garotada entendeu o recado e <i>fez</i> o maior <i>silêncio</i> possível (RE-IF-F-tec-out02_02)
As exigências da MP <i>fizeram</i> um verdadeiro <i>estrago</i> nas áreas do conhecimento (RE-IF-F-tec-out02_02)
muito <i>estrago</i> pode ser <i>feito</i> sem que se note sua extensão (RE-IF-F-tec-out02_02)

Quadro 16 – Fronteira entre as classes de verbo suporte e formador de EC

O que foi dito sobre as fronteiras de classificação entre ser EC ou construção com *Vsup* serve para todas as expressões do Quadro, mas dependem do contexto em que estão inseridas. Para esclarecer, mencionar-se-ão dois pares de exemplos: os referentes à expressão *fazer diferença* e os que concernem a *fazer barulho*.

(140) terceira unidade, na qual o centro vai *fazer a diferença*. (RE-ci-jan03_19)

(141) A *diferença* entre a mortalidade e o recrutamento *foi feita* pelos economistas a partir dos valores das taxas médias anuais (RE-IF-F-ed-nov02).

²² Apesar de se considerar que essas construções estejam na fronteira entre uma categoria e outra, não será nomeada uma nova classe que abarque as expressões ‘fronteiriças’, exatamente porque reconhece-se, neste trabalho, a existência de um *continuum* verbal, o que explica que um verbo pode ser “+” ou “-” suporte, ou “+” ou “-” fixo na EC.

Aplicando-se as regras de transformação para frases simples, obtêm-se sentenças como:

(140a) O centro *faz a diferença*.

(141a) Os economistas *fazem a diferença* entre a mortalidade e o recrutamento.

Percebe-se então que, em (140a), a expressão *fazer a diferença* corresponde a uma EC, já que possui um significado exclusivo para a expressão, e não pelo significado das palavras que o compõem; o que é diferente de (141a), pois o significado desta última refere-se ao valor de cada uma das palavras que constroem a expressão; este último verbo *fazer*, portanto, é classificado como *Vsup*.

O mesmo ocorre com as sentenças a seguir e suas respectivas regras de transformação já aplicadas:

(142) [o rato] num primeiro momento causa aversão, não *faz barulho*, anda lentamente. (JO-IF-FSP-mis-06nov94_23)

(142a) O rato *faz barulho*.

(143) jornais normalmente *fazem* muito *barulho* a troco de nada. (RE-po-dez02_04)

(143a) Os jornais *fazem barulho*.

Existe uma diferença semântica muito clara entre a expressão *fazer barulho* em (142a) e a mesma expressão em (143a), ou entre (142) e (143). Nos primeiros exemplos – (142) e (142a) – a expressão *fazer barulho* realmente representa o fato de causar ou provocar ruídos audíveis; ao passo que em (143) e (143a), a mesma expressão *fazer barulho* possui outro significado: mostrar-se, fazer ser visto, ter visibilidade etc, sem necessariamente ter som.

Estas expressões e várias outras que apresentam a mesma estrutura sintática estão descritas formalmente na Tábua 2, em anexo.

8.2.3 ECs com estruturas {N0 V C1 mod} ou {N0 V mod C1}

As expressões que constituem a Tábua 3 possuem, além do complemento fixo, também um modificador, ou seja, adjetivo, o qual pode vir antes ou depois do C1, como demonstram os exemplos a seguir:

(144) Ana *fez corpo mole* na hora de limpar a casa.

(145) Rui *fez mau juízo* de Ana.

Essas expressões não foram muito recorrentes no corpus porque são mais características de língua falada. Como o corpus é composto somente de textos escritos, as ECs não apareceram com muita frequência.

8.2.4 ECs com estrutura {N0 refl V prep C1}

Expressões como *fazer-se de bobo*, *fazer-se de besta*, *fazer-se de vítima*, *fazer-se de rogado*, *fazer-se de santo*, *fazer-se de cego*, dentre outras equivalem a cerca de 30% do total de ECs do *corpus*. A estrutura fundamental mínima dessas e outras expressões é, muitas vezes, constituída de um nome, geralmente humano (Nhum), na posição de sujeito, o pronome reflexivo *se*, o verbo *fazer*, a preposição *de* e o complemento fixo.

A ordem do pronome reflexivo *se*, em relação ao verbo, não é tão fixa, podendo ocorrer como próclise, ênclise ou mesóclise.

Algumas dessas expressões possuem equivalência na estrutura {N0 V N1 prep C1}, representada por um nome, geralmente humano (Nhum), na posição de sujeito, o verbo *fazer*, mais outro nome, que pode ser humano (Nhum) ou não-humano (N-hum), seguida da preposição *de* e do complemento fixo. São elas:

(146) Ana *fez* Rui *de bobo*.

(147) Ana *fez* Rui *de besta*.

Mas nem todos os complementos fixos aceitam essa mobilidade na estrutura frasal, como demonstram os exemplos a seguir:

(148) * Ana *fez* Rui *de vítima*.

(149) * Ana *fez* Rui *de santo*.

Todas as expressões que apresentam essa estrutura sintática estão catalogadas na Tábua 4, em anexo.

8.2.5 ECs com estrutura {N0 V prep C1 C2}

Há uma curiosidade interessante sobre um tipo de EC construída com o verbo *fazer*. Existe tradicionalmente a expressão cristalizada ou idiomática *fazer das tripas coração*, com já foi citado em (136):

(136) [...] de Betinho, que precisava *fazer das tripas coração* para sustentar seus oito barrigudinhos. (LIT-art-li-mai13_12)

Essa EC possui estrutura sintática do tipo {<*fazer*> + *prep* (de) + C1 + C2}, onde o verbo *fazer* pode estar conjugado em diferentes formas verbais, a preposição (*de*) pode vir contraída ou não com algum artigo ou outro determinante, e C1 e C2 correspondem respectivamente ao primeiro e ao segundo complementos fixos da EC. Utilizando-se da mesma estrutura sintática dessa EC, várias outras expressões podem ser construídas, como demonstra o Quadro seguinte:

contato pessoal, um vínculo com o museu, <i>fazendo da Divulgação Científica uma arma</i> ainda mais poderosa (JO-IF-FSP-mis-06nov94_23)
Se <i>de uma célula faço duas ou três</i> , essas células clonadas obtidas (RE-po-dez02_04)
Este sistema de controle ("Gaia") <i>faz da Terra um sistema cibernético complexo</i> (JOR-USP_tec04_99)
soltar sons que ainda experimentamos ao <i>fazer de um bocejo ou de um espirro um escândalo público</i> (RE-it-cas_dez01)
o controle das crises da doença - o que <i>fazia do tal gene um candidato interessante</i> (RE-CI-fi-dez00)
APESP acompanha o trabalho há anos e já <i>fez dele sua principal reportagem</i> (JO-IF-ci-jan_95)
Observa-se um esforço para <i>fazer do intercâmbio pesquisa-comunidade um eixo importante</i> (RE-dez02_15)
Toda essa infra-estrutura <i>faz do campus de Pirassununga um celeiro de pesquisas</i> (RE-ci-jul02_13)
O trabalho cresceu e <i>fez da Xanthomonas o primeiro projeto brasileiro de genoma</i> (TESE_nov_74)
Agora, são cortados 198 milhões, o que <i>faz de São Paulo o maior exportador mundial</i> (RE-IF-F-tec02_01)

Como se fosse possível <i>fazer de um reles soldado um comandante</i> . (LIT-art-li-mai13_12)

Seu maior desejo era <i>fazer do filho um herói</i> . (LB-LIV-pub_s/d)
--

Quadro 17 – Amostra de *corpus* com Expressão Cristalizada 1

Muitas delas estão sendo usadas no sentido metafórico, mas não são necessariamente expressões cristalizadas. Todos esses exemplos, já que não se tratam necessariamente de expressões cristalizadas, admitem alteração no seu interior, ou seja, não são tão fixas quanto as ECs. E vale ressaltar que essas construções são muito mais produtivas do que o que se apresenta nessa breve exposição.

8.2.6 ECs com estrutura {N0 V C1 prep N2}

Também foram bastante recorrentes no *corpus* as expressões *fazer bem/mal a*, *fazer (algo) bem/mal*, *fazer bem/mal em*, como exemplificam as seguintes sentenças:

(150) as mutações no DNA dos transgênicos *fazem* mais *mal* do que *bem* ao organismo humano [...] (TESE-nov00)

(151) [...] explorar suas idéias e *fazer bem o seu trabalho*. (JO-FI-ci-jan01_03)

(152) Eles *fazem mal* à saúde humana e carregam elementos tóxicos (TESE-nov00)

(153) [...] os *males* que ele é capaz de *fazer* para a saúde. (RE-FI-F-ci-abr00_14)

(154) não creio que tenha *feito bem em* abandonar a criança naquele. (JO-FI_jan03)

Há ainda outras expressões constituídas por diferentes complementos fixos, tais como se pode verificar na Tábua 6, em anexo.

8.2.7 ECs com estrutura {N0 V prep C1 F}

As expressões mais recorrentes no *corpus* possuem a seguinte estrutura: nome, geralmente humano (Nhum) + o verbo *fazer*, flexionado ou não, + uma preposição, que pode

ser *de* ou *por*, + o complemento fixo (*tudo*, *conta*, *menos*, *onde*, <pronome possessivo>, *elas*) + uma frase complementar. São exemplos dessa estrutura: *fazer de tudo*, *fazer por onde* e *fazer por menos*, como exemplificam as sentenças a seguir:

(155) [...] e ***faria de tudo*** para ter o seu amor. (LIT-art-ago12_15)

(156) não adiantava jejuar ou fazer penitências, pois não ***fazia por onde*** receber as bênçãos. (RE-IF-F-ci-jun04_08)

(157) levou um soco e não ***fez por menos***: derrubou o adversário. (LIT-art-ago03)

É interessante notar que *Fazer de tudo* é bastante diferente de *fazer tudo por*, tanto sintática quanto semanticamente, por isso o verbo da primeira expressão é classificado como parte de uma EC e o verbo da segunda expressão é um *Vhip*.

As três ECs, (155), (156) e (157), apesar de apresentarem semânticas totalmente diferentes, elas possuem a mesma estrutura sintática: o verbo *fazer* no infinitivo, seguido de uma preposição (*de* ou *por*) e um complemento fixo – *tudo*, *onde* e *menos*, com uma propriedade particular ao terceiro exemplo, que é o fato de ele necessitar da partícula negativa – *não* – em sua composição.

Ocorreram ainda outros casos, no *corpus*, que não se enquadram em nenhuma tábua porque não se assemelham a nenhuma estrutura sintática e também não possuem regularidades entre si, portanto, serão expostas no Quadro que se segue, mas não constam em anexo.

Mas também, pudera. <i>Não fez mais que</i> sua obrigação. (LI-inf-did00_04)
Parece uma preguiça, <i>não faz senão</i> dormir o dia inteiro. (RE-ci-jul02_13)
Naquele cargo, e com aquela função, ela <i>faz e acontece</i> da forma como bem entende. (FA-ci-ago02)
o deslocamento continental <i>faz e desfaz</i> barreiras à dispersão (RE-IF-F-est-out02_07)
O subsecretário <i>faz e desfaz</i> e ninguém pode dizer nada. (RE-ci-fev03_13)
<i>Tanto faz</i> se você está na Índia ou nos Estados Unidos (RE-ci-jul02_13)
Loiras ou morenas, <i>tanto faz</i> como <i>tanto fez</i> . (LI-inf-did00_04)
Estômatos são conjuntos de células que <i>fazem o papel de</i> poros dos vegetais (RE-IF-F-hu-nov02_03)
energia para <i>fazer frente à</i> competição de outras espécies (JO-rev-mar_03)
uma bexiga natatória, órgão que pode <i>fazer as vezes de</i> pulmão (RE-IF-F-tec-mar03_09)
para percebermos que cada país tem que <i>fazer a sua parte</i> (RE-ci-jul02_13)
O governo brasileiro <i>fez seu dever de casa</i> , mas até hoje não colheu os frutos (FA-ci-ago02)

produto de sua atividade para <i>fazer frente às</i> despesas de produção (FA-ci-ago02)
A Prefeitura [...] mas <i>não faz nada</i> para resolver o problema (LI-inf-did00_04)
E vivia <i>fazendo pouco de</i> sua mãe, quando entendeu que de nada valia (LI-inf-did00_04)
Foi convidado para a conferência, mas <i>se fez de rogado</i> e não compareceu. (LI-inf-did00_04)

Quadro 18 – Amostra de *corpus* com Expressão Cristalizada 2

Apesar de não apresentarem grande regularidade entre suas estruturas, essas expressões apresentam enorme fixidez entre seus constituintes, o que é a principal característica das ECs, portanto, podem ser consideradas como expressões cristalizadas prototípicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os usos do verbo *fazer*, em português escrito, foram descritos, ao longo desta dissertação, em função de seu comportamento sintático-semântico. A abordagem proposta não segue a tradicional classificação como verbo de ação, ação-processo, processo, dentre outros, nem tampouco o classifica quanto a sua transitividade e/ou as classes de objetos que o acompanham. A classificação proposta – como verbo pleno, hiperverbo, suporte, vicário, operador-causativo e formador de EC – é, ao mesmo tempo, sintática e semântica, buscando analisar a função e o funcionamento do elemento verbal dentro da frase.

Para estabelecer tal classificação, parte-se do pressuposto de que existe um *continuum* verbal que classifica o verbo em português desde o mais pleno até o mais fixo dentro de uma Expressão Cristalizada. Esse *continuum* se aplica ao verbo *fazer*, como foi demonstrado ao longo da dissertação, e pode ser que se aplique a todos os outros verbos da língua portuguesa. Vale ressaltar ainda a dificuldade encontrada em se estabelecerem os limites de cada uma das classes, porque o trabalho visava, ao mesmo tempo, classificar os tipos de *fazer* e também colocá-los numa linha tênue de continuidade semântica.

O que foi previsto no início da pesquisa, mas não se consolidou, foi a elaboração de todas as etapas desse *continuum*. Essa abordagem não foi possível dada a enorme produtividade do verbo em questão, mas pode ser feita em trabalho posterior, tendo como base de pesquisa os resultados demonstrados neste.

A partir da análise de todas as acepções encontradas no *corpus*, é possível fazer três considerações gerais:

- i) o número de relações combinatórias que envolvem o verbo *fazer* é muito grande, ou seja, é um dos verbos mais produtivos da língua portuguesa;

ii) as classificações verbais tradicionais, feitas a partir da regência verbal ou da transitividade, não abarcam toda a complexidade de suas estruturas sintáticas e semânticas;

iii) o *fazer* possui características lingüísticas diferentes de todos os outros verbos e merece, portanto, um estatuto exclusivo.

Essas três considerações não podem ser tomadas individualmente porque “i)” e “iii)” são as causas de “ii)”; “i)” é um dado a priori; “ii)” pode ser extraído a partir da análise dos dados; e “iii)” é a conclusão a que se chega após o reconhecimento de “i)” e “ii)”; então não se pode falar de uma conclusão sem mencionar as outras duas.

Esta última consideração, no entanto, é a mais relevante de todas. O estatuto diferenciado do verbo *fazer* reside no fato de esse item lexical se comportar mais como um elemento coesivo do que apenas como uma unidade léxico-sintática. Como já foi explicitado, o *fazer* pode substituir algum item lexical (a fim de evitar repetição de lexias), pode fazer referência a algo que já foi dito (tal como um mecanismo anafórico e/ou catafórico), pode funcionar como o elemento maior numa relação de hiperonímia (como é o caso do hiperverbo), dentre várias outras funções que o verbo pode exercer no léxico, na sintaxe e no próprio texto.

Seu comportamento lingüístico está muito mais voltado para a estruturação, encadeamento, seqüenciamento e referenciação do texto do que simplesmente para o preenchimento de um espaço verbal dentro da frase.

Quando se postula que o verbo *fazer* não existe na sua forma mais plena – pois há inúmeros verbos mais plenos na língua portuguesa – entende-se que ele não é um verbo comum. O *fazer* ocupa, muitas vezes, a posição central da frase, servindo como núcleo verbal (ou predicado, o qual seleciona os argumentos da sentença), mas sua importância

maior está além dos limites da frase, pois esse verbo funciona como um importante recurso coesivo dentro do texto.

Por causa da grande quantidade de funções que o *fazer* pode exercer dentro do léxico, da sintaxe e do texto como um todo, reconhece-se a existência do *continuum* verbal, onde as fronteiras entre as classes não podem ser bem delimitadas. Como se pôde verificar, as categorias sintático-semânticas estabelecidas no corpo da dissertação permitem a interposição dos casos construídos pelo verbo *fazer*, os quais se mesclam e se imbricam, podendo ser classificados em duas ou mais categorias.

As fronteiras entre uma categoria e outra são muito tênues e isso faz com que alguns exemplos possam ser colocados em qualquer uma das classes:

(158) Rui **construiu** a casa em seis meses.

(159) Rui **fez** a casa em seis meses.

(160) Rui **fez a construção** da casa em seis meses.

(161) Rui construiu a casa. E **o fez** em seis meses.

(162) Rui **fez com que** a casa fosse construída em seis meses.

As sentenças de (158) a (162) apresentam significados muito próximos, apesar de cada uma apresentar particularidades sintáticas específicas. (158) não é construída com o verbo *fazer*, mas apresenta um caráter pleno e serve para fazermos comparação com as sentenças seguintes.

O verbo de (159) pode estar expresso no mesmo sentido de (158), mas classifica-se como um hiperverbo, diferentemente de (158), pleno, pelo simples fato de ter uma carga semântica mais abrangente que a do verbo *construir*, podendo funcionar como seu substituto, mas apenas em alguns casos.

Já (160) coloca, como complemento do verbo, o nome morfológicamente associado ao verbo *construir*, o *V-n construção*; com isso passa a ser classificado como suporte, haja

vista que o elemento central da sentença deixa de ser o verbo e passa a ser o *V-n*, ou, em algumas abordagens, a nominalização *fez a construção*.

As duas informações expressas em (158), (159) e (160) – de que foi Rui quem construiu a casa e a de que ele gastou seis meses para fazê-lo – também estão contidas na sentença (161), sendo o primeiro verbo – *construiu* – classificado como pleno e o segundo – *o fez* – classificado como vicário ou pró-verbo.

O significado de (162) difere, em certos aspectos, das outras construções porque apresenta uma característica particular dos verbos operadores causativos: o *fazer* funciona como o agente causador ou provocador de alguma ação, como, no caso, *a construção da casa*, por isso, é classificado como *VopC*. Não se pode afirmar as mesmas duas informações expressas por todos os outros exemplos, de que Rui tenha praticado a ação de construir a casa, mas pode-se inferir que, de alguma forma, ele lançou mão de recursos – tais como *suas ordens, suas próprias mãos, sua gerência* etc. – para que a casa fosse construída; e a segunda informação, de que esse processo se deu em seis meses, se mantém.

Como se pôde comprovar, as fronteiras entre uma categoria e outra são muito sutis e, por isso, se justifica a dificuldade e/ou inexatidão das classificações; afinal a classificação que se almejou fazer, desde o início da pesquisa, era de ordem sintático-semântica, não se esperando encontrar o verbo analisado como um recurso coesivo dentro da frase ou do texto. A descoberta dessa propriedade particular do *fazer* – que funciona também com alguns outros verbos da língua portuguesa – nos permite querer rever toda a classificação, para considerá-lo, não apenas como um item lexical, mas como um importante estruturador textual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALUISIO, S. PINHEIRO, G. M., MANFRIM, A. M. P., OLIVEIRA, L. H. M. de, GENOVES Jr., L. C., TAGNIN, S. E. O. *The Lácio-Web: Corpora and Tools to advance Brazilian Portuguese Language Investigations and Computational Linguistic Tools*. In: LREC 2004. Proceedings of LREC, 2004, Lisboa, Portugal, p.1779-1782.

ARARIPE, Leonel Figueiredo de Alencar. *Significado, valência semântica e sintática de um grupo de verbos de mudança de posse do português do Brasil*. Dissertação de mestrado – UFCE, Fortaleza: 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins, 1979.

_____. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: UNESP/Hucitec, 1988.

BAPTISTA, Jean. *Fazer / Fazer com: um verbo operador do português*. In: Seminários de Lingüística 3, Unidade de Ciências Exactas e Humanas. Universidade do Algarve: Faro, 1999.

_____. *Sintaxe dos Predicados Nominais construídos com o Verbo-suporte SER DE*. Tese de Doutoramento. Faro: Universidade de Algarve, Lisboa, 2000.

_____. *Sintaxe dos predicados nominais*, 2004. Disponível em <<http://w3.ualg.pt/~jbaptis/download/EquipaUALG/>> Acesso em 12/07/2007

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BORBA, Francisco da Silva (coord.) et al. *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Edunesp, 1990.

_____. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Dicionário de Usos do Português do Brasil – DUP*. São Paulo: Ática, 2002.

BUSSE, Winfried & VILELA, Mário. *Gramática de valências*. Coimbra: Almedina, 1986.

CHOMSKY, Noam. *La linguistique cartésienne*, suivi de *La nature formelle du langage*. Paris: éditions du Seuil, 1966.

_____. *Structures Syntaxiques*. Paris: éditions du Seuil, 1967.

_____. *The Logical Structure of Linguistic Theory*. New York: Plenum Press, 1975.

_____. *Linguagem e Pensamento*. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 1977. Trad. De Francisco M. Guimarães, Coleção Perspectivas Lingüísticas.

CIPRO NETO, P. & INFANTE, U. *Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1999

COSTA, Sônia Bastos Borba. *O aspecto em português*. São Paulo: Contexto, 1997.

CRUSE, D. A. *Lexical Semantics*. Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press, 1986.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Aurélio: O dicionário da Língua Portuguesa*. Século XXI, Rio de Janeiro-RJ: Nova Fronteira, p. 886, 1999.

GIRY-SCHNEIDER, J. *Les nominalisations en Français. L'opérateur Faire dans le lexique*, Genève-Paris: Librairie: Droz, 1978.

_____. *Les prédicats nominaux en Français. Les phrases simples à verbe support*, Genève-Paris: Librairie Droz, 1987.

_____. *Etude de prédicats nominaux en français. Les constructions faire N*, Genève-Paris: Librairie Droz, 1987.

GROSS, Gaston. *Les constructions converses du français*. Genebra: Droz, 1989.

_____. *Les expressions figées en français: noms composés et autres locutions*. Paris: Ophrys, 1996.

GROSS, Maurice. *Méthodes en syntaxe*. Paris: Hermann, 1975.

_____. *Les bases empiriques de la notion de prédicat sémantique*. Langages, n° 63, Paris: Larousse, p. 7-52, 1981.

GUILLET, Alain & LECLÈRE, Christian. *Formes syntaxiques et prédicats sémantiques*. Langages, n° 63, Paris: Larousse, 1981.

HADRIEN, K. B. *Les notions de grammaticalité et agrammaticalité dans la linguistique*. Encyclopedia Universalis France S. A. 1ère édition, 1968.

HARRIS, Zellig Sabbetai. *Strings and Transformations in Language Description. Papers on formal linguistics I*. Philadelphia: University of Pennsylvania Department of linguistics, 1961.

_____. *Transformational Theory*. *Language* 41, p. 363-401, 1965.

_____. *Transformations and Discourse Analysis Papers 73*. University of Pennsylvania Linguistics Department, 1967.

_____. *The elementary transformations*. In: HARRIS, Zellig S. *Papers in Structural and Transformational Linguistics*. Dordrecht: D. Reidel, p. 482-532, 1970.

_____. *Notes du cours de syntaxe*. Paris: Seuil, 1976.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Instituto Antônio Houaiss, Rio de Janeiro-RJ: Objetiva, p. 1316-1317, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2001.

LA FAUCI, Nunzio e MIRTO, Ignazio M. *Fare: elementi di sintassi*. Pisa-Itália: Edizioni ETS, 2003.

LAMIROY, Béatrice. *Le lexique-grammaire: essai de synthèse*. Travaux de linguistique, 37, p. 7-23, 1998.

LE PESANT , Denis & MATHIEU-COLAS, Michel. *Les classes d'objets*. Langages, nº 131, Paris: Larousse, 1998.

RASSI, Amanda Pontes. *Tipologia das expressões cristalizadas construídas com o verbo fazer*. Relatório final do Programa de Iniciação Científica – PIBIC/PIVIC – Goiânia, UFG, 2004.

RASSI, Amanda Pontes. *Análise das acepções do verbo fazer em dicionários de língua portuguesa*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação). Goiânia, UFG, 2005

SARDINHA, Tony Berber. *Linguística de corpus*. Barueri - São Paulo: Manole, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de Linguistique Générale*. Paris: Payot, 1916

SCHER, Ana Paula. *O verbo dar e o léxico gerativo*. Estudos Lingüísticos. Vol. 29, p. 761-766. São Paulo, 2000.

SIQUEIRA, Cristina Lima de. *Considerações acerca da Gramática de Valências*. Dissertação (mestrado) PUC-Rio, 2003. Disponível em <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/PRG_0599.EXE/10437_4.PDF.pt> Acesso em 12/12/07

TESNIÈRE, Lucien. *Eléments de syntaxe structural*. Paris: Klincksieck, 1959.

VALE, Oto Araújo. *Expressões Cristalizadas do Português do Brasil: uma proposta de tipologia*. Tese (doutorado) Araraquara: Unesp, 2001.

WELKER, Herbert Andreas. A valência verbal em três dicionários brasileiros. In: *Linguagem e Ensino*. Vol. 8, nº 1. Universidade de Brasília: 2005.